



2020



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Engenharia

Os Contornos do Luto - Entre a Arquitectura e o Rito.
Tanatório em Lousada

Ana João Magalhães Vieira

Os Contornos do Luto - Entre a Arquitectura e o Rito. Tanatório em Lousada

Ana João Magalhães Vieira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
Mestrado Integrado

Orientadora: Prof.^a Doutora
Andreia Sofia Oliveira Garcia

Covilhã, Setembro de 2020



Os contornos do luto Entre a Arquitectura e o Rito Tanatório em Lousada

Ana João Magalhães Vieira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura
Mestrado integrado

Orientadora: Prof.^a Doutora Andreia Sofia Oliveira Garcia

Setembro de 2020

A ti, avô.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Andreia Garcia, pela sua orientação e disponibilidade que dedicou a este trabalho mas, principalmente por acreditar em mim.

Ao Nuno, pelo companheirismo e compreensão neste percurso.

Aos meus pais, pela dedicação e por todo o apoio em todas as etapas da minha vida.

Um especial agradecimento ao Davide, à Mariana e à Jessica pela amizade e por toda a ajuda neste processo.

Grata por tudo, a todos.

Resumo

Conceptualizando um futuro na alçada dos problemas de hoje, surge a vontade de renovar ideologias para que se enfrente com outros olhos o fim certo.

Com base teórica na História da Arquitectura e os lugares contemporâneos dos rituais fúnebres, com o intuito de dar o devido valor à vida-vivida de quem parte para a eternidade e, respeitando sempre as emoções de quem vê partir, pretende-se com a proposta dar forma e espaço ao luto, através de uma solução racional e sensorial, dialogando com o local e, tendo sempre o utilizador como protagonista.

Sendo o *locus* a intervir uma vila de tradições, propõe-se a introdução de um novo costume, que seja comum às freguesias do concelho Lousada, de forma a desmistificar e alargar mentalidades, projectando um espaço que acolhe as emoções do luto, um espaço transversal a religiões, etnias e géneros, um espaço uno, comum a tudo e a todos.

Camuflado numa floresta de Bétulas, propõe-se enraizar de forma aparentemente submersa o Tanatório de Lousada, que resguardado dos ruídos e do ambiente citadino da vila, conserva o isolamento e respeito necessários ao momento, respondendo às diferentes etapas do processo do luto. A arquitectura circular do edificado representa uma analogia do ciclo da vida, em que o começo é também o fim, remetendo também para uma bolha com atmosfera controlada e protegida. Assumindo uma geometria de planta circular, o tanatório e o columbário alinham-se num diálogo frente a frente, tocando-se no ponto de preparação para o ritual final, distinguindo-se pela transição do ambiente interior para o exterior e pelo vale destinado ao bosque de Ciprestes.

Esta proposta explora diferentes tipologias de espaços, criando uma narrativa nas diferentes conjugações de luz, amplitude e materialidade dos mesmos, proporcionando ao utilizador a liberdade de sentir.

Palavras-chave

Arquitectura fúnebre; Lousada; Luto; Rituais fúnebres; Tanatório

Abstract

Conceptualizing a future in the face of today's problems, there is a desire to renew ideologies so that we can face the certain end with different eyes.

Based on the history of architecture and the contemporary places of funeral rituals in the context of need to value the life of those who leave for eternity and, always respecting the emotions of those who see them leave, the proposal aims to give shape and space to mourning through a rational and sensory solution, adapted to the topography of the place, always having the user as the protagonist.

As the project takes place on a village of traditions, the introduction of a new custom, which is common to parishes in the Lousada county, is idealized in order to demystify and broaden mentalities, projecting a space that welcomes the emotions of mourning, a transversal space to religions, ethnicities and genders, a space common to everything and to everyone.

Camouflaged in a birch grove, it's proposed to apparently submerge the Lousada Tanatorium, which is protected from the noise and city environment of the village, preserving the isolation and respect needed at the moment, responding to the different stages of the mourning process. The circular architecture of the building represents an analogy of the life cycle, in which the beginning is also the end, also referring to a controlled and protected bubble atmosphere. Assuming a circular plan geometry, the tanatorium and the columbarium aligned face to face, touch each other at the point of preparation for the final ritual, being distinguished by the transition from the interior environment to the exterior and the valley destined to the cypress garden.

This proposal explores different types of spaces, creating a narrative in the different combinations of light, breadth and materiality, giving the user freedom to feel.

Keywords

Funeral Architecture; Funeral Rituals; Lousada; Mourning; Tanatorium.

Índice

PARTE I - INTRODUÇÃO.....	1
1. OBJECTIVOS DO TRABALHO.....	1
2. METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO.....	3
3. JUSTIFICAÇÃO DO TEMA	5
4. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	7
5. CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA.....	11
5.1 <i>Visitas ao local e primeiras considerações</i>	11
5.2 <i>Conceito</i>	17
PARTE II – REFLEXÃO	23
1. ESTUDO DA SOCIEDADE	23
1.1 <i>O Homem e a Morte</i>	23
1.1.1 Rituais Fúnebres – Religião e Morte.....	27
2. <i>A Religião no séc. XXI</i>	35
2.1 A Divindade na Actualidade.....	35
2.2 O Futuro das Religiões.....	36
3. TAXA DE MORTALIDADE ACTUAL	37
4. ENTERRO OU CREMAÇÃO?	43
4.1 Cremação – origem e alcance.....	45
4.2 Processo da cremação	53
4.3 A prática da cremação em Portugal.....	53
5. ARQUITECTURA FÚNEBRE	57
6. COMPILAÇÃO E ANÁLISE DE PROJECTOS-REFERÊNCIA.....	99
<i>Tanatório de Léon (2000) - BAAS</i>	100
<i>Crematório de Siesegem (2018) – KAAN Architecten</i>	102
<i>Museu do Guggenheim (1959) – Frank Lloyd Wright</i>	106
<i>Templo da Água (1991) – Tadao Ando</i>	108
PARTE III – PROJECTO	113
1. PROCESSO	113
2. ANEXO DE PEÇAS DESENHADAS	125
3. EPÍLOGO.....	127
PRÓLOGO.....	149
CONCLUSÃO.....	165
BIBLIOGRAFIA.....	167

Lista de Figuras

FIG. 1 ORGANOGRAMA DE METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO.....	3
FIG. 2 ORGANOGRAMA DE ESTRUTURA DO TRABALHO.....	7
FIG. 3 ESQUIÇO CONCEPTUAL. FONTE: AUTORA.....	9
FIG. 4 LOCALIZAÇÃO DO CONCELHO DE LOUSADA NO PAÍS. FONTE: GOOGLE EARTH. CONSULTADO A: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.GOOGLE.COM/INTL/PT-PT/EARTH/	11
FIG. 5 LOCALIZAÇÃO DA ZONA DE INTERVENÇÃO EM LOUSADA E ELEMENTOS CIRCUNDANTES. FONTE: GOOGLE EARTH, ADAPTAÇÃO GRÁFICA PELA AUTORA. CONSULTADO A: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.GOOGLE.COM/INTL/PT-PT/EARTH/	12
FIG. 6 LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO LOCAL A PROJECTAR. FONTE: AUTORA.....	15
FIG. 7 DIAGRAMAS CONCEPTUAIS DE DESCONTINUIDADE VERTICAL.....	17
FIG. 8 ILUSTRAÇÃO DA REVISTA URBANIA, REVISTA DE ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA DE LAS CIUDADES... 18	18
FIG. 9 IMAGEM AÉREA DA ZONA DO CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO, COMPARATIVAMENTE À ORGANIZAÇÃO DA CIDADE DO PORTO. FONTE: GOOGLE EARTH, ADAPTAÇÃO PELA AUTORA. CONSULTADO A JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://EARTH.GOOGLE.COM/WEB/	18
FIG. 10 DIAGRAMAS CONCEPTUAIS DE DESCONTINUIDADE HORIZONTAL. FONTE: AUTORA.....	19
FIG. 11 - DIAGRAMA DE PONTO COMUM E ESQUIÇOS DE RELAÇÃO TANATÓRIO-COLUMBÁRIO E PERCURSOS EM ESPIRAL . FONTE: AUTORA.....	20
FIG. 12 VARIAÇÃO DA TAXA DE MORTALIDADE DE ACORDO COM O PAÍS, COM CORRESPONDÊNCIA À TONALIDADE DA COR: QUANTO MAIS ESCURA MAIOR A TAXA DE MORTALIDADE. CONSULTADO EM FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.INDEXMUNDI.COM/	37
FIG. 13 MAPAS INDICADORES DA TAXA BRUTA DE MORTALIDADE EM PORTUGAL NOS ANOS DE 1960, 2009 E 2018. FONTE: PORDATA. CONSULTADO EM: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.PORDATA.PT/MUNICIPIOS/TAXA+BRUTA+DE+MORTALIDADE-367	38
FIG. 14 MAPA INDICADOR DA TAXA BRUTA DE MORTALIDADE EM LOUSADA, NOS ANOS DE 1960, 2009 E 2018. FONTE: PORDATA. CONSULTADO EM: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.PORDATA.PT/MUNICIPIOS/TAXA+BRUTA+DE+MORTALIDADE-367	39
FIG. 15 POPULAÇÃO EM PORTUGAL, VARIAÇÃO POPULACIONAL ANUAL, POR MIL HABITANTES. FONTE: OBSERVADOR, EMITIDO A JULHO DE 2019, CONSULTADO EM FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://OBSERVADOR.PT	40
FIG. 16 GRÁFICO REPRESENTATIVO DA DENSIDADE POPULACIONAL DE LOUSADA COMPARATIVAMENTE COM O RESTO DO PAÍS. FONTE: INE. CONSULTADO EM: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://POPULACAODISTRITODOPORTO.JIMDOFREE.COM/LOUSADA/	41
FIG. 17 GRÁFICO DE NÚMERO DE INDIVÍDUOS POR KM2. FONTE: PORDATA. CONSULTADO EM: FEVEREIRO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.PORDATA.PT/MUNICIPIOS/TAXA+BRUTA+DE+NATALIDADE-366	41
FIG. 18 EVOLUÇÃO DA CREMAÇÃO EM PORTUGAL DE 1985 A 2011. FONTE: XISTO, BRENDA ORVALHO DE OLIVEIRA. "ASSUNTO ENCERRADO?" ATITUDES CONTEMPORÂNEAS PERANTE A MORTE E A CREMAÇÃO EM LISBOA. TESE DE MESTRADO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL. LISBOA: INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.....	44
FIG. 19 RELAÇÃO CREMAÇÃO VS FUNERAIS 1997-2011. FONTE: XISTO, BRENDA ORVALHO DE OLIVEIRA. "ASSUNTO ENCERRADO?" ATITUDES CONTEMPORÂNEAS PERANTE A MORTE E A CREMAÇÃO EM LISBOA. TESE DE MESTRADO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL. LISBOA: INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.....	44
FIG. 20 MAPA COM PERCENTAGENS DE NÚMERO DE CREMAÇÕES POR PAÍS NA EUROPA NO ANO DE 1996. FONTE: THE CREMATION SOCIETY - INTERNATION STATISTIC 1996. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.CREMATION.ORG.UK/INTERNATIONAL-STATISTICS-1996	49

FIG. 21 ESTATÍSTICA DA PERCENTAGEM DE NÚMERO DE CREMAÇÕES NA EUROPA NO ANO DE 2018. FONTE: THE CREMATION SOCIETY - INTERNATIONAL STATISTIC 2018. CONSULTADO EM JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.CREMATION.ORG.UK/INTERNATIONAL-CREMATION-STATISTICS-2018	50
FIG. 22 DÓLMEN DE SANTA MARIA E MENIR DE LUZIM - DE GRANITO COM CERCA DE 2M DE ALTURA, PENAFIEL. FONTE: SITE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.CM-PENAFIEL.PT/VISITAR-PENAFIEL/MONUMENTOS/IMOVEIS-DE-INTERESSE-PUBLICO/MENIR-DE-LUZIM/ ...	59
FIG. 23 MODELO DE ETEMENANKI (TORRE DE BABEL), ZIGURATE DEDICADO AO DEUS MARDUK. FONTE: MUSEU BRITÂNICO. CONSULTADO A: MARÇO DE 2020.....	61
FIG. 24 MONUMENTOS FUNERÁRIOS EGÍPCIOS. FONTE: : J. M. SIMÕES FERREIRA NA DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM TEORIAS E HISTÓRIA DAS IDEIAS, FCSH/UNL, 2005, INTITULADA DE ARQUITECTURA PARA A MORTE - A QUESTÃO CEMETERIAL E SEUS REFLEXOS NA TEORIA DA AQUITECTURA. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020.	63
FIG. 25 ANTIGOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS OU CEMITÉRIO NO CRUZAMENTO DA VIA APPIA COM VIA ARDEATINA. FONTE: J. M. SIMÕES FERREIRA NA DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM TEORIAS E HISTÓRIA DAS IDEIAS, FCSH/UNL, 2005, INTITULADA DE <i>ARQUITECTURA PARA A MORTE - A QUESTÃO CEMETERIAL E SEUS REFLEXOS NA TEORIA DA AQUITECTURA</i> . CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020.	65
FIG. 26 CEMITÉRIO DOS SANTOS INOCENTES, PARIS. FONTE: J. M. SIMÕES FERREIRA NA DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO EM TEORIAS E HISTÓRIA DAS IDEIAS, FCSH/UNL, 2005, INTITULADA DE <i>ARQUITECTURA PARA A MORTE - A QUESTÃO CEMETERIAL E SEUS REFLEXOS NA TEORIA DA AQUITECTURA</i> . CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020.	67
FIG. 27 CENOTÁFIO DE ISAAC NEWTON - ARQUITECTURA DE BOULLÉ. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO A JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/01-158245/ARQUITETURA-ENSAIO-SOBRE-A-ARTE-SLASH-ETIENNE-LOUIS-BOULLEE	69
FIG. 28 CEMITÉRIO DE JACQUES DENIS ANTOINE (1781-1782) - BEAUX ARTS. FONTE: MARIA OLIVEIRA, NA TESE DE DOUTORAMENTO EM ARQUITECTURA, INTITULADA DE <i>IN MEMORIAM, NA CIDADE</i> . CONSULTADA EM: JUNHO DE 2020.	71
.....	78
FIG. 29 DIAGRAMA CONCEPTUAL DA EVOLUÇÃO ESPACIOTEMPORAL NA INSERÇÃO DA NECRÓPOLE COM A METRÓPOLE. FONTE: RITA FIGUEIREDO NA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARQUITECTURA, INTITULADA: ESPAÇOS DE SOMBRA, ENSAIO PROJECTUAL DE UM TANATÓRIO PARA O PORTO, FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTO (2019). CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020.	78
FIG. 30 FOTOGRAFIA DE <i>TEMPIO CREMATORIO</i> . FONTE: CEMITEO MONUMENTALE. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://MONUMENTALE.COMUNE.MILANO.IT/	83
FIG. 31 COLECÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE COLUMBÁRIO E CREMATÓRIO DE PÈRE LACHAISE. FONTE: MAISON CRIDEL, POMPES FUNÈBRES DEPUIS 1886. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://CRIDEL.FR/2019/06/LA-PRIVATISATION-DES-CREMATORIUMS-DE-PARIS/	84
FIG. 32 ELEVACÃO DO CREMATÓRIO DO CEMITÉRIO DE PÈRE LACHAISE, PARIS. FONTE: ARCHI/MAPS. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://ARCHIMAPS.TUMBLR.COM/POST/181226025582/ELEVATION-OF-THE-CREMATORIUM-OF-THE-PERE-LACHAISE	85
FIG. 33 CREMATÓRIO DE BERGALIDEN: MAQUETE, PLANTAS, CORTES E ALÇADOS. FONTE: MARIA OLIVEIRA. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020.	87
FIG. 34 CREMATÓRIO DE SKOGSKYRKO GÅRDEN. FONTE: BAO THE BERLINER. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://BAOCHICKAWOWWOW.WORDPRESS.COM/	89
FIG. 35 CREMATÓRIO DE UITZICHT. FONTE: SUMPROJECT+SUMRESEARCH. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.SUM.BE/CREMATORIUM	91

FIG. 36 CREMATÓRIO DE KEDAINIAI. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/216622/CREMATORIUM-ARCHITECTURAL-BUREAU-G-NATKEVICIUS-PARTNERS?AD_SOURCE=SEARCH&AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_PROJECTS	93
FIG. 37 CREMATÓRIO DO ALTO DE S. JOÃO. FONTE: INFORMAÇÕES E SERVIÇOS DE LISBOA. CONSULTADO A JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://INFORMACOESESERVICOS.LISBOA.PT/CONTACTOS/DIRETORIO-DA-CIDADE/CEMITERIO-ALTO-DE-SAO-JOAO	95
FIG. 38 CREMATÓRIO DO PRADO DO REPOUSO. FONTE: JORNAL DE NOTÍCIAS. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.JN.PT/LOCAL/NOTICIAS/PORTO/PORTO/CREMATORIO-DO-PORTO-TRIPLICOU-ACTIVIDADE-EM-SETE-ANOS-2091021.HTML	95
FIG. 39 TANATÓRIO DE MATOSINHOS. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO EM: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/230989/FUNERAL-OF-MATOSINHOS-LUISA-VALENTE?AD_SOURCE=SEARCH&AD_MEDIUM=SEARCH_RESULT_ALL	97
FIG. 40 COLECÇÃO DE FOTOS DO TANATÓRIO DE LÉON. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO A: MARÇO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM/3891/TANATORIO-MUNICIPAL-DE-LEON-BAAS	101
FIG. 41 COLECÇÃO DE FOTOS DE CREMATÓRIO SIESEGEM. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO EM: MARÇO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/908189/CREMATORIO-SIESEGEM-KAAN-ARCHITECTEN	103
TABELA 1 - CONFRONTO DE CARACTERÍSTICAS DAS DUAS REFERÊNCIAS ARQUITECTÓNICAS.....	104
FIG. 42 MUSEU GUGGENHEIM (MANHATTAN) POR FRANK LLOYD WRIGHT. FONTE: ARCHDAILY. CONSULTADO A MARÇO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.ARCHDAILY.COM.BR/BR/798207/CLASSICOS-DA-ARQUITETURA-MUSEU-GUGGENHEIM-FRANK-LLOYD-WRIGHT	107
FIG. 43 TEMPLO DA ÁGUA (1991), PELO ARQUITECTO TADAO ANDO. FONTE: PINTEREST. CONSULTADO A: JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.PINTEREST.CA/PIN/307370743289222352/	109
FIG. 44 ESQUIÇO DE TANATÓRIO DE LOUSADA. FONTE: AUTORA.	111
FIG. 45 SEQUÊNCIA-TESTE CRONOLÓGICA DA LUZ NO EDIFÍCIO. FONTE: AUTORA.	115
FIG. 46 SEQUÊNCIA-TESTE CRONOLÓGICA DA LUZ NO ACESSO AO TANATÓRIO. FONTE: AUTORA.	116
FIG. 47 PÁGINAS DE PRIMEIROS ESBOÇOS, IDEIAS E CONCEITOS. FONTE: AUTORA.	121
FIG. 48 FOTOGRAFIAS DE PRIMEIRA MAQUETE DE ESTUDO – FORMA + CONCEITO. FONTE: AUTORA.	122
FIG. 49 FOTOGRAFIA DE MAQUETE DE ESTUDO - IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA. FONTE: AUTORA.	123
TABELA 2 - DESCRIÇÃO DAS PEÇAS DESENHADAS.....	125
FIG. 50 ILUSTRAÇÃO DE PLANTA DA COBERTURA. FONTE: AUTORA.....	131
FIG. 51 REPRESENTAÇÃO DE ESPÉCIES ARBÓREAS UTILIZADAS.....	133
FIG. 52 ILUSTRAÇÃO DE PLANTA DO PISO -1. FONTE: AUTORA.	134
TABELA 3 LEGENDA DO PROGRAMA DO PISO -1	135
FIG. 53 ILUSTRAÇÃO DE PLANTA DO PISO -2. FONTE: AUTORA.	136
TABELA 4 LEGENDA DO PROGRAMA DO PISO -2.....	137
FIG. 54 ILUSTRAÇÃO PERFIL TRANSVERSAL PELA SALA DE CELEBRAÇÃO. FONTE: AUTORA.	139
FIG. 55 ILUSTRAÇÃO PERFIL LONGITUDINAL PELAS SALAS DE VELAÇÃO. FONTE: AUTORA.	141
FIG. 56 ILUSTRAÇÃO DE PERFIL TRANSVERSAL PELO COLUMBÁRIO. FONTE: AUTORA.	143
FIG. 57 SEQUÊNCIA DE FOTOGRAFIAS DE MAQUETE – EVOLUÇÃO DO BOSQUE DO COLUMBÁRIO. FONTE: AUTORA.	145
FIG. 58 FOTOGRAFIAS DE MAQUETE - TANATÓRIO. FONTE: AUTORA.....	146

FIG. 59 FOTOGRAFIAS DE MAQUETE - COLUMBÁRIO E ENTRADADA PARA TANATÓRIO. FONTE: AUTORA.	147
FIG. 60 COLECÇÃO DE FOTOGRAFIAS ALUSIVAS A LOUSADA E AOS LOUSADENSES DE ANTIGAMENTE. FONTE: REVIVER LOUSADA. CONSULTADO A JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/REVIVERLOUSADA	153
FIG. 61 ILUSTRAÇÃO DE CENA 1 - ACESSO. FONTE: AUTORA.	154
FIG. 62 ILUSTRAÇÃO DE CENA 2 - PERCURSO EM VOLTA DO ESPELHO D'ÁGUA. FONTE: AUTORA.....	155
FIG. 63 ILUSTRAÇÃO DE CENA 3 - ENTRADA PARA TANATÓRIO. FONTE: AUTORA.	156
FIG. 64 ILUSTRAÇÃO DE CENA 4 – PERCURSO DE REFLEXÃO. FONTE: AUTORA.	157
FIG. 65 ILUSTRAÇÃO DE CENA 5 - CERIMÓNIA. FONTE: AUTORA.	158
FIG. 66 ILUSTRAÇÃO DE CENA 6 - PERCURSO DE CORTEJO FÚNEBRE + PERCURSO DE VISITA. FONTE: AUTORA.....	159
FIG. 67 ILUSTRAÇÃO DE CENA 7 - BOSQUE DA MEMÓRIA. FONTE: AUTORA.	160
FIG. 68 ILUSTRAÇÃO DE CENA 8 - PRAÇA DE ACESSO AO CREMATÓRIO. FONTE: AUTORA.	161
CREMATION SOCIETY - INTERNATIONAL STATISTIC 2018. CONSULTADO EM JUNHO DE 2020. DISPONÍVEL EM: HTTPS://WWW.CREMATION.ORG.UK/INTERNATIONAL-CREMATION-STATISTICS-2018	167

Lista de Tabelas

TABELA 1 - CONFRONTO DE CARACTERÍSTICAS DAS DUAS REFERÊNCIAS ARQUITECTÓNICAS.....	104
TABELA 2 - DESCRIÇÃO DAS PEÇAS DESENHADAS.....	125
TABELA 3 LEGENDA DO PROGRAMA DO PISO -1.....	135
TABELA 4 LEGENDA DO PROGRAMA DO PISO -2.....	137

Masler

Parte I - Introdução

1. Objectivos do trabalho

Num contexto histórico sobre a arquitectura fúnebre, procura-se explorar os primeiros vestígios da consciencialização da morte. Para isso são objectivos desta dissertação: investigar a importância do mundo espiritual para o tema e, conseqüentemente, da religião; discutir a evolução das práticas utilizadas no momento de decidir o destino do corpo do falecido e estudar a mais praticada atualmente; enaltecer o olhar atento sobre a sociedade atual recorrendo à importância da empatia no estudo; analisar casos de estudo de arquitetura fúnebre, com o objetivo de questionar todas as vertentes do objeto de estudo.

Este tanatório tem como fim responder às necessidades emocionais de quem faz o luto, recebendo a dor de quem fica, dando espaço ao último contacto com quem parte. Com esta investigação, sublinha-se a importância do tema na sociedade, na sua evolução e no desenvolvimento das cidades e da própria Arquitectura, no entanto, procura-se ir ainda mais além, ou seja, ao desconstruir o tema da morte assumindo-o como um fenómeno natural e que pode e deve ser discutido livremente retirando-o da secção “tabu”, não só pelo desconforto que a sociedade sente pela incerteza e o desconhecido que o tema traz, mas também o facto de este tópico ainda estar profundamente ligado ao mundo religioso que, por vezes, tem a capacidade de conter mentalidades e, é neste sentido que se define a implantação do projeto - moldar mentalidades. A implantação do tanatório tem lugar num ambiente rural, numa aldeia onde a diferença de entendimento entre o enterro e a cremação é notória pela sua percussão bíblica, olhando com desdém para a segunda prática. Procura-se com este projeto mostrar a cremação como um meio igualmente respeitoso e sensível ao processo de luto que se enfrenta nestas situações.

2. Metodologias de Investigação

A presente dissertação encontra-se dividida essencialmente em três partes que dão corpo ao trabalho. Uma primeira parte – *nascer* - de *Introdução*, onde estão registados os objectivos e hipóteses, uma segunda parte – *viver* - de *Reflexão*, que engloba o enquadramento teórico – o *Estudo do Homem* e, *Arquitectura Fúnebre*, e ainda uma terceira parte, o *Projecto*, onde se apresenta todo o processo da proposta projectual, o resultado de todas as componentes anteriores. Por fim – *morrer* - termina-se com a *Conclusão*, o agrupar das últimas reflexões.

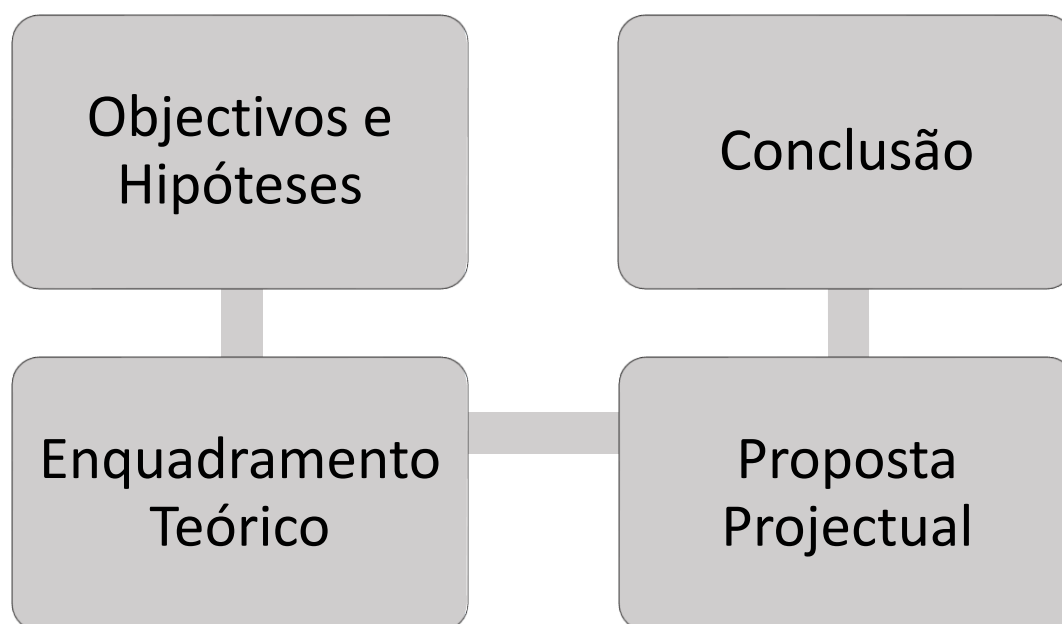


Fig. 1 Organograma de metodologias de investigação

3. Justificação do Tema

A proposta de estudo tem como base a exploração da arquitetura contemporânea cruzando-se com a vertente das emoções e sensações do visitante. Num país envelhecido, cada vez mais tecnológico e, acelerado e menos recetivo às sensações e ao parar para sentir, é importante dar espaço ao sofrimento e ao luto, é importante vivenciar a partida e sobretudo relembrar o vivido e, conseqüentemente, é importante dar continuidade à memória.

Focando na principal religião praticada em Portugal, a religião católica, em que o costume do último ritual se realiza no cemitério, onde o corpo é levado ao jazigo destinado, pode entender-se a importância atribuída ao visitante.

A tradição da visita ao casulo de pedra, frio e encaixotado no meio de dezenas de cópias, transmite frieza e indiferença. Ver a placa de pedra que marca o local do corpo de quem um dia foi, esteve e viveu, cria um distanciamento emocional para com a sensibilidade do lembrar de quem já não está presente. A visita, esporádica ou não, de quem asseia a campa, torna-se uma ação comum, não se perde tempo ao olhar para a pedra que através dos anos continua e continuará exactamente a mesma. O local e a paisagem não pedem conexão sensorial ou emocional, pelo contrário, existe quase como uma indução que obriga a que o visitante seja breve.

Para além da lacuna sensorial e emocional, é necessário olhar o lado logístico, a área ocupada para a construção destes túmulos imortais e estagnados, isto é, sem função futura, tende a aumentar. Necrópoles caracterizadas por arrasar porções da urbe, com a substituição de terra fértil por pedra intocável não renovável.

Apesar da religião católica ser a mais frequente no país, é necessário atender à diversidade religiosa existente assim como a ausência dela, é importante encontrar um equilíbrio, transversal a tudo e a todos, que aceite e envolva os cidadãos apesar das suas diferenças. A criação de um ambiente comum e atento à sociedade na sua generalidade e individualidade, enquanto ser racional, crente e emocional.

Este estudo tem o intuito de explorar até que ponto a arquitetura é sensível ao estado emocional de quem habita o lugar, ainda que por um breve período de tempo mas, num dos momentos mais frágeis do Homem: o luto e o confronto com a morte. O enfoque neste tema fúnebre, deve-se ao facto do luto ser um tema e um estado emocional extremamente sensível e, conseqüentemente, por ser um tema que se evita discutir, ainda que nos rodeie desde os primórdios.

Procura-se identificar qual o processo de luto e como este se manifesta na arquitetura dando apoio ao estado emocional, debruçando-se sobre um estudo da História da Arquitectura e também um

estudo sobre a sociedade, passando inevitavelmente pela questão da religião, que abre caminho a uma nova atenta e sensível arquitetura fúnebre contemporânea.

4. Estrutura do Trabalho

Após definir os objectivos em que este trabalho assenta, apresenta-se a hipótese da proposta que será o resultado final, propõe-se o local a implantar familiarizando-o através da descrição das suas características e, com as devidas visitas ao local, através de um levantamento fotográfico, e ainda, é possível observar-se o desenvolvimento do conceito e forma do projecto do Tanatório em Lousada. De seguida, pretende-se mostrar as principais facetas do presente trabalho, que passam essencialmente por uma vertente teórica e uma outra prática. Inicia-se com a vertente teórica e o seu desdobrar em temas do Estudo da Sociedade, desde o Homem e a morte, passando pela religião e o rito fúnebre, até às questões de estatística demográfica, passando ainda pelo estudo da Arquitectura Fúnebre e análise de casos arquitectónicos. Segue-se então a vertente prática, fundamentada pelo estudo teórico anterior, é aqui onde decorre o processo criativo da proposta projectual que é relatado através de escritos, fotografias, esboços e ilustrações. Por fim, remata-se a dissertação com a conclusão, a partilha do desfecho da absorção dos conhecimentos e a partilha das experiências ao longo do evoluir deste trabalho.

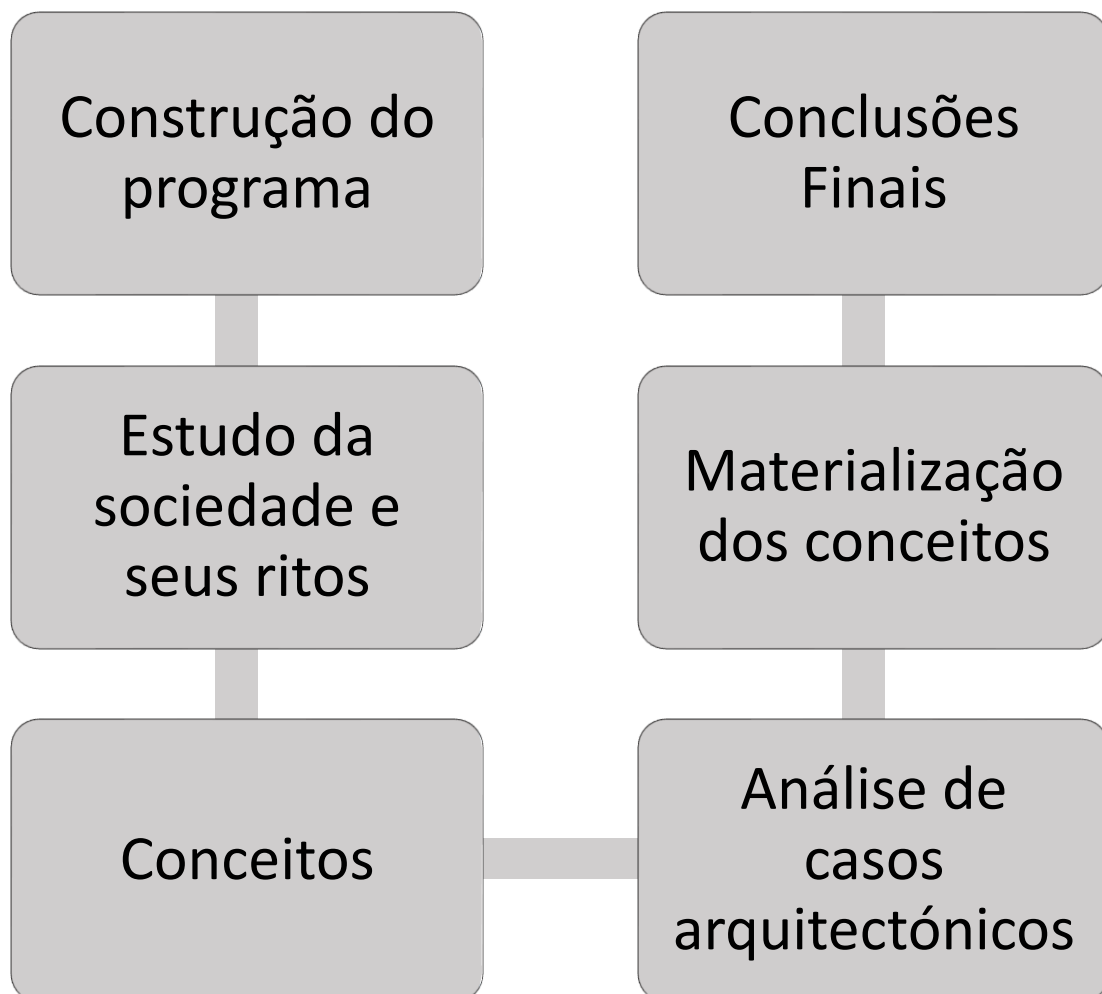


Fig. 2 Organograma de estrutura do trabalho.

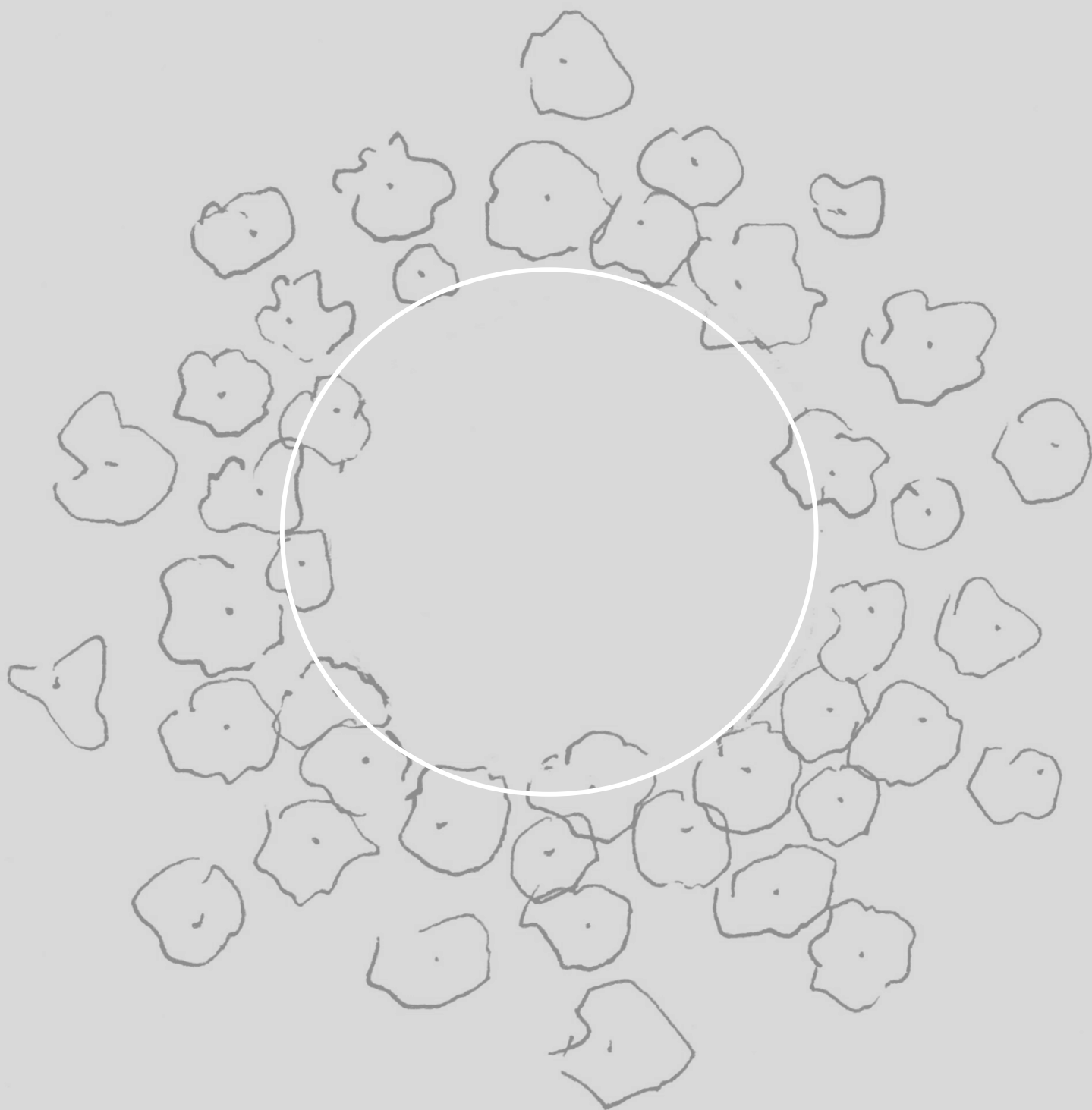


Fig. 3 Esquízo conceptual. Fonte: autora.

5. Construção do programa

5.1 Visitas ao local e primeiras considerações

Lousada é um concelho do distrito do Porto, situando-se a cerca de 45km do Porto. O município é constituído por 15 freguesias e conta com pouco mais de 47.000 habitantes (dados recolhidos em 2015)¹ e, tem dos melhores índices de envelhecimento do país, com um rácio de 92,5% (sabendo que o país apresenta, maioritariamente, um rácio entre os 150,8% e 819,4%) sendo um dos concelhos mais jovens de Portugal continental.²

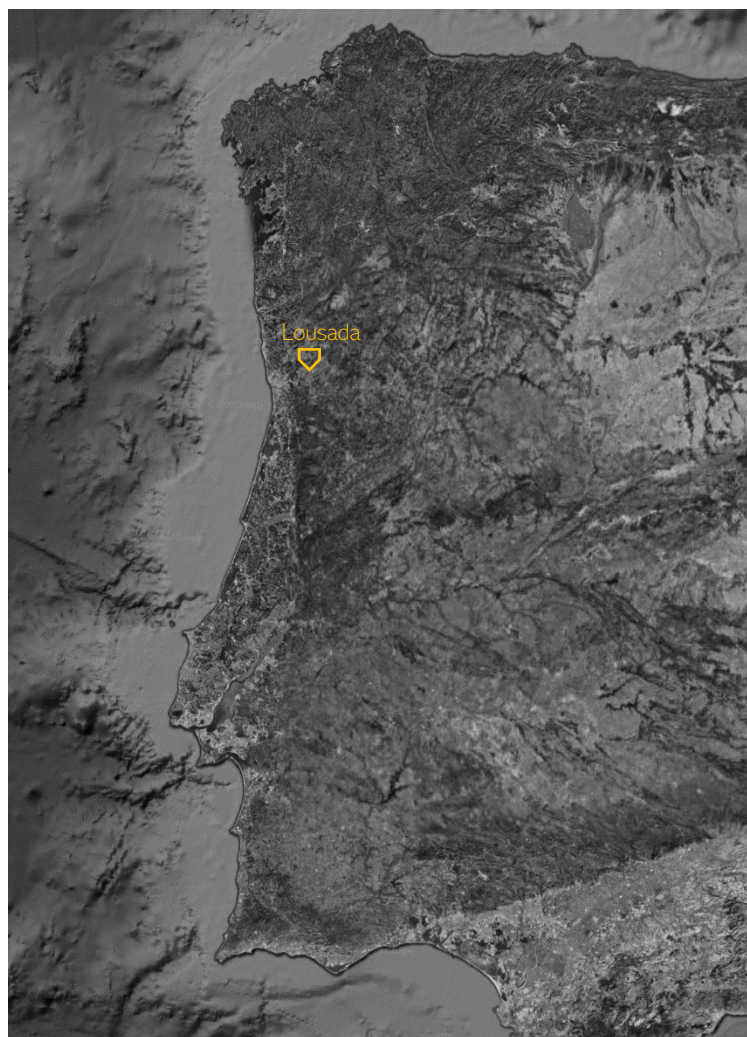


Fig. 4 Localização do concelho de Lousada no país. Fonte: Google Earth. Consultado a: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/>.

1 Célia Domingues e Cynthia Valente (2017, Setembro 26) Lousada: nascem 4 mil por ano no concelho mais jovem. *Diário de Notícias*. Portugal.

2 PORDATA, Base de dados Portugal Contemporâneo. Consultado em Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458>

O concelho de Lousada foi o local escolhido não só pela proximidade e vivência em primeira mão pela própria autora, mas também pelo perfil da sua comunidade, que apesar de jovem, é rodeada de tradições na cultura popular, precisamente criada pelos habitantes do concelho, normalmente ligada à religião e adoração a santos da terra – ver prólogo.

E, nesta capacidade de manter viva a tradição e os costumes, prevalece também as ideologias do povo, posto isto, num ambiente “acomodado” pretende-se abalar um pouco esta linha monótona e contribuir para o transgredir de ideias tão fortemente enraizadas, referentes ao tema religião, mais concretamente, a questão do enterro e cremação, voltados para o tema do presente trabalho.

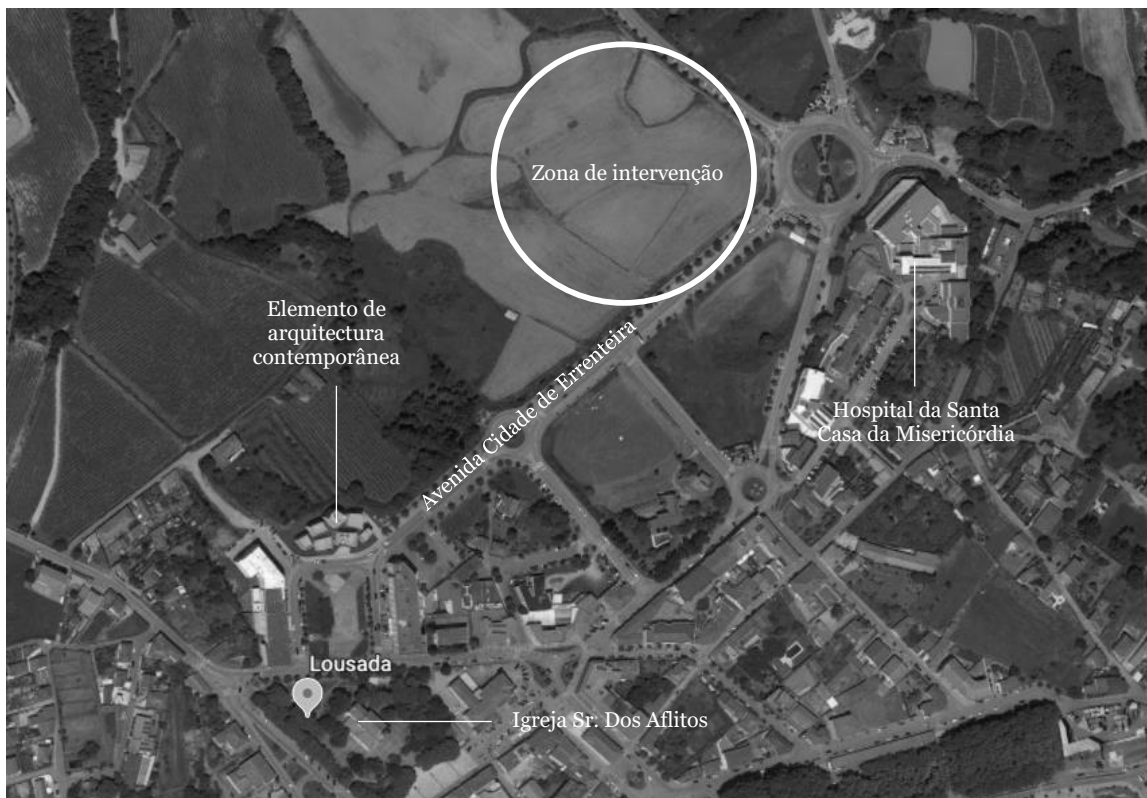


Fig. 5 Localização da zona de intervenção em Lousada e elementos circundantes. Fonte: Google Earth, adaptação gráfica pela autora. Consultado a: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-PT/earth/>.

Depois do estudo geográfico do concelho e a exploração virtual via *Google Earth*, várias foram as opções que se mostraram inicialmente ser potencialmente válidas para a localização do Tanatório mas, o local escolhido por fim, agrupou factores específicos para a implantação do projecto – figura 4 – desde a acessibilidade aos diferentes usuários, por se encontrar próximo dos principais acessos ao concelho, do hospital que serve a vila e ainda, a igreja do Sr. Dos Aflitos, onde seriam realizadas as possíveis tradicionais celebrações fúnebres, passando ainda pela proximidade à arquitectura contemporânea existente – Centro de Interpretação do Românico – culminando no nível de isolamento propício para o erguer deste edifício peculiar, através do afastamento da edificação

circundante (como é possível observar na figura 6) e, a diferença de cotas no local, que será comprovado adiante.

Nas visitas ao local, para além da confirmação das qualidades do local, efectuou-se o levantamento fotográfico do mesmo por todo o perímetro da zona a implantar – figura 5 - não sendo possível entrar na área pois é de carácter privativo. A zona confere ainda uma frente de estacionamento viário já estabelecido, do qual se fez proveito. Comprovou-se ainda o desnível acentuado em relação à avenida adjacente – Avenida Cidade de Errenteira - o que contribuiu para o desenvolvimento do cariz conceptual do projecto, anotando a importância do isolamento e resguardo, não desvalorizando o elemento de contraste entre a urbe e o campo, mais uma das muitas diferenciações que se estabelecem no conceito.



Fig. 6 Levantamento fotográfico do local a projectar. Fonte: autora

5.2 Conceito

“Nada antiguo renasce de nuevo, pero tampoco desaparece por completo. Y lo que ha existido alguna vez, siempre reaparece revestido de una nueva forma” Alvar aalto, De palabra y por escrito, 1923

O conceito nada mais é que uma colagem de referências consideradas, hipóteses riscadas em papel e intenções impostas, tendo sempre em consideração o local e a *terra*. Questões que se levantam e que se procuram responder como: Qual a relação com a envolvente? Onde começa? Onde termina? Como pertencer à terra? Qual a forma? Quais as intenções? No fundo, como enraizar um projecto desta natureza, neste local, nestes dias de hoje?

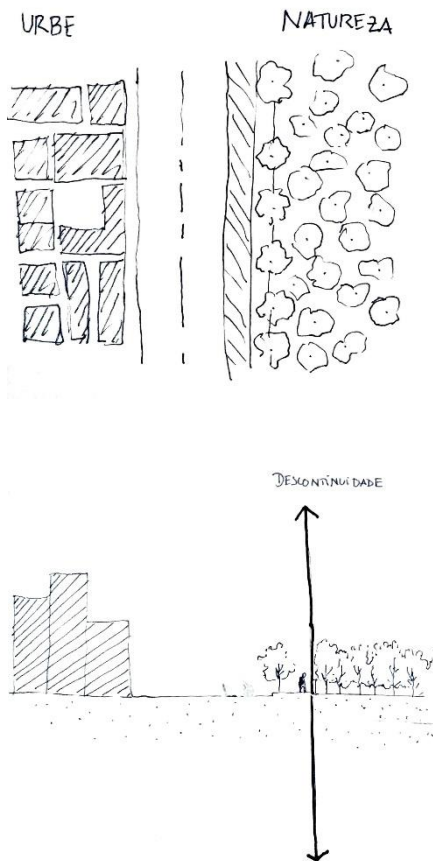


Fig. 7 Diagramas conceptuais de descontinuidade vertical.

Pretende-se inicialmente idealizar o projecto com base nestas 3 premissas: resguardo, introspecção, acatamento. Por se tratar de um tanatório e cujo programa se distingue do restante edificado da vila, partiu-se desse mesmo princípio, o do contraste, em que a Avenida Cidade de Errenteira é a linha de descontinuidade vertical entre o ambiente citadino da vila e o ambiente rural da zona a edificar, marcando o contraste, respectivamente, entre a vivalma, o ruído, o movimento, as arestas das edificações, o fabricado, a rigidez e os seus limites recortados e, a calma, a espontaneidade, a natureza e a organicidade, não esquecendo ainda a discrepância emocional e sensorial entre a vivência dos dois ambientes. Para enfatizar a barreira cidade-Natureza, agitação-acatamento, enraíza-se uma floresta de Bétulas prateadas que cria um afastamento entre a avenida e o tanatório, contribuindo para o isolamento sonoro e a camuflagem do projecto. Este confronto de frentes, o fabricado e o espontâneo, delimita abruptamente o começo do espaço destinado ao tanatório e implica ao visitante uma mudança de estar e de viver o espaço totalmente diferente. Aqui é onde começa um novo cosmos.

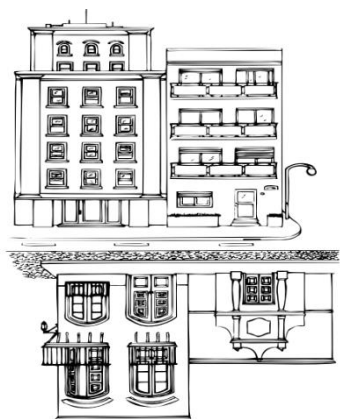


Fig. 8 Ilustração da revista Urbania, revista de arqueologia e história de las ciudades.

Para além desta descontinuidade vertical, é também assumida uma descontinuidade horizontal. Inicia-se uma correspondência entre a morte da cidade e a morte humana. Porque as pessoas fazem a cidade, vivem na cidade, morrem na cidade e a cidade morre com elas. As cidades também nascem, vivem e morrem, e sobre os traços das antigas urbes – cidade morta – brota à superfície a cidade nova – cidade viva.³

Convoca-se a atenção, neste momento do trabalho, para a distinção entre a cidade dos mortos - necrópole – e a cidade dos vivos – metrópole. Nas suas ruas e avenidas, zonas luxuosas com os seus mausoléus e zonas mais humildes com sepulturas, vê-se aqui uma reduzida réplica sistemática do mundo dos vivos. Nesta “mini cidade”, os habitantes têm os mesmos nomes, os mesmos gostos, a mesma hierarquia que na cidade a que pertenciam, a linha que os separa é a superfície, a linha entre o solo e o subsolo, uma simetria em que acima caminham os vivos e abaixo descansam os mortos e uma única porta os separa, a campa que se abre por breves instantes.⁴ Acolhe-se o poder dessa linha de descontinuidade horizontal.



Fig. 9 Imagem aérea da zona do Cemitério do Prado do Repouso, comparativamente à organização da cidade do Porto. Fonte: Google Earth, adaptação pela autora. Consultado a Junho de 2020. Disponível em: <https://earth.google.com/web/>

3 Landa, C. Las ciudades y la memoria o la memoria de las ciudades. Disquisiciones para olvidar el olvido. *Urbania, Revista de arqueología e historia de las ciudades*, 4 (2015), ISSN 1853-7626, Arqueocoop Ltda. Buenos Aires, p. 1.

4 Miranda, Nelson (2002/2003). *Espaços da morte. Reflexões e pontos de partida para uma investigação*. Prova final para licenciatura em arquitetura, FAUP, p.28.

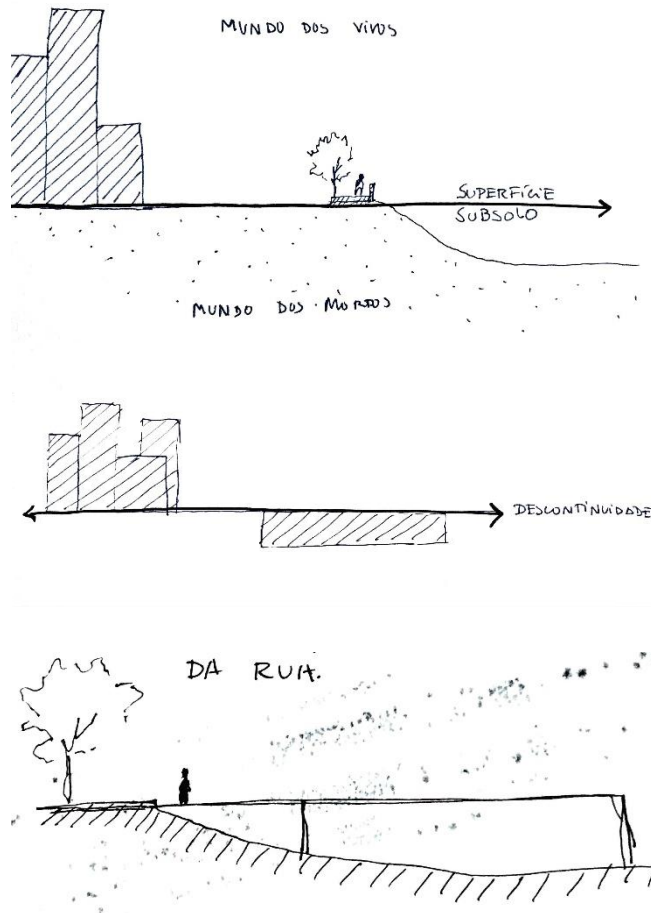


Fig. 10 Diagramas conceptuais de descontinuidade horizontal.
Fonte: autora.

Aproveitando a convidativa discrepância de cotas já mencionada, desenha-se uma linha imaginária horizontal que será o fio condutor para a implantação do edifício no terreno, a partir desta, submerge-se o projecto de forma a que o limite de descontinuidade se prolongue pela cobertura do mesmo, atendendo à necessidade de resguardo. O utilizador entra assim na porta da “nova cidade” ao romper essa descontinuidade horizontal imposta. Nasce aqui a posição do tanatório em relação ao terreno.

Anexando este elemento contrastante com a necessidade de resguardar este habitáculo de cariz respeitoso, surge a forma arquitectónica da planta: o círculo. A forma circular, para além de sugerir o contraste com a rigidez, as arestas e os limites recortados das construções em volta, remete para a criação de um núcleo,

uma atmosfera própria, uma bolha, voltada para dentro, vincando o resguardo, introspecção e acatamento necessários, isolando-o do caos emocional e sensorial da vila. Propõe-se o Tanatório, com função de dar tecto aos rituais de despedida e espaço para viver o luto.

O agrupar de um outro segundo elemento circular, parte da ideia do ciclo da vida: o que a Natureza cria, também lhe é devolvido. Estes dois elementos cruzam-se num ponto comum aos dois, a entrega de cinzas, que é o ritual final no tanatório e, simultaneamente, o ritual inicial do columbário - o fim é também o começo. Os dois fundem-se num momento de descontinuidade funcional, a diferenciação da etapa da despedida para a etapa da devolução à Natureza, em que um vale de ciprestes-dos cemitérios é circundado por um conjunto de duas espirais circulares pedonais, remetendo à analogia dos tradicionais cortejos fúnebres que antecedem ao enterramento do falecido, que conduzem ao estádio final - a deposição das cinzas, onde o cipreste destinado a esse depósito de cinza, inicia um novo ciclo de vida em que o que morreu permanece vivo através da Natureza, do cipreste.

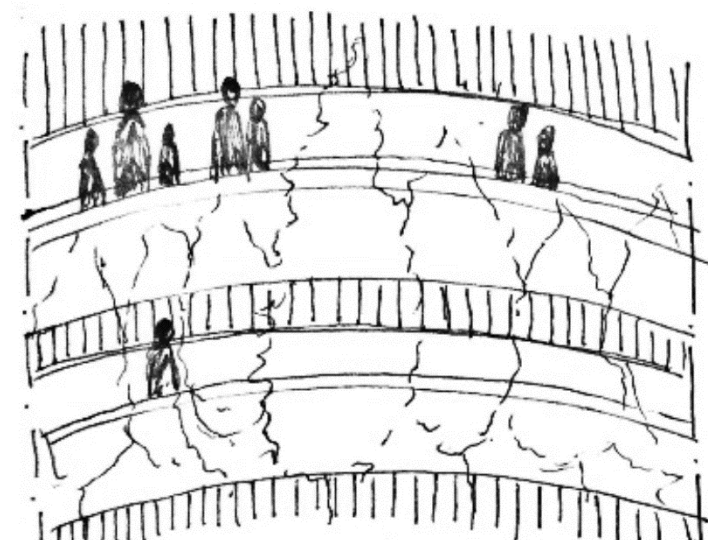
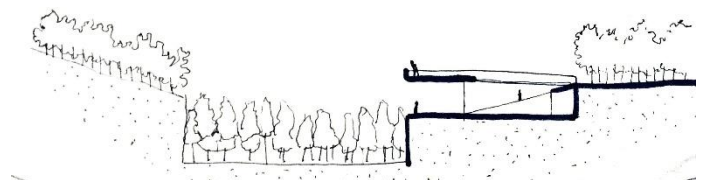


Fig. 11 - Diagrama de ponto comum e esboços de relação tanatório-columbário e percursos em espiral. Fonte: autora.

river

Parte II – Reflexão

1. Estudo da Sociedade

1.1 O Homem e a Morte

Na definição literária de morte, surgem conceitos como a *interrupção definitiva da vida*; o *termo da existência*; a *extinção total*; a *destruição*; a *causa de ruína*; a *desgraça*; um *grande desgosto*; o *sofrimento intenso*; *pesar ou angústia*.⁵ Mas, de onde vem todo este sofrimento, medo, ansiedade a angústia de algo que é tão inato quanto viver?

Desde o início da existência, o Homem depara-se com a existência da morte e o ciclo da vida. Estabelece-se que existem, para o Homem, dois modos de estar: estar vivo e estar morto. Esta “interrupção da vida” marca a fronteira entre o estar neste mundo e passar para o lado de lá: quanto à matéria – que é destruída, que cai em ruína – a morte marca a fronteira entre o orgânico (o corpo) e o inorgânico (não-corpo).⁶ Biologicamente falando, Morin⁷ afirma que a característica do ser vivo é a sua imortalidade: pegando no ser mais simples, a célula, esta vive infinitamente reproduzindo-se, propagando as suas características através da matéria. Aqui o que morre é a existência e não a matéria.⁸

Realizando agora um paralelismo de suposição entre a biologia e a psicologia, digamos que talvez por isto o homem sinta necessidade de deixar a sua marca no mundo, para que se propague uma extensão de si mesmo, inclusivamente quando deixar de existir, algo que talvez se tenha iniciado na Idade Moderna, como se poderá estudar mais à frente. Existe um lado vital da morte, a noção da morte faz com que se viva e se faça viver: *o medo da morte é fundador da cultura [...] Esse medo funciona como pivô e como motor de todas as civilizações. A partir do desejo de perenidade, se desenvolvem as instituições, as crenças, as ciências, as artes, as técnicas e mesmo as organizações políticas e econômicas [...] o medo da morte força-nos a viver - a nos relacionar, a procriar, a criar, a construir coisas que nos transcendam*.⁹ Então, mas sem a morte, não se viveria? O ser humano tem a capacidade da consciencialização da morte, embora seja algo que o possa amedrontar e até paralisar, não seria a perda dessa capacidade, um retrocesso na história da evolução do Homem?¹⁰ A consciência de que existe um fim, resulta na constante procura de significado em cada obra, faz com que viver tenha outro significado, outra força, outro alento.

5 Infopédia.pt, Dicionários Porto Editora, 2019

6 Miranda, Nelson (2002/2003). *Espaços da morte. Reflexões e pontos de partida para uma investigação*. (Prova final para licenciatura em arquitetura), FAUP, p. 13.

7 Edgar Morin é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, autor do livro *O homem e a morte*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1970.

8 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, (1992), p. 2.

9 Luce des Aulniers, responsável pela disciplina de estudos sobre a morte, da Universidade do Quebec, Canadá. Entrevista para artigo *A história da morte*. Super Interessante, por Maria Fernanda Vomero, 2006.

10 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, (1992), p. 2.

A morte, é inerente no desenvolvimento da vida humana, que não se pense que a morte é apenas um problema de final de vida, surge quando ainda novos, pelas primeiras experiências de perda afectiva, como um medo do desconhecido e o desamparo, por exemplo, quando em criança a mãe se ausenta, sente-se aí a ruptura do afecto e conforto maternal, dá-se uma pequena morte-em-vida. A criança chora, desespera, faz o seu luto e depois se conforma, tal e qual um adulto. Mais tarde a perda de animais de estimação ou ainda, avós ou tios, nas notícias, na televisão, presença sempre a condição da morte. Ainda na adolescência, existe o desafio típico da condição de se ser adolescente, desafia-se a vida, rompem-se limites – isso é viver.¹¹ A consciencialização da própria morte, mesmo na fase adulta, pode ainda ser uma ideia distante, etapas como ter um emprego, estabilizar a vida emocional, criar família, são processos que despendem demasiado tempo e energia, são “distracções” da absorção dessa consciência da morte. Chega a metanoia, termo apresentado por Jung,¹² que consiste na chegada ao topo da montanha, a idade onde se atinge o pico da vida e se olha para trás avaliando os feitos e as conquistas, no fundo, um balanço da existência até aquele momento. E é aqui que se desce desta curva, até agora ascendente: *quando se chega ao topo da montanha e se admira a paisagem em volta, a descida parece obrigatória.*¹³ Aqui, o primeiro impacto com a consciencialização da própria morte apresenta-se firmemente e, traduz-se numa nova perspectiva em relação à vida, um novo significado - admite-se o tempo. Já na velhice, cabe a cada um dar o protagonismo que pretende: à vida ou à morte. Muitas são as vidas que se vêm ter maior significado nos últimos anos, pois é aí que se encontra toda a experiência e aprendizagem, e é aí que o verdadeiro significado da vida se mostra.¹⁴ Não seria tão melhor vivê-la assim desde o primeiro fôlego?

O medo ou a ansiedade da morte abrange todas e qualquer pessoa, independentemente da sua idade, sexo, religião. Existem vários tipos de medo/ansiedade perante a morte, repare-se, que medo e ansiedade estão fortemente conectados quando o tema é a morte.¹⁵ O medo e a ansiedade são emoções muito semelhantes, o que as difere é a concretude do objecto, enquanto que no medo se consegue identificar o motivo, na ansiedade é incerta a sua definição.¹⁶ Dependendo da ideia que o sujeito tem da morte, a emoção será o medo ou a ansiedade. As diferenciações do medo/ansiedade da morte, segundo Kastenbaum,¹⁷ resumem-se a duas primeiras vertentes: a morte do próximo – o medo do abandono, e a própria morte – consciência da própria finitude, incerteza de como e quando será o fim. Após estas duas vertentes, seguem outras três : medo de morrer – quanto á própria morte consiste no medo do sofrimento e indignidade, quanto à do próximo, ver o sofrimento e desintegração, originando sentimentos de impotência; medo do que vem após a morte – quanto à

11 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*. Casa do Psicólogo (1992), p.6.

12 Carl Gustav Jung foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a psicologia analítica.

13 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*, p.7.

14 *Ibidem*.

15 *Ibidem*, p14.

16 Strongman, K.T (1996). *The psychology of emotion – Fourth Edition*. Traduzido por José Nunes de Almeida, 2ª edição (2004). Cimepsi Editores. Lisboa, p. 148.

17 Robert Kastenbaum foi um sociólogo e psicólogo, autor do livro *Psicologia da Morte* (1983).

própria morte, o medo do julgamento divino, quanto à do outro, o medo da retaliação e perda da relação; e medo da extinção – diante a própria morte, a ameaça do desconhecido, o não-ser, quanto à morte do próximo, vulnerabilidade pela sensação de abandono.¹⁸

Muitas são as derivações destes medos ou ânsias, pela sua imensidão, algum deles fará parte da nossa vida.¹⁹ Para Feifel²⁰, os factores que influenciam como o sujeito contém o medo da morte, passam pela maturidade psicológica, a sua capacidade de enfrentamento, orientação religiosa e o seu envolvimento e, a sua idade.²¹

A morte é uma constante existência ao longo da vida e cabe ao ser humano decidir como lidar com ela, baseado na sua história de vida, personalidade e esforço pessoal em enfrentar o tema.²²

Nos dias de hoje, e respondendo ainda à questão inicial, a morte pode ser vista como um fenómeno natural, mas sim como um fracasso, um erro, uma impotência e, por isto, deve ser ocultada.²³ Esta persistência em manter o tema em tabu, esconder a morte diante dos nossos olhos, empurra o assunto para o fundo da nossa consciência e, conseqüentemente, no momento que acontece, o choque é maior, inicia-se quase como uma incompreensibilidade do que está a acontecer. *A sociedade actual expulsou a morte para proteger a vida.*²⁴ É imperativo mostrar que nada se alterou, que não existe sinais que a morte se deu, por isto, se prolonga a existência nos hospitais, assistida mecanicamente - existência é o termo, porque se duvida que seja vida.²⁵ Conseqüentemente, as morte também se dão nos hospitais, longe da vista dos que ficam, por ser mais fácil e eficaz lidar com ela, empresas tratam de vestir e embelezar o corpo como se não estivesse morto, todo o cuidado com o defunto é feito por pessoas externas, de modo a poupar a família e amigos.

No mundo ocidental, não se está preparado para enfrentar a morte, vive-se evitando-a, vive-se num louvar da vida e um terror à morte, e não se pratica a *Arte de Morrer*²⁶, em que a pessoa é *iniciada ou psiquicamente treinada para encontrar a morte, como se tivesse sido orientada por um guru, amigo ou parente na ciência da morte,*²⁷ como é o caso da sociedade oriental.

*“Segundo as declarações dos mestres iogues, quando a humanidade houver amadurecido e fortalecido espiritualmente, a morte será vivida extaticamente, num estado conhecido pelos orientais como samadhi. Através da correta prática de uma fidedigna Arte de Morrer, a morte terá então perdido o seu estado negativo e redundará em vitória.”*²⁸

Este antagonismo, entre o ser e o deixar de ser, a vida e a sua anulação, é inexorável.

18 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*, p. 15.

19 *Ibidem*, p.16.

20 Herman Feifel foi um psicólogo americano, autor do livro *The Meaning of Death* (1959).

21 Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*, p. 16.

22 *Ibidem*, p. 26.

23 *Ibidem*, p. 38

24 *Ibidem*.

25 *Ibidem*, p. 40.

26 *Ibidem*, p. 44.

27 *Ibidem*, p. 45.

28 *Ibidem*.

A morte está carregada de simbolismos e intenções, trata-se de um elemento volátil, culturalmente falando, numa sociedade que procura paz e o triunfo sobre a morte.²⁹ É uma variante na existência humana e varia conforme o contexto cultural.³⁰

Durante a vida, lidar com a morte causa uma *ruptura ontológica*³¹. Não se aceita levemente a perda de um ente querido, o desaparecimento rompante. Como momento de clausura, de ultrapassagem e de encerramento dessa ruptura, entre o real e o imaginário, surgem os rituais, um método para apaziguar a dor que a morte traz e, no fundo, trazer de volta uma estabilidade ao mundo dos vivos, entregando os corpos ao mundo dos mortos. Um equilíbrio dos dois mundos.³²

29 Machado, Carlos. *Cuidar dos Mortos*. Instituto de Sintra (1999), Gráfica European, Lda, p. 11.

30 Kavács, p. 31.

31 *Ibidem*.

32 *Ibidem*.

1.1.1 Rituais Fúnebres – Religião e Morte

O que poderia ser mais universal que a morte? Enterram-se ou cremam-se os corpos; embalsamam-se; sacrificam-se animais em seu nome; fazem-se rituais complexos ou deixam-se à mercê da natureza, funerais são ocasiões para se afastar de multidões ou então, gerar grandes festas, para rir ou chorar.³³ A diversidade dos rituais e da atenção que se dá ao momento da morte nas mais diversas culturas, são prova da universalidade da morte. As pessoas confrontam assim a morte, e fazendo-o, celebram a vida.³⁴

A necessidade de compreender o Universo despertou o começo da religião, que se torna a resposta ao incompreensível e a situações que a ciência dificilmente consegue obter resposta, situações em que o responsável não é o ser humano e, por isto, só um ser superior seria capaz.³⁵ A adoração de uma figura que transcende todos os fenómenos deste mundo incompreendidos pelo Homem surge desde muito cedo: nos tempos primitivos é consciencializada a incontornável e incógnita morte, levando-o a abraçar um mundo espiritual e além-vida, com o propósito de consolar e apaziguar esse medo e, conseqüentemente, o medo de a vida ser uma ação aleatória e sem propósito, é também estabilizado, e recusando a morte como fim da sua vida, o homem imagina um novo conteúdo sobrenatural, um novo futuro, sendo esta então uma das bases da criação da religião e crença na divindade.³⁶

Na base das maiores religiões registadas, estão as primeiras civilizações – os semitas³⁷, no princípio, adoravam duas formas divinas: Baal, deus da tempestade e, Belit, deusa da fertilidade (sobretudo agrária), estas adorações eram vistas como parte do mundo profano pelos judeus mas, pela sua hierofania³⁸, que *revelava a sacralidade da vida orgânica, as forças elementares do sangue, da sexualidade e da fecundidade*,³⁹ foi possível conservar-se durante séculos até ser substituída por formas divinas mais sacralizadas, mais “puras” e integrais, o que desencadeou uma religião mais completa – a forma divina de Javé.⁴⁰ Dá-se o triunfo desta hierofania javeísta que representava uma noção universal do sagrado, sendo naturalmente acessível a outras culturas, o que serviu de

33 Metcalf & Huntigton, *Celebrations of Death: The Anthropology of Mortuary Ritual*. second edition. Cambridge University Press (1991) p. 24.

34 *Ibidem*.

35 Figueiredo, Jorge (2009/2010). *Arquitetura religiosa contemporânea/A essência do espaço sagrado no séc. XX*. Dissertação de mestrado integrado em Arquitetura, FAUP, p. 34.

36 *Ibidem*.

37 Povo oriundo da Ásia, cuja descendência se atribui a Sem (filho de Noé), e que, etnográfica e linguisticamente, engloba os Hebreus, Assírios, os Aramaicos, os Fenícios e os Árabes. Supõe-se ser originária do Sul da mesopotâmia e mais tarde ter-se dispersado à procura de novos territórios.

38 Manifestação ou revelação do que é sagrado.

39 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução por Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo, Martins Fontes 2008, p. 9.

40 *Ibidem*, p. 10.

contribuição para a origem do cristianismo e por sua vez, se tornou assim *um valor religioso mundial*.⁴¹

Com os deuses nascem as religiões, e com a religião nascem mitos: o mito da ascensão e o mito do recomeço.⁴² Entre estes, várias foram as formas que as crenças e o culto adoptaram, quanto ao elemento que merecia a sua veneração, principalmente elementos como a água e terra e ainda elementos cósmicos como o Sol e a Lua, passando também pelas pedras e vegetação.⁴³ Os primeiros cultos resumiam-se ao culto das primeiras coisas, isto é, ao culto da Natureza e dos cosmos, coisas que estavam e sempre estiveram junto ao homem que de algum modo transmitiam uma transcendência e, conseqüentemente, uma veneração nas situações de maior sofrimento.

Começando pelo princípio e remetendo ao tempo da pré-história, que apesar dos cultos praticados que poderiam não deixar vestígios para que hoje se pudesse tirar uma conclusão (canibalismo, culto das ossadas), a inumação é parte suficientemente documentada para que hoje seja indiscutível a prática do rito e torna-se *evidente que o facto de se enterrar um corpo constitui por si só uma forte suspeita a favor da existência de ideias sobre uma vida para além da morte aparente*.⁴⁴

A importância do rito e a ideia da morte tornam-se tão pertinentes para o Homem que dá início ao desencadear do começo das primeiras permanências, de maneira a assegurar um sepultamento relevante.⁴⁵

Segundo Morin⁴⁶, parte do papel da religião no que toca à morte é o de socializar e dirigir os rituais fúnebres, com o intuito de lidar com o terror da morte.⁴⁷ O medo da morte, como já foi mencionado, é também um conseqüente da necessidade do rito, o medo de que a alma pudesse prevalecer além do corpo e de algum modo voltar e atormentar os vivos, contribuiu para o que inicialmente seria um “livrar-se” do morto e do potencial perigo para os vivos, a disposição dos esqueletos encontrados nas câmaras funerárias megalíticas com *as mãos e os pés decepados, deitados sobre o ventre, ou seja, dispostos para o lado das trevas, ou amarrados na posição de decúbito dorsal*, evitaria o seu retorno, este seria o principal motivo do rito na pré-história, vendo o além como um mundo negro e profano, de um poder incontrolável.⁴⁸

Esta linha de raciocínio encontrava-se ainda no Antigo Egipto (5.000 – 4.000 a.C.) e, com o desenvolver dos Impérios e Dinastias, novas atitudes e ideologias perante a morte, o morto e o Além se reformularam, reflectindo em novas práticas de sepultamento e suas cerimónias. A morte era

41 *Ibidem*.

42 *Ibidem*.

43 *Ibidem*.

44 J. M. Simões Ferreira (2005), *Arquitectura para a Morte. A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*. Dissertação de Doutoramento em Teorias e História das Ideias, FCSH/UNL, p. 27.

45 *Ibidem*.

46 Edgar Morin é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, autor do livro *O homem e a morte*. Lisboa, Publicações Europa-América, 1970.

47 Kavács, p. 28.

48 *Ibidem*.

agora vista como uma passagem da mortalidade na Terra para a imortalidade do Além,⁴⁹ com isto, *para os egípcios, não havia nada tão valioso como a segunda vida, após a morte... garantida pela mumificação e pelos encantamentos mágicos.*⁵⁰ O povo egípcio recitava orações ou feitiços, escritos em papiros enrolados, acompanhados de incenso para purificar a atmosfera e, os reunidos para a cerimónia teriam de ser purificados previamente, começavam pouco tempo depois da morte e auxiliavam importantes etapas no processo da mumificação. Estes textos que sustentavam, transformavam e protegiam os mortos, continham também instruções para passar pelos portões da morte e responder às perguntas que os distinguiam dos não merecedores do Além.⁵¹ Estes foram variando a sua aplicação ao longo dos Impérios: no tardio Império Antigo, os *Textos da Pirâmides* eram inscritos nas suas paredes, que deram origem ao *Livro dos Mortos*, estes foram substituídos por *Textos dos Sarcófagos*⁵² e o *Livro dos Dois Caminhos* no Império Médio (2.300 – 1.700 a.C.), onde se revoluciona uma democratização da imortalidade, que permite o acesso aos menos afortunados aos mesmos ritos de mumificação e embalsamento garantido também a sua imortalidade no Além, Assnamn (2001) afirma que esta ideia democrática da imortalidade contribuiu para o raciocínio cristão face também à imortalidade e ressurreição dos mortos.⁵³

Na Grécia Antiga a ideia da imortalidade diferenciava-se, a imortalidade só aos Deuses era acessível, apesar de também não verem a morte como um fim absoluto, encaravam-na primeiramente, como um estado melancólico de sono permanente, sob a terra, junto à casa da família que ocasionalmente lhe prestava homenagem, ou então, segundo mitos, entre as profundezas das sombras de Hades – Deus do submundo na mitologia grega – altamente indesejável. A importância do rito residia na necessidade de realizar um funeral digno para que se estabelecesse um *quid pro quo* entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, uma preparação para o mundo lastimável que enfrentariam - com banquetes, jogos de competição entre guerreiros e cerimónias em honra do falecido no dia da inumação e mais tarde, por influências orientais, a cremação seguida do enterro das ossadas - e que de onde não pudessem voltar para destabilizar a vida à superfície.⁵⁴

Os gregos eram realistas, estas cerimónias serviam para aceitar a morte e não para a celebrar, o primordial era *a captação da realidade da morte e não o seu encobrimento antecipado mediante imagens terríveis e agradáveis do além*,⁵⁵ ao tentar solucionar o após ser e não-ser, o após vida e após morte, concluíram que a morte nada mais é que uma regeneração após a destruição, uma condição necessária à sobrevivência da espécie e que está subjacente à mundividência deste povo.⁵⁶

Gregos e Romanos partilhavam a maior parte das perspectivas sobre a vida e a morte mas, a veemência com que os romanos viviam o rito fúnebre era decididamente superior à dos gregos, para

49 J. M. Simões Ferreira, *Arquitectura para a Morte. A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*, p. 28.

50 Mumford, ob. cit. (1961), p. 93.

51 Museu Britânico. Consultado a Março de 2020.

52 J. M. Simões Ferreira, *Arquitectura para a Morte. A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*, p. 29.

53 *Ibidem*, p. 30.

54 *Ibidem*, p. 31.

55 *Ibidem*, p. 33.

56 *Ibidem*.

o povo romano a alma e o corpo eram uno, a morte não os separava e na extinção da vida, a alma se findaria com o corpo no mesmo túmulo.⁵⁷ Pela conquista territorial e apropriação cultural do Império Romano, muitas eram as culturas mescladas na sociedade romana e por isto, as noções de morte, Deuses e religiões se foram modificando, desde a origem do conceito de inferno de Virgílio, o Céu e o Inferno cristão, até à indiferença dos epicuristas, para quem a morte não era uma experiência, por isso não se deviam de preocupar com esta: “*quando existimos nós a morte não está presente, e quando está presente nós já não existimos*”;⁵⁸ ou ainda os estóicos, para quem a morte era parte do destino e que deveria de ser corajosamente enfrentada, aceite e até assumida, uma vez que o suicídio era vista como uma prática honrosa em algumas circunstâncias, comprovava-se assim, uma grande variedade de pensamentos, ideologias e atitudes perante a morte que dificulta o conter de uma ideologia específica e precisa da noção de morte dos romanos.⁵⁹ Este grande aglomerado de povos e misto de culturas, provocou alterações no culto dos mortos, o que antes se resumia ao sepultamento junto das casas dos familiares, passara a ser interdito dentro das cidades por questões problemáticas de sanidade e, quem desobedecesse a esta lei, urnas e sarcófagos que tivessem sepultados clandestinamente – realidade que se observava com a infiltração de costumes cristãos em tempos em que o cristianismo já era aceite no Império Romano – seriam retirados e colocados fora da cidade.⁶⁰

O Cristianismo já teria grande poder na Idade Média, todos os regulamentos romanos seriam invertidos: para o Cristão a morte não era algo definitivo, a vida na Terra nada mais seria que um etapa obrigatória e penitenciária no percurso que o levaria à cidade divina, onde encontraria a imortalidade da alma e do corpo e, com a ressurreição, os pecados e a culpa seriam redimidos.⁶¹ Esta utopia cristã, resultou numa sociedade europeia sensível à morte, sendo este o fundamento dos seus ritos e práticas funerárias, desde o séc. V até ao séc. XVIII, caracterizando uma *morte domada*⁶², entre a família, na casa do falecido, acompanhado sempre pelos membros da Igreja que no fim recolhiam o corpo e o sepultavam, após uma cerimónia ritual *desde a extrema-unção, à vigília, orações, missa de corpo presente, e missas posteriores para perdão dos pecados e encomendação da alma*,⁶³ entre outros. Com o despontar da noção de *morte de si* (Ariès, 1977), caracterizada pelo pesar do abandono dos seus bens da sua vida terrestre e o pôr em questão a salvação, presencia-se um declínio da crença e sua expressão na sociedade, que poderá ter começado na Idade Moderna ou então, mesmo ainda antes do cristianismo.⁶⁴

57 *Ibidem*.

58 Epicuro, Epístola de Epicuro a Meneceu, 125, Obras completas, ed. e trad. J. Vara, Madrid, 1996, p. 88.

59 J. M. Simões Ferreira, *Arquitectura para a Morte. A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*, p. 34.

60 *Ibidem*.

61 *Ibidem*.

62 Ariès, obs. cit. (1975 e 1977). – Atitude geral em relação à morte, até ao Séc. XVIII, designação segundo Ariès, explícita em vários capítulos destas suas obras.

63 *Ibidem*, p. 35.

64 *Ibidem*.

A Idade Moderna revoluciona a arte de pensar e do conhecimento, primeiramente com o Humanismo e a Renascença, seguida da Reforma e Contrarreforma, o barroco e as tendências emocionais, o experimentalismo e logo centrismo de Bacon – *saber é poder* – a matemática e a reformulação da subjectividade de Galileu e Descartes, e com esta divisa do conhecimento, alteram-se as ideias sobre a morte.⁶⁵ A *descoberta do homem e do mundo*,⁶⁶ designada por Michelet e Burckardt, implicaria uma releitura do corpo e da alma, vida e morte, reconhecendo um possível triunfo final sobre a morte, mesmo na terra, através da fama e obras merecidas de valor, assim, Deus tornara-se inalcançável, de uma transcendência infinita e imensurável, e visto que o conhecimento era a premissa, os interesses viraram-se para o homem e o seu mundo, que eram finitos, conhecidos, mensuráveis.⁶⁷ Com a Guerra dos Trinta Anos, de cariz religioso e de grande mortandade, assim como a perseguição religiosa contrária à cristã e caça às bruxas, e ainda o capitalismo europeu, que resultou numa situação de antagonismo social gerando inúmeros confrontos que geravam uma carnificina e execuções, terá contribuído para a banalidade da morte para os de baixo estatuto e morte pomposa para os mais poderosos, espelhando-se no rito com os enterros realizados na fossa comum para a ralé.

Datando a Idade Contemporânea nos finais do séc. XVII, inícios do séc. XVIII, outras inquietações se levantaram no tema da morte, tanto a nível teológico como a nível científico, desde a definição de causa da morte e a alegação de estar morto ou não, ao estudo do corpo por motivos de terapia e profilaxia, por este último motivo, a pática de sepultar os corpos nas igrejas e em cemitérios dentro das cidades seria fortemente contestado tanto por questões higienistas como por questões de ética, contestação que não terá sido imediatamente respondida, mas que foi suficiente para influenciar o alto clero e, só após a Revolução Francesa, se destituiu o que antes era uma política extremamente questionável.⁶⁸ No séc. XIX, atravessando primeiro o romantismo e neo-gótico, seguido do individualismo, nacionalismo, positivismo e naturalismo, ideias sobre as práticas fúnebres se alteram: com o romantismo é realçado o lado sentimental e a morte passa a ser quase algo desejável, vista como algo exótico de uma *doçura narcótica*;⁶⁹ o individualismo e o nacionalismo, conjugados com o positivismo, veem a morte, num sentido individual, como algo pessoal em que o indivíduo é o infeliz protagonista, e como colectivo, como no caso da morte de grandes homens ou em guerras pela nação, ganhavam *foros de acontecimento*, desde a funerais pomposos a estátuas em sua honra em praças públicas, cemitérios de combatentes, que permitiam um luto colectivo e nacional, práticas estas que dominaram todo o Ocidente até bem pouco tempo e ainda se praticam actualmente em Portugal.⁷⁰

Como já foi estudado, actualmente, nas ideias de morte, ritos e práticas fúnebres, é reconhecido um tabu em volta do tema, levando a uma distância e desumanização da morte, a rejeição do luto, a abolição dos pêsames, em paralelo com a medicalização e hospitalização da morte, a estratégia de

65 *Ibidem*, p. 36.

66 Garin, Eugenio, *O Renascimento. História de uma Revolução Cultural* (1964), Porto, 1972, p. 29.

67 Ferreira, J. p. 36.

68 *Ibidem*, p. 38.

69 *Ibidem*.

70 *Ibidem*.

comercialização dos enterros e cosmética nos defuntos. *O nosso tempo, neste contexto, singulariza-se pela atitude de uma rejeição tão radical da morte, que parece indiciar que esta deixou de ser reconhecida, como se hoje em dia já não se morresse.*⁷¹

As práticas do luto em Portugal, foram evoluindo conforme a percepção da morte na sociedade. Segundo Marta Dias (2016), num estudo sobre *Representações de luto e lamentação em fontes medievais peninsulares da Idade Média e início da Idade Moderna*, na Península Ibérica, na Idade Média, o acto de morrer era sempre público, cortejos fúnebres invadiam as ruas até à igreja e depois, se fosse o caso, aos cemitérios, já que era comum o sepultamento nas igrejas e capelas e, por vezes, o cortejo continuava dentro das igrejas, aquando a missa, em que o séquito permanecia junto ao féretro. Nestas procissões, estavam englobados o clero e o laico, e parentes vestidos de negro (trajes de luto) e, se fosse o caso, insígnias de atributo social eram exibidas, como por exemplo, quando um nobre de armas. Na frente, seguiam *alfaias litúrgicas como a cruz processional*,⁷² atrás seguiam os que exageradamente se manifestavam pelos mortos, os pobres e outros clérigos, podiam ainda estar presentes oficiais e escudeiros que transportavam, a cavalo, peças em honra do defunto. O falecido era o epicentro do cortejo e desenrolava-se um ambiente de espetáculo desde a teatralização, que estimulava os sentidos e despontavam *uma espécie de transe entre os intervenientes*, a orações, incenso, som de instrumentos recorrentes na prática da caça, etc.⁷³ O luto durante o cortejo fúnebre, mostrava-se extremamente dramático *com gritos, queixas, choros, autoflagelação, automutilação, despojamento de elementos materiais/terrenos e de gesticulação*,⁷⁴ com o objectivo de tornar a separação suportável. Estas manifestações exacerbadas do luto, chegaram a ser contestadas pela igreja por terem conotação pagã e porque, uma vez que o falecido se iria unir a Deus, não havia motivo para tristeza, chegando a haver uma proibição de manifestações de dor desmedidas – o cânone XXII do III Concílio de Toledo.

Num estudo realizado por Maria Antónia Lopes⁷⁵, *As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos* (2011), consegue-se separar diferentes perspectivas das atitudes perante a morte com o passar dos anos. Com base nos estudos de Philippe Ariès⁷⁶, antes do séc. XIX o povo ocidental preocupava-se com a salvação da sua alma, aterrorizados com a ideia do inferno, preparavam-se para o momento onde tudo se decidia – *la mort de moi (a morte de mim)*, mais tarde, com o romantismo e o aprofundamento afectivo nas relações, era predominante *la morte de toi (a morte de ti)* – isto é, a morte que se receava era a morte do outro, do amado, distraindo os indivíduos do seu futuro após morte, contribuindo para derivações das suas perspectivas do além vida, chegando ao ponto de não existir sequer o depois da morte, amedrontando-os ainda mais para

71 *Ibidem*, p. 39.

72 DIAS, Marta Miriam Ramos. *Representações de luto e lamentação em fontes medievais peninsulares da Idade Média e início da Idade Moderna* VS 23 (2016), p. 34.

73 *Ibidem*.

74 *Ibidem*, p. 35.

75 Doutorada e investigadora na área de história social de Portugal nos séculos XVIII a XX, na Universidade Coimbra e na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa.

76 Historiador e medievalista francês conhecido pelo seu proeminente trabalho do estudo sobre a morte.

a ideia de serem enterrados vivos.⁷⁷ Ainda assim, quem determinava o ritual fúnebre, era a restante população “morte de mim”, pois eram quem acreditava num mundo sobrenatural.⁷⁸

O velório, no séc. XIX, consistia no típico velório estudado da Idade Média, era realizado durante a noite, na casa do defunto, com os familiares e dormiam por turnos para dar vez à velação, o defunto, vestido com o fato do casamento ou um fato já escolhido para o efeito, normalmente, sempre a melhor roupa que possuía, e, na cerimónia, a família ofereciam sempre algo para comer ou beber aos presentes.⁷⁹ A comida poderia ter mais que um significado: *proclamação da vitória da vida, mas também recomposição do grupo dos vivos e forma de libertar e canalizar energia emocional*⁸⁰. O funeral, era realizado no dia seguinte, todos vestidos de luto e de contenção absoluta, no entanto, eram acompanhados por *ofício instrumental*⁸¹, por fim, o defunto era sepultado na igreja ou em adros. Depois da construção dos cemitérios, um segundo cortejo foi estabelecido, desde a igreja ao local de enterro, estabelecendo assim três momentos com três espaços diferentes: casa, igreja e cemitério.

Maria Lopes (2011), afirma que actualmente, somos incapazes de presenciar agonia, a morte do próximo foi progressivamente tornando-se cada vez mais escandalosa, devido à diminuição da taxa da mortalidade e, por isto, o assunto morte torna-se um tabu nunca antes visto, vive-se agora a “morte proscrita”. Com o evitar do luto, da agonia, caminha-se para o abandono dos moribundos e a desritualização do último adeus, que é *o momento mais dramático da existência*.⁸²

Nos tempos de hoje, no mundo contemporâneo, assume-se o início e o fim assim como o são: o nascimento – a vida - e a morte, depois, “nada”, a vida é tudo o que é positivo e a morte o seu oposto.⁸³ E num mundo consumista, em que tudo parece abundante e substituível, onde queremos fazer de tudo, experienciar ao máximo porque “só assim a vida não é desperdiçada”, quase como se “viver a vida” fosse um combate à morte, que é precisamente o impedimento para que esta positiva vida aconteça, a morte torna-se intolerável:

77 Lopes, Maria (2011). *As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos*, p. 178. Disponível em:

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/46703/1/Lopes%2c%20M.A.%20As%20grandes%20datas%20da%20existencia.pdf>

78 *Ibidem*, p.179.

79 *Ibidem*, p.180.

80 *Ibidem*, p.186.

81 *Ibidem*, p.181.

82 *Ibidem*, p. 178.

83 Miranda, Nelson (2002/2003). *Espaços da morte. Reflexões e pontos de partida para uma investigação*. Prova final para licenciatura em arquitetura, FAUP, p.15.

“A lógica do consumo quotidiano, como também das obras de arte efémeras se auto-consoem, é da destruição, vivemos numa sociedade de excessos e num simulacro de abundância. Num sistema de vertigem produtiva e consumista que tenta contrariar a morte, a destruição prematura dos objetos antes do seu fim normal é a base organizadora da nossa cultura atual, onde a acumulação de bens como fim absoluto prevalece. Adotamos uma cultura do consumo da vida e não do nascimento e da morte.”⁸⁴

Vemos a morte de uma forma possivelmente mais mecanizada, menos fantasiosa, menos poética que outras culturas. O ritual mais comum actualmente, seria expresso pelo acto de reunir as pessoas mais próximas de quem partiu e prestar a última homenagem e o último adeus, de forma íntima e privada. Mas, até este rito se tornou cada vez menos familiar, quando quem realiza a cerimónia fúnebre são agências que criam o ambiente e indicam como celebrar a ocasião, em locais dedicados à cerimónia e não nas suas casas, as reuniões familiares em volta de quem parte são invadidas por multidões de desconhecidos que fazem questão de estar presentes, quando o que a família precisa é do seu espaço para o luto e para a despedida para com a pessoa que verdadeiramente fez parte do seu dia a dia e que, a partir desse momento, deixará de o fazer. Perdem-se os costumes, perde-se o contacto com a morte, que cada vez mais se evita “mostrar”. O defunto é rapidamente levado ao destino da celebração, escondido em carrinhas e as pessoas evitam estar próximo dele para não ter de lidar com as emoções do luto.⁸⁵

Mas, é necessário viver o luto e é necessário vivê-lo em sociedade. Averill e Nunley (1988)⁸⁶ analisam o luto com base na sua própria “visão construtivista social”, em que as emoções derivam de “avaliações cognitivas, processos intervinientes e expressão do comportamento”; estes fatores têm origem nas “crenças e valores da cultura”; os resultados destas emoções fortalecem as crenças: consideram o luto como um sistema biológico e social, veem o luto como um processo para manter a integração no meio social e, posto isto, tem de acontecer, levar o seu tempo, ainda que custe e cause tanta angústia⁸⁷.

84 *Ibidem*, p. 14.

85 *Ibidem*.

86 Strongman, K.T (1996). *The psychology of emotion – Fourth Edition*. Traduzido por José Nunes de Almeida, 2ª edição (2004). Cimepsi Editores. Lisboa, p. 150.

87 *Ibidem*.

2. A Religião no séc. XXI

2.1 A Divindade na Actualidade

Após um estudo da origem das religiões, com ênfase na religião cristã e sua evolução e desenvolvimento ao longo da história da humanidade, tanto quanto Homem como quanto homem em sociedade e cultura, escreve-se agora a importância do tema na actualidade, o seu progresso e o seu futuro.

Na base da multiplicação e evolução das religiões, o homem, como ser experimentador e transformador que é, altera a sua inspiração conforme as suas necessidades não deixando escapar as bases da vertente histórica da crença religiosa, mantendo a sua estrutura, permitindo ainda reconhecer as religiões, isto resulta num duplo processo, por um lado o surgir contínuo e fulgurante de hierofanias e por isto, uma grande fragmentação da manifestação do sagrado no cosmos; e por outro uma unificação dessas crenças, na procura da hierofania perfeita, de modo a realizar uma estrutura própria – sincretismo.⁸⁸ Na procura de se desenvolver, purificar e enobrecer, surgem novas derivações de hierofanias e religiões.⁸⁹

Assente no estudo da obra de F. Catroga, “*Entre Deuses e Césares, Secularização, Laicidade e Religião Civil*” (2006), com o avançar científico e social, a sociedade progride e torna-se mais auto-suficiente na razão humana, com isto, seria de prever um afastamento dos tradicionais conceitos religiosos dando origem ao fenómeno da secularização⁹⁰ mas, sociólogos dividem-se: será mesmo o fim da religião ou o renascer desta?

Certas religiões como o islamismo, são prova da “des-secularização”, este renascer da religião: Peter Berger reestrutura a sua tese dizendo *the world today, with some exceptions [...] is as furiously religious as it ever was, and in some places more so than ever. This means that a whole body of literature by historians and social scientists loosely labeled ‘secularization theory’ is essentially mistaken.*⁹¹ Robert Flink de forma radical afirma *it seems time to carry the secularization doctrine to the graveyard of failed theories, and there to whisper ‘requiescat in pace’.*⁹²

88 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*, p. 376.

89 *Ibidem*, p. 377.

90 A secularização é um processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social. Esta perda de influência repercute-se tanto no número de membros e suas práticas, como na perda de prestígio das igrejas e organizações religiosas, repercutindo-se esta perda na influência na sociedade, na cultura, na diminuição da sua riqueza, e, por fim, na desvalorização das crenças e nos valores a elas associados. Infopédia, Dicionários da Porto Editora, 2020.

91 “o mundo hoje, com algumas exceções, [...] é tão furiosamente religioso como sempre foi, e em alguns lugares mais do que nunca. Isso significa que todo um corpo de literatura de historiadores e cientistas sociais que livremente rotularam de “teoria da secularização” estão essencialmente errados.” (Berger in “*Entre Deuses e Césares, Secularização, Laicidade e Religião Civil*” (2006), tradução livre).

92 “parece que é hora de levar a doutrina da secularização para o cemitério de teorias fracassadas, e lá para sussurrar ‘*requiescat in pace*’” (Flink in “*Entre Deuses e Césares, Secularização, Laicidade e Religião Civil*” (2006), tradução livre).

Por outro lado, o progresso da secularização é fundamentado por diferentes teses da autoria de Jose Casanova como o facto da religião deixar de ser o pilar estrutural da sociedade para passar a ser apenas mais um subsistema (*tese da diferenciação*) ou então o desgaste gradual das práticas religiosas causadas pela perda de força e persuasão da Igreja e religiões em cada cidadão (*tese do declínio*). Entre estes dois opostos, surgem ainda outros tópicos como a “nova secularização” e “neosecularization paradigm” proposto por D. Yamane, uma metamorfose religiosa progressiva: a diferenciação entre o “acreditar” e “pertencer” o que não implica uma extinção de fé, apenas privatiza a crença com outras alternativas.

2.2 O Futuro das Religiões

Depois do confronto entre ideias distintas, pode-se concluir que existe então uma nova forma de viver a religião, a crença e a fé individual, trata-se da liberdade de escolha, um *ultra-individualismo*, com o objetivo de encontrar respostas para a *autenticidade existencial*.⁹³ Posto isto, pode-se afirmar que:

“(…) nem se está a assistir à ‘morte de Deus’ prognosticada pelo otimismo cientificista e historicista do século XIX, nem ao puro ‘regresso religioso’ na sua acepção mais integrista e institucional, mas a uma coisa outra, que alguns designam de ‘metamorfose de Deus’” – Fernando Catroga, “*Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e religião Civil*”, p. 457.

Isto indica *uma maior diferenciação, declínio, secularização interior e marginalização das crenças*⁹⁴ mas, distancia daquela que é a religião institucionalizada. A fé é então invadida por uma autossuficiência da razão e uma necessidade de autorreconhecimento existencial e religioso, o individualismo moderno, um nomadismo espiritual. Pode-se então concluir que a secularização tem vindo a ser tanto um elemento destruidor como estrutural na Igreja, onde o Homem mostra uma nova perspectiva na história como meio de justificar as suas ações e viver a religião como uma experiência única e própria.

93 Catroga, Fernando (2006). *Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e religião civil*, p.457.

94 *Ibidem*.

3. Taxa de mortalidade actual

A taxa de mortalidade bruta⁹⁵ tem vindo a aumentar, não só em Portugal, mas no resto do mundo. Com base nos dados fornecidos pelo site IndexMundi⁹⁶, existe um aumento da taxa de mortalidade a nível mundial, pelo declínio da fertilidade o que contribui para o envelhecimento da população, e consequentemente, uma imposição da mortalidade sob a natalidade. Na seguinte figura é possível registar a taxa de mortalidade geral:

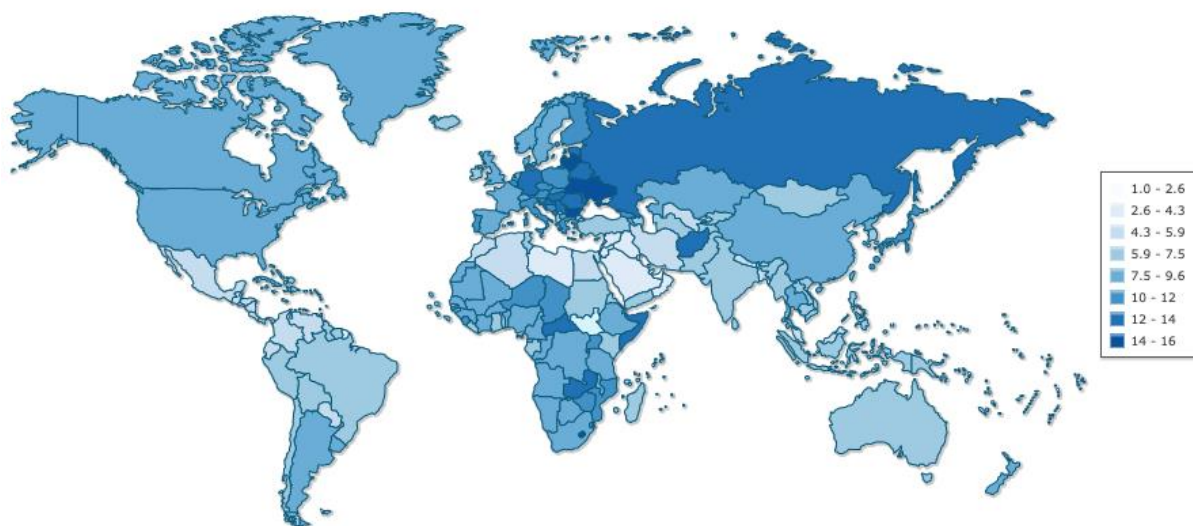


Fig. 12 Variação da taxa de mortalidade de acordo com o país, com correspondência à tonalidade da cor: quanto mais escura maior a taxa de mortalidade. Consultado em Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/>

De acordo com o DN, Diário de Notícias, na edição de 6 de Agosto de 2018, a razão do crescimento do número de mortes baseia-se no aumento do nível de envelhecimento e na diminuição do número de nascimentos no país.

⁹⁵ Taxa de mortalidade – número de mortes por 1.000 habitantes.

⁹⁶ indexMundi, (2019, Janeiro) *Taxa de Mortalidade no Mundo*. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/>

Este crescimento tem sido gradual nos últimos anos até se estabilizar nos 110 mil em 2016, mas foi em 2008 que se deu o momento de transição, a partir deste ano, o número de óbitos sobrepôs-se ao número de nascimentos, com vista a aumentar, uma vez que não se previa um aumento significativo do número de nascimentos. Na seguinte figura, é possível comprovar a evolução da taxa de mortalidade em Portugal, passando pelos anos 1960, 2009 e 2018, onde a cor escura domina o país:

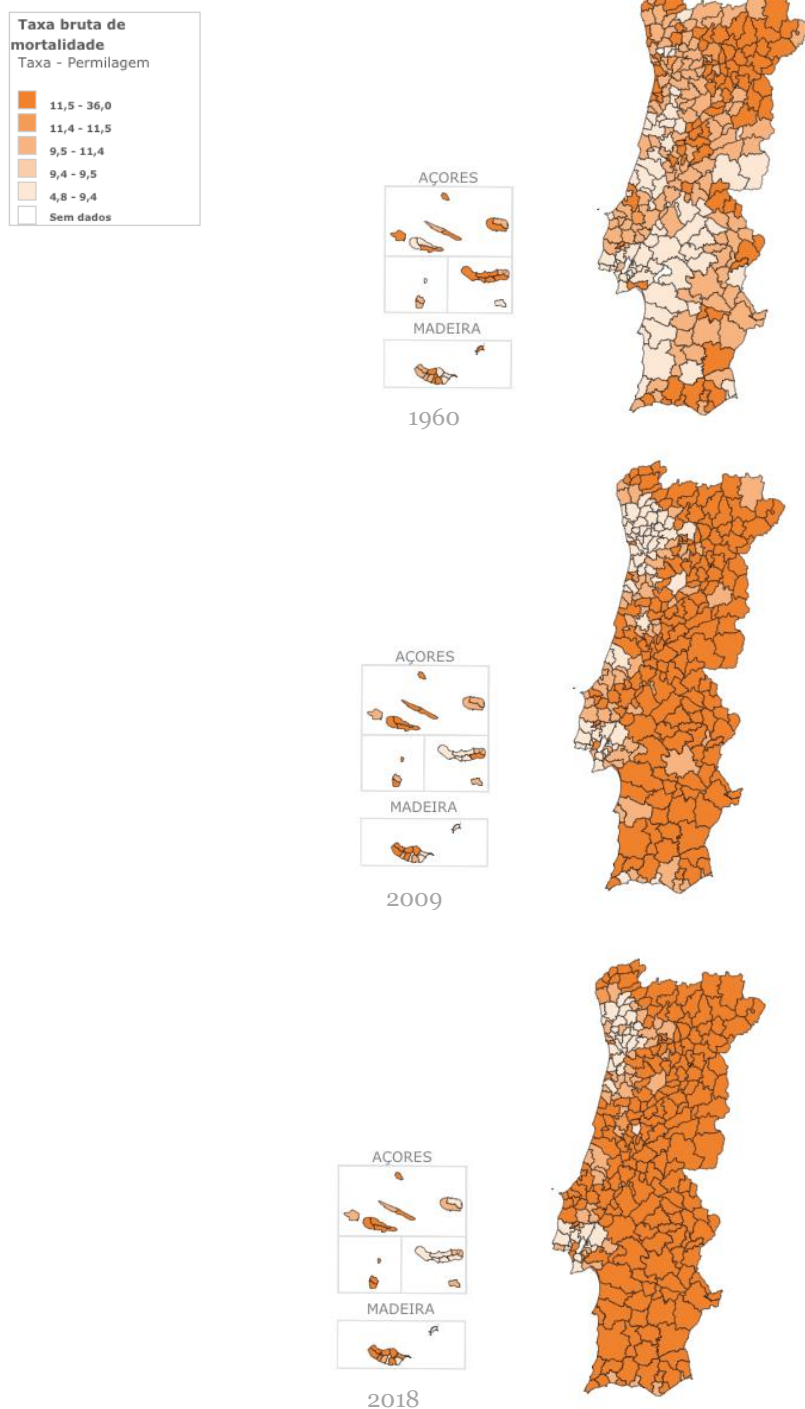


Fig. 13 Mapas indicadores da Taxa Bruta de Mortalidade em Portugal nos anos de 1960, 2009 e 2018. Fonte: PORDATA. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+mortalidade-367>

A taxa bruta de mortalidade no concelho de Lousada, também sofreu alterações ao longo dos anos como o resto do país mas, consegue qualificar-se abaixo da maioria das restantes regiões.

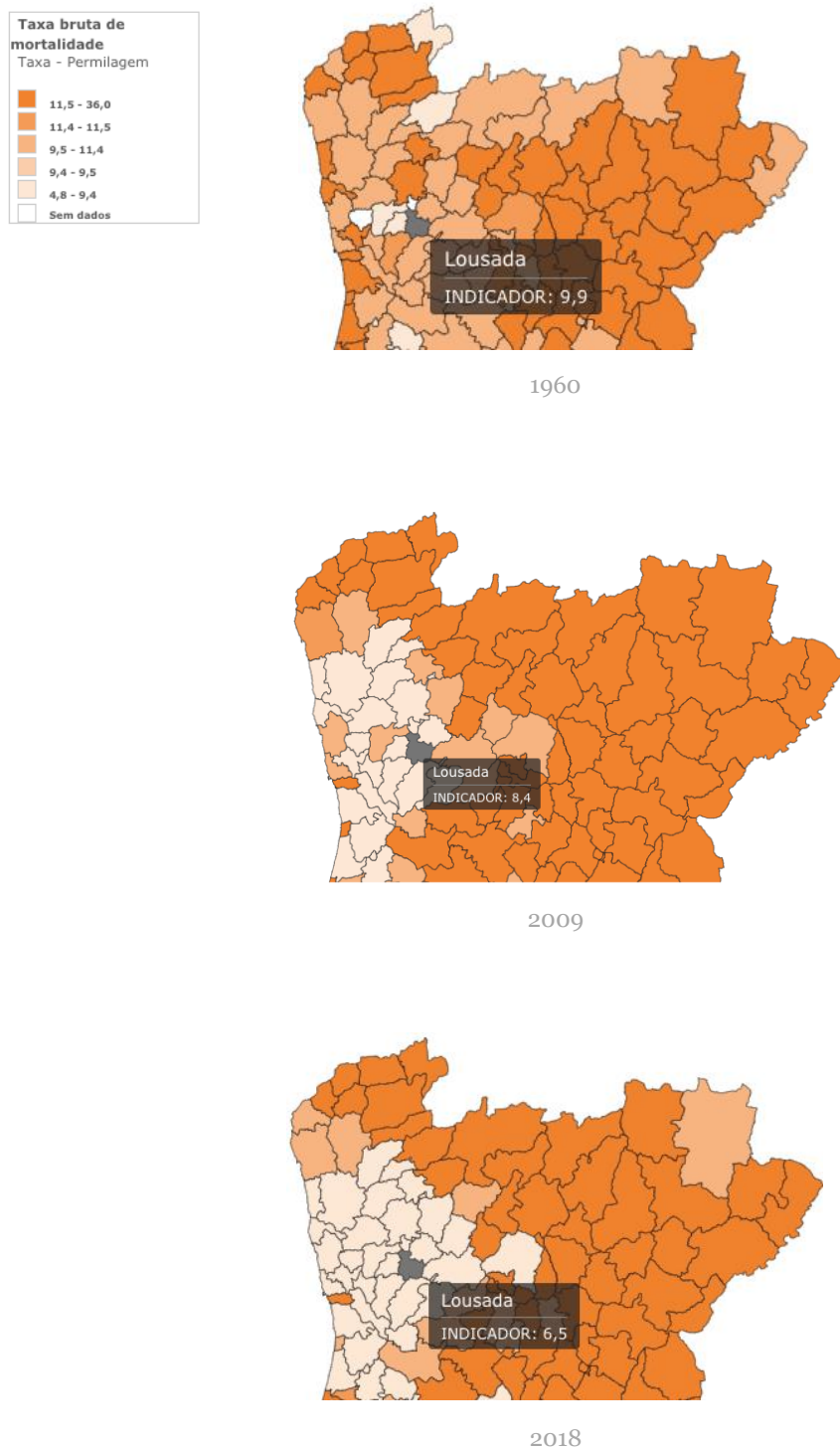


Fig. 14 Mapa indicador da Taxa Bruta de Mortalidade em Lousada, nos anos de 1960, 2009 e 2018. Fonte: PORDATA. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+mortalidade-367>.

Analisando a publicação de Observador, a 10 de Julho de 2019, a natalidade portuguesa caiu 0,1% em relação ao ano anterior, atingindo o patamar de quarto país com o menor número de nascimentos de 2018. Ao todo, houve 87 mil nascimentos e 113 mil mortes⁹⁷, comprovando a previsão do DN, contribuindo para um saldo negativo de população em Portugal, como descreve na seguinte figura:

Os dados fornecidos no site PORDATA - Base de Dados Portugal Contemporâneo, com a sua última

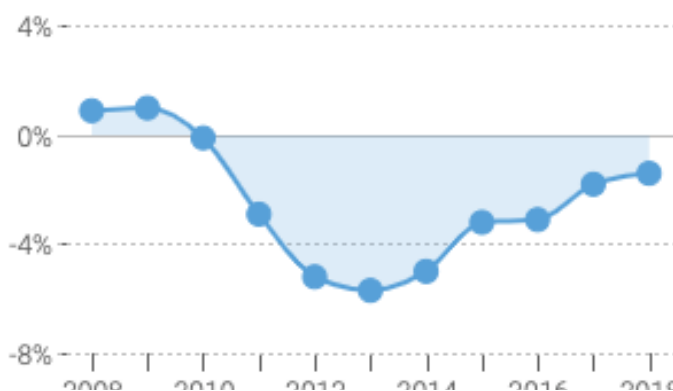


Fig. 15 População em Portugal, variação populacional anual, por mil habitantes.
Fonte: Observador, emitido a Julho de 2019, consultado em Fevereiro de 2020.
Disponível em: <https://observador.pt>

actualização em Fevereiro de 2020, no ano 2018, comprova-se um aumento de 0,3% de mortalidade em relação ao ano anterior, embora tenha existido um residual aumento de natalidade de 0,1%, em relação ao ano anterior⁹⁸ - ver figura 11.

Esta diminuição da natalidade, deve-se principalmente ao facto de as mulheres terem mais acesso a contraceptivos, mais acesso à educação e, conseqüentemente, entrarem no mercado de trabalho, o que as permite atrasar a gravidez e escolher quantos filhos desejariam ter, segundo a cientista Sarah Harper⁹⁹, numa entrevista pelo DN em 2018¹⁰⁰.

97 Agência Lusa, (2019, Julho) Portugal teve a quarta taxa de natalidade mais baixa da UE em 2018, Portugal: *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt>

98 *Ibidem*.

99 Ex-diretora da Royal Institution e especialista em mudança populacional, que trabalha na Universidade de Oxford.

100 DN (2018, Dezembro). Declínio da natalidade é bom e não há motivo para alarme, garante cientista, Portugal: *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/declinio-da-natalidade-e-bom-e-nao-ha-motivo-para-alarme-garante-cientista-10364567.html>

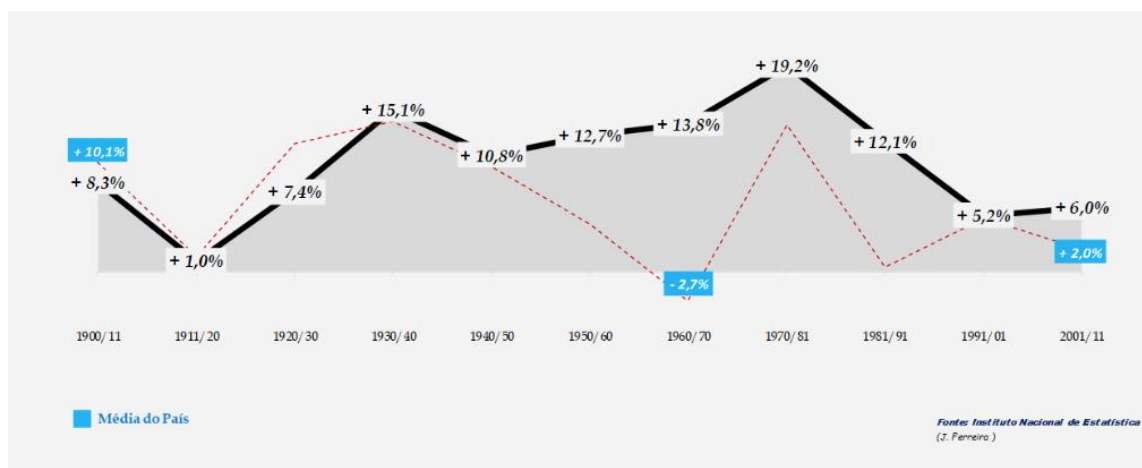


Fig. 16 Gráfico representativo da densidade populacional de Lousada comparativamente com o resto do país. Fonte: INE. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://populacaodistritodoporto.jimdofree.com/lousada/>

Em Lousada, segundo os dados fornecidos pelo INE, a variação populacional não chega a ser negativa, aliás, em relação à média do país, encontra-se maioritariamente acima, como se verifica na figura 17.

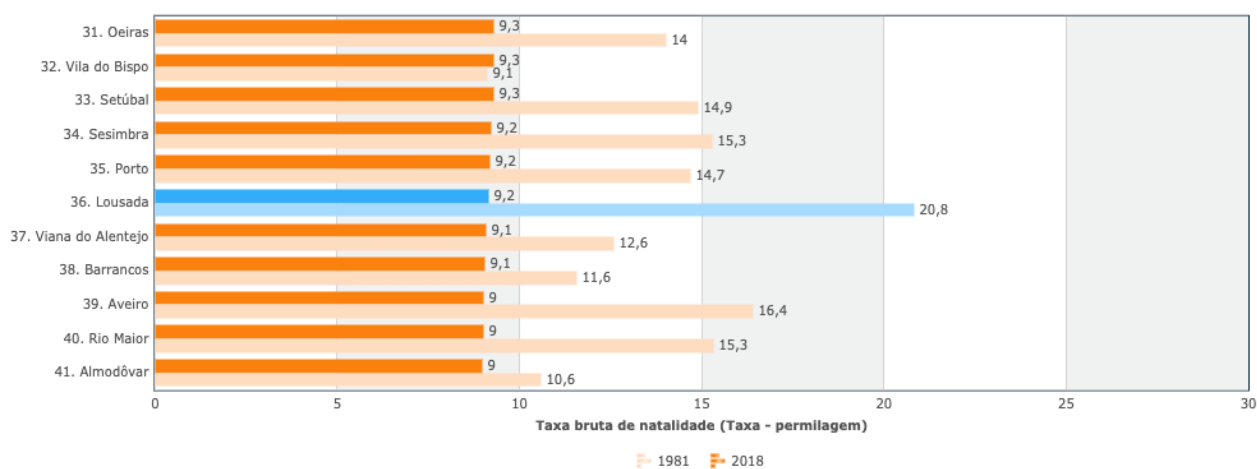


Fig. 17 Gráfico de número de indivíduos por Km2. Fonte: PORDATA. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+bruta+de+natalidade-366>

Este fenómeno deve-se à elevada taxa de natalidade do concelho, chegando aos 8,5 valores percentuais. Segundo a publicação do semanário Verdadeiro Olhar, em 2017, Lousada teve a maior taxa de natalidade da região e sobrepõe-se à média do país que se situa nos 8,4%.¹⁰¹

101 Pinto, F. (2017, Julho) Lousada tem a taxa de natalidade mais alta da região, Portugal: *Verdadeiro Olhar*. Disponível em: <https://verdadeiroolhar.pt/2017/07/18/lousada-taxa-natalidade-elevada-da-regiao/>

Lousada, tem ainda iniciativas de apoio e incentivo à natalidade. De acordo com o JN, Jornal de Notícias, na sua publicação *Lousada Homenageia 437 bebés nascidos em 2019*, por Fernanda Pinto, em Janeiro de 2020, o município de Lousada, cita-se, *dá incentivos às famílias para que tenham cada vez mais filhos*, afirma ainda que tem *uma política fiscal amiga das famílias, com taxa de IMI no mínimo e com deduções específicas para quem tem mais de dois filhos, e tarifários sociais para famílias numerosas*, entre outras medidas como transportes escolar gratuito e creche com custos pagos para quem tiver mais de dois filhos.

Por isto, o concelho de Lousada é ainda o concelho mais jovem de Portugal.

Mas, na hora de decidir como lidar com a última despedida de quem lhes é próximo, qual a decisão dos lousadenses neste momento? E qual será no futuro? Uma vez que evoluímos para uma população mais educada a nível académico, como afirma Sarah Harper¹⁰², continuarão os lousadenses a persistir na tradição?

102 DN, (2018, Dezembro) Declínio da natalidade é bom e não há motivo para alarme, garante cientista, Portugal: *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/declinio-da-natalidade-e-bom-e-nao-ha-motivo-para-alarme-garante-cientista-10364567.html>

4. Enterro ou Cremação?

Depois do estudo da evolução da religião, da densidade da população, o nível de envelhecimento do país e o galopante acesso à educação da população, comprova-se que a consciencialização do Homem é cada vez mais intrínseca e, conseqüentemente, a consciencialização da morte. A religião já não tem a força institucional que tinha, a população tende a diminuir mas, a evoluir para uma população mais educada e consciente, o que pode contribuir para o aumento de novas práticas do rito.

O recorrer à cremação dá-se, no universo católico característico do Ocidente, segundo duas condições culturais: um é caracterizado pelo hedonismo da sociedade ocidental, isto é, o pavor à decomposição lenta do corpo se sobrepõe ao pavor ao rápido esvanecer do corpo em cinzas (talvez pelo ritmo de vida que se vive nos dias de hoje, comparativamente com o de antigamente), assim como o débil ritual em volta da inumação e o factor da higiene que são parte cada vez mais estrutural no progresso civilizacional; o segundo, pela aceitação deste método por parte da Igreja Católica, a cedência religiosa quanto à oposição da cremação, tem vindo a acompanhar a secularização da sociedade, já desde os anos noventa ainda que, nos países de maior percentagem de aderentes ao catolicismo não tenha comparação com os países do centro e norte da Europa. Outra questão ainda de grande relevância, reside na ocupação de terreno cemiterial, uma vez que os estabelecimentos relativos a este tema vêm a reduzir o espaço, a manutenção e despesas da necrópole. Actualmente, a sociedade ocidental começa a ter a percepção da cremação como uma prática livre de estigmas religiosos ou culturais mas, para além das questões pragmáticas que envolvem este método, é necessário conferir-lhe a importância do rito e simbologia que sempre suscitou nas sociedades que a praticam e praticaram.¹⁰³

O enterro continua a ser a prática mais adoptada em Portugal, e em Lousada não é excepção. Como indica a PORDATA¹⁰⁴, só em 2018 registaram-se mais de 113 mil óbitos, dos quais, de acordo com o JN, 20200 foram cremações,¹⁰⁵ o que comprova que apenas cerca de 18% dos funerais resultaram em cremação no país, mas estes são valores que têm vindo a aumentar progressivamente ao longo dos anos.

103 Oliveira, Maria (2007). *In memoriam, na cidade*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, ramo do conhecimento Cultura Arquitectónica, Universidade do Minho, p.129-131.

104 INE, PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo. Óbitos de residentes em Portugal: total e no primeiro ano de vida. Consultado em Março de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/%C3%93bitos+de+residentes+em+Portugal+total+e+no+primeiro+ano+de+vida-15>

105 Barata, A. (2019, Novembro 1) Cremações aumentam à uma década. Portugal: *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/cremacoes-aumentam-ha-uma-decada--11469394.html>

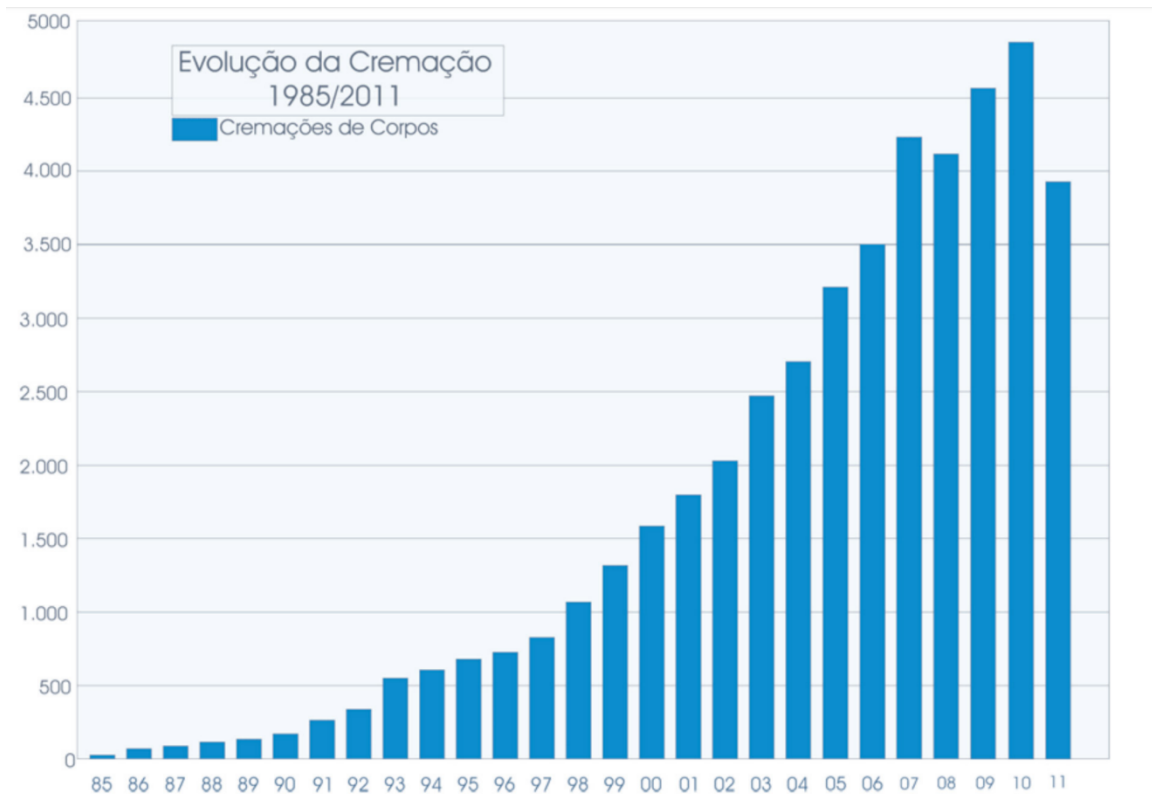


Fig. 18 Evolução da cremação em Portugal de 1985 a 2011. Fonte: XISTO, Brenda Orvalho de Oliveira. "Assunto encerrado?" Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa. Tese de Mestrado de Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

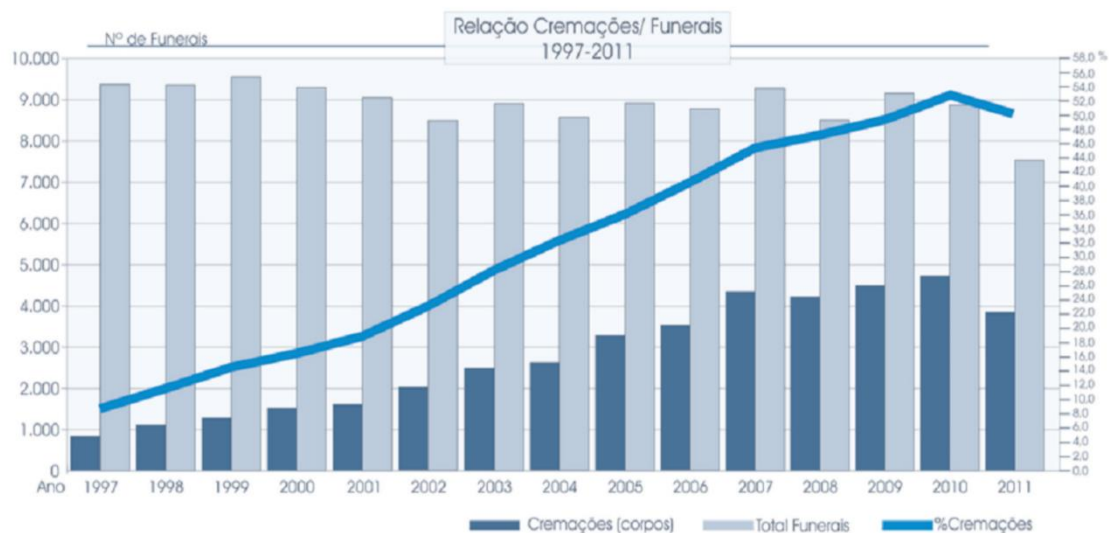


Fig. 19 Relação cremação vs funerais 1997-2011. Fonte: XISTO, Brenda Orvalho de Oliveira. "Assunto encerrado?" Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa. Tese de Mestrado de Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Para entender melhor esta prática, introduz-se no seguinte excerto, a origem e o seu alcance, assim como a sua evolução ao longo dos séculos, no Ocidente, passando ainda pelo Oriente, que embora não seja este o caso de estudo, mostra-se relevante a introdução deste lado do mundo ainda que breve. Estude-se o caso: o que é a cremação e como surgiu?

4.1 Cremação – origem e alcance

Cremação, do latim *crematiōne*, tem como significado a redução de cadáveres a cinza, acto ou efeito de cremar, incineração.¹⁰⁶ Este método teve início muito antes do cristianismo, na China no ano 8000 a.C.¹⁰⁷ Estima-se que nas civilizações mais antigas, com forte tendência na Idade do Bronze,¹⁰⁸ a cremação era praticada, o fogo era visto como um elemento de purificação e protecção dos espíritos malignos e possíveis ataques dos inimigos aos corpos falecidos.¹⁰⁹ Assegurava também a profanação do corpo por inimigos, o que perturbaria a paz do morto, uma vez que era possível aos povos nómadas transportar as cinzas e assim, não abandonar os seus mortos.¹¹⁰

Na Grécia antiga (XII a.C. – 600 d.C.) como já foi mencionado, a prática da cremação era popular, numa pira de madeira, acendia-se uma fogueira onde se procedia à cremação do corpo, com o objectivo de expulsar o fantasma do corpo morto, perante os olhos de todos os que assistiam à cerimónia, posteriormente, os ossos seriam enterrados numa urna no local onde fora feita a fogueira.¹¹¹

Na Roma Antiga (séc. VIII a.C.), pela sua multiplicidade de povos e culturas, a cremação era também uma opção de prática fúnebre, além da inumação. Entre o quarto século a.C. e o primeiro século d.C., esta prática acabou por ser esquecida adoptando-se apenas a inumação, estima-se que terá sido pelo poder católico e judaico que se estabeleceu no território, que não apoiavam a prática da cremação, ainda assim, entre imperadores, este método continuou a ser praticado no terceiro século d.C..¹¹² A fogueira era ateadada fora dos limites da cidade, ao ar livre sobre um poço para que se pudesse circular o ar, toros amontoados em ângulos rectos perfaziam as dimensões do corpo - isto para as pessoas comuns, já para os imperadores, a pira distinguia-se pela sua grandiosidade, decoradas com cortinados, gravuras e pinturas, com cavaleiros a fazer performances em volta da

106 cremação in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-05-29 15:12:10]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cremação>

107 Davies & Mates (2005). *Encyclopedia of Cremation*, Ashgate Publishing Limited, England. A chronology of cremation. Ashgate Publishing Company, England.

108 *Ibidem*.

109 *Ibidem*, p.457.

110 Oliveira, Maria (2007). *In memoriam, na cidade*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, ramo do conhecimento Cultura Arquitectónica, Universidade do Minho, p.132.

111 Simões, J. M., p. 31.

112 Davies & Mates (2005). *Encyclopedia of Cremation*, Ashgate Publishing Limited, England, p. 367.

fogueira e, durante a cerimónia, uma águia era libertada de uma jaula, por cima da pira, para que a alma do imperador fosse transportada até aos deuses.¹¹³

Em países nórdicos, mais concretamente na Suécia, por volta do ano 7.000 a.C., este método já era praticado entre estes povos, mas foi na era Viking que se tornou comum (800 – 1.500 d.C.),¹¹⁴ acabando por se extinguir, novamente pela invasão do cristianismo no território, substituindo a cremação pela inumação, reactivando a prática apenas no séc. XIX. Também os vikings tinham o costume de queimar os corpos nas piras e colher cuidadosamente os ossos para depois os enterrar, à excepção de uma prática incomum que consistia no esmagar dos ossos, que se diferenciava de outras zonas além Suécia. Existem ainda relatos dos Vikings recorrerem à cremação do corpo num navio juntamente com os seus bens valiosos, em territórios da Dinamarca e Noruega.¹¹⁵ Na Dinamarca, a cremação era a norma em 800 a.C. e só em 200 d.C., o enterramento dos seus mortos foi introduzido no país, influenciados pelos países vizinhos e, mais uma vez, sua cristandade, que repudiava a prática da cremação que só era usada em criminosos e supostos bruxos. Em 1000 d.C. chega em força o Cristianismo proibindo a cremação e, só no séc. XX a cremação foi totalmente aceite, através de um longo e demorado processo. E em 1975, a cremação aumentaria o seu rácio em 50%, contribuindo para um aumento em 2002, com mais de 72% dos dinamarqueses a optar por esta prática.¹¹⁶

Com o surgimento do Cristianismo e a sua rápida ascensão geográfica, como foi possível observar nos excertos anteriores, esta prática foi vista como um procedimento que confrontava a teologia dos seus crentes, tanto para os católicos como para os judeus, pois Deus criou o Homem e santificou-o e por isto, a sua dignidade, mesmo depois a morte, teria de ser garantida. Uma vez que se acreditava na ressurreição e no retorno, sendo o corpo transformado e desintegrado em cinzas no método da cremação, perdia-se a sua forma física que um dia seria retomada, por isto, as cinzas eram apenas usadas em mártires, de maneira a garantir o não retorno. A cremação era vista como um acto não digno catolicamente, tornando-se norma a prática do enterro já na Idade Média.¹¹⁷

“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço, glorificai, pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (Bíblia, 1, Cor.6:19,20)

Embora o Cristianismo tivesse dominado grande parte do mundo e anulado nessas zonas a prática da cremação, existiam ainda locais que não se viam dominados por esta religião, países como a China ou a Índia, em que o Budismo e o Hinduísmo representavam as religiões predominantes, a

113 *Ibidem*.

114 *Ibidem*, p. 457-458.

115 *Ibidem*, p. 414-415.

116 *Ibidem*, p. 162-165.

117 *Ibidem*, p. 107-108.

cremação consistia na sua primeira escolha.

Numa breve referência a esta parte do mundo oriental, pretende-se mostrar algumas das religiões que adoptam esta prática, assim como o local onde foi erguido o primeiro crematório do mundo e os motivos que levaram a optar pela cremação.

Na China, a cremação é já datada entre 8000 - 10.000 anos atrás, na Nova Idade da Pedra. Durante séculos, a população chinesa era influenciada por tradições ancestrais, honrando-os e fazendo-os parte da sua religião, durante a Dinastia Han (206 a.C. – 220 d.C.) valorizavam a inumação e olhavam a cremação como uma heresia mas, durante a Dinastia Tang (618 – 906), com influências do Budismo vindas da Índia Antiga, absorvia-se o costume de cremar os corpos em piras de madeira. Embora o Budismo agregue outras práticas para o tratamento do corpo (enterramento na terra, enterramento na água e exposição ao ar livre (enterramento no vento/ar)), a cremação rapidamente se espalhou pelo resto do país, tornando-a assim a prática dominante. Foi aqui, na China, durante a Dinastia Sung (960 - 1279) que se construíram os primeiros locais dedicados à cremação, os crematórios. Mais tarde, na Dinastia Ming (1368 - 1644) torna-se proibida a cremação e é substituída pelo enterramento e chega a ser a norma no país, só em 1949, volta a ser permitida a prática, pressionada pelas crenças das populações, por questões de logística pela não ocupação de território fértil, que era necessária para os enterros e ainda, o reduzido custo das cerimónias que na prática da inumação, chegavam a levar famílias à banca rota.¹¹⁸

Actualmente, os mesmo motivos se presenciam neste país, pela opção desta prática. Num artigo do Publico, *Os cemitérios densos, sobrelotados e verticais de Hong Kong*, por Ana Marques Maia (Outubro de 2019), em que entrevista o fotógrafo Finbarr Fallon, consegue-se perceber a insustentabilidade dos cemitérios na cidade de Hong Kong, numa cidade 93 vezes menor que Portugal e com mais de sete milhões de habitantes - apenas menos 3 milhões de habitantes que o país português - o espaço torna-se limitado e a solução é a construção em altura, solução esta que se reflecte não só na cidade dos vivos mas também, na cidade dos mortos, localizando os cemitérios nas encostas íngremes das montanhas no litoral, em que *as lápides ondulam sobre os socacos*, a uma escala monumental. Finbarr, pretendeu mostrar que:

*“[...] a morte é uma força motriz no que toca a morfologia urbana [...] imortalizar as pessoas que estão mortas pode significar que essas têm o poder de alterar a paisagem onde os vivos permanecem, de tal forma que podem ter mais influência sobre a morfologia de uma cidade do que quando estavam vivos. Por esta opção de sepultamento ser ainda bastante dispendiosa e por estarem fora do leque de possibilidades da maioria, o governo local encoraja as cremações e o uso de columbários”, afirma Finbarr.*¹¹⁹

118 Davies & Mates (2007). *Encyclopedia of Cremation*, Ashgate Publishing Limited, England, p. 120..

119 Maia, Ana (2019, Outubro 7). Os cemitérios densos, sobrelotados e verticais de Hong Kong. *Publico*.

Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/07/p3/fotogaleria/cemiterios-densos-sobrelotados-verticais-hong-kong-397339>

No Japão, onde o Budismo também fora incorporado, a cremação veio juntamente com a religião, embora através dos séculos, a imperativa fosse o enterramento na terra e não o “enterramento no fogo”, em 1930 a cremação tornou-se a principal prática adoptada aquando o tratamento do corpo, e actualmente, a percentagem situa-se praticamente nos 100%.¹²⁰

Dando a conhecer agora uma outra religião inerente no tema da cremação, introduz-se o Hinduísmo. Surge na Índia a 2000 a.C., e baseia-se na crença do renascimento e reencarnação das almas e por isto, a morte não se torna uma calamidade, é apenas uma cessão temporária de actividade física, um meio necessário para recarregar a energia para poder retornar e encarnar, nunca se é inteiramente novo quando se nasce e nunca se vai inteiramente quando se morre. A cremação no Hinduísmo, é vista como um sacrifício de fogo e um sacrifício próprio para os deuses, a última etapa do ciclo da vida, é um acto de criação e, por isto, de fecundidade tornando-se um modelo de “boa morte” ou “morrer bem”, trata-se purificar o que era profano no corpo, e assim prepará-lo para a libertação e integração, através do fumo libertado que se conecta com o céu.¹²¹

Um escrito pelo Presidente da Associação Cultural Hindu-Porto, Laximidas Gocaldas, explica¹²²:

“A recordação dos mortos para os Hindus, assenta nos valores morais que foram deixados e são preservados na memória de cada um. Tê-los presentes, tal como foram em vida, no íntimo de cada um, constitui, no nosso conceito, a maior prova de amor, o que não se enquadra, segundo os nossos princípios, a sepultura do corpo e na sua natural degradação. A cremação, em nossa opinião, e para além dos aspectos de ordem moral e religiosa, oferece, em relação à sepultura, vantagens múltiplas de onde se destacam os aspectos de ordem higiénica.”

Existem religiões que se opõem à cremação, assim como o catolicismo há muito pouco tempo o era. Religiões como o Judaísmo ortodoxo (à exceção do Reformado e Conservador) e Islamismo, a prática não é aceite.¹²³

Na Europa, mesmo com a predominância do Cristianismo ao longo de vários séculos, no séc. XIX emerge novamente o interesse pela cremação, como já foi apresentado. Apesar de o factor teológico ser muito importante para reactivação deste método milenar, o factor social foi um outro factor significativo para caminhar na direcção desta prática, com o considerável aumento das populações nas grandes cidades na época industrial, em que os cemitérios não suportavam o número de mortos, juntamente com a preocupação no saneamento e higienização públicos, diferentes atitudes teriam de ser tomadas para resolver estas questões. Com a revolução francesa, um novo impulso levou à

120 Davies & Mates (2005). *Encyclopedia of Cremation*, p. 279.

121 *Ibidem*, p. 243-235.

122 Câmara municipal do Porto. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: http://www.cm-porto.pt/assets/misc/documentos/Ambiente/cemiterios/Cremat%2B%C2%A6rio_do_Porto.pdf

123 Davies & Mates (2005). *Encyclopedia of Cremation*, Ashgate Publishing Limited, England, p. 284.

adopção da cremação e à criação de fornos para a combustão dos corpos assim como estruturas arquitectónicas para esse fim (crematórios). Sendo o rito fúnebre inerente a tradições, maioritariamente religiosas, as taxas da cremação europeias variam de acordo com a influência católica ou protestante na tradição de cada país, verificando-se em 1999, uma maior taxa em países como a Grã-Bretanha e Dinamarca com 71% e Suécia com 68% e, em países de maior influência católica, as taxas rondavam os 16% na França, 13% na Espanha e 5% na Itália.¹²⁴ Na imagem seguinte, comprova-se o contínuo aumento ao longo dos anos, comparando o ano de 1996 (figura x) com o ano de 1999 que é mencionado neste excerto.

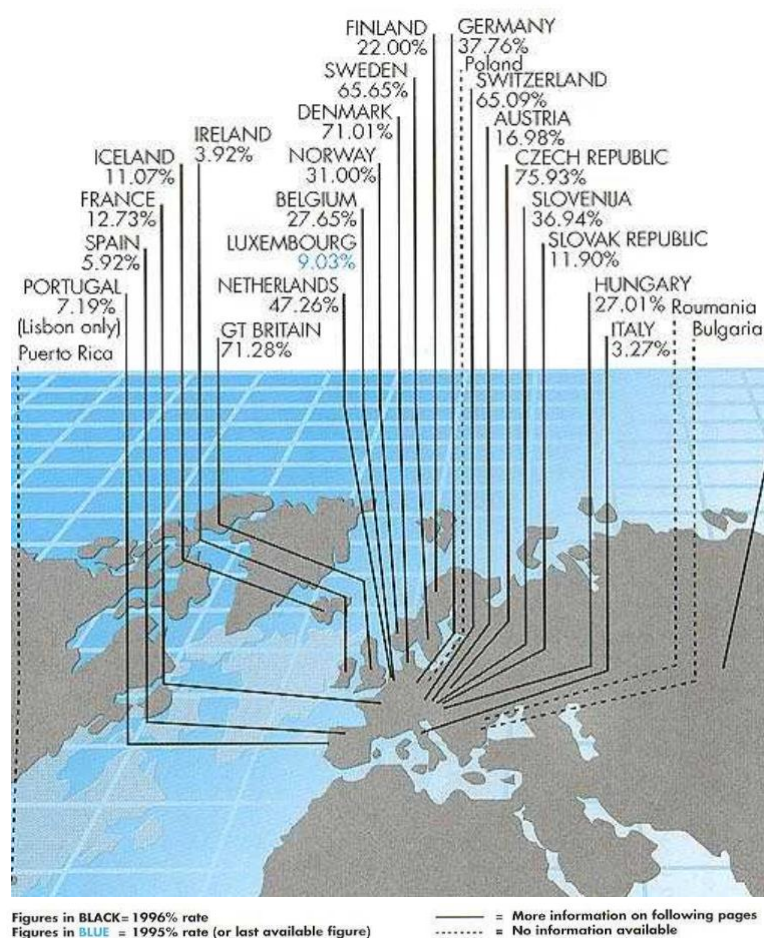


Fig. 20 Mapa com percentagens de número de cremações por país na Europa no ano de 1996. Fonte: The Cremation Society - Internation Statistic 1996. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.cremation.org.uk/international-statistics-1996>

124 Lopes, Emanuel (2011). *Projecto de Novo Crematório em Hietaniemi*. Tese para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, Universidade da Beira Interior, p. 5-6.

Dados mais recentes, numa avaliação na estatística do ano 2018, na percentagem de cremações na Europa, é possível observar-se os países com maior adesão a esta prática: Eslovénia (83,91%), Dinamarca (83,90%), República Checa (83,07%) e Suíça (82,28%). No entanto, na Roménia e Bulgária, as populações mostram-se mais relutantes quando decidem cremar os seus entes queridos.

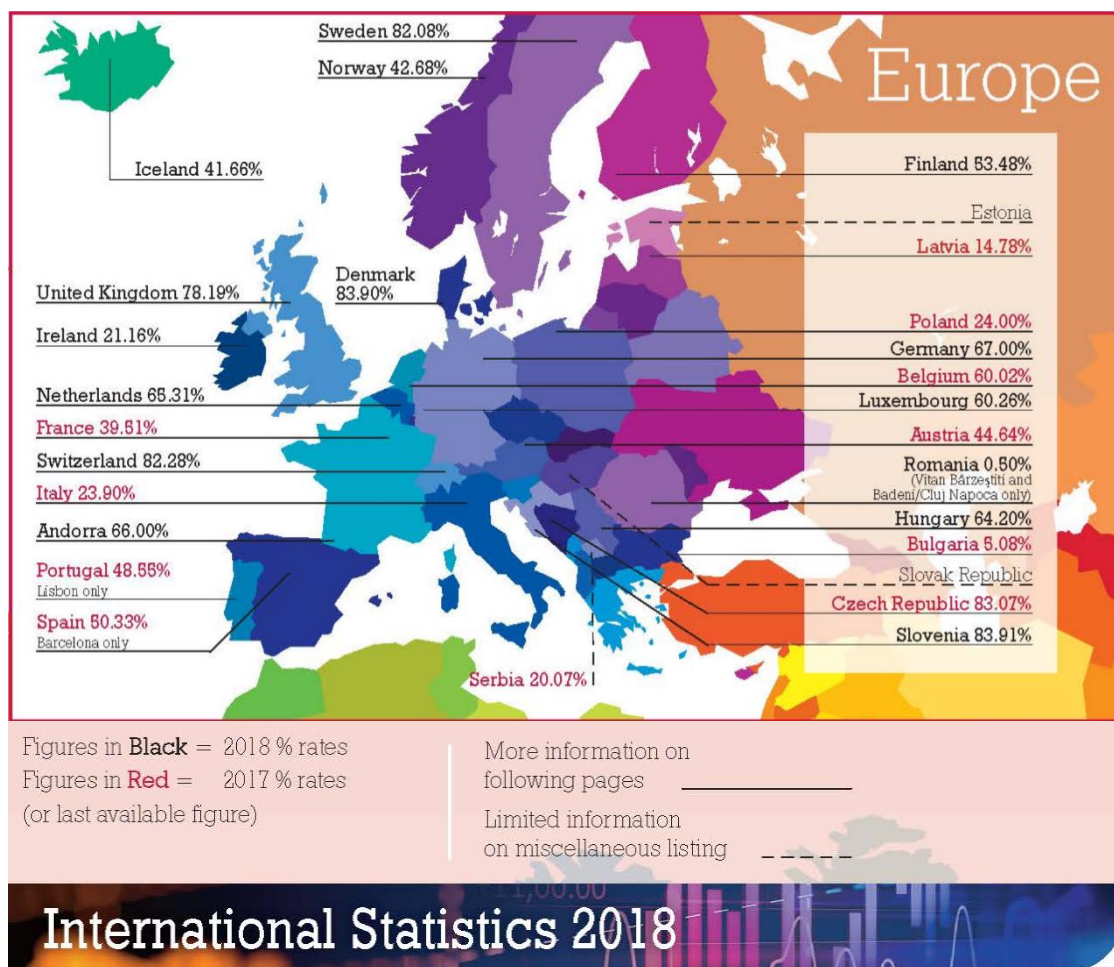


Fig. 21 Estatística da percentagem de número de cremações na Europa no ano de 2018. Fonte: The Cremation Society - International Statistic 2018. Consultado em Junho de 2020. Disponível em: <https://www.cremation.org.uk/International-cremation-statistics-2018>

Em Portugal, o processo foi mais lento, novamente por questões religiosas. Nas décadas finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, já se manifestavam os apologistas à cremação, justificando como sinal de civilização e, muitos eram os argumentos que usavam, como a higiene, vantagens económicas, homogeneidade social e a extinção da polémica vala comum já mencionada e ainda combater a falta de espaço para covas individuais mas, a Igreja condena este pedido em 19 de Março de 1886. Apenas a 1911, a lei portuguesa autoriza-a.¹²⁵

Portugal viu erguer-se o primeiro crematório em Lisboa entre 1911 e 1925, a construção do crematório no Cemitério do Alto de São João, dá-se depois da implantação da república, marcada pelo militantismo republicano, cientismo, higienismo e anti-catolicismo. Em 1936, 11 anos depois, o crematório é desativado por motivos políticos, o Estado Novo, implantado em 1933, que se alinhava à militante igreja católica, que não via com bons olhos a prática da cremação. Em 1985, o crematório volta a ser ativado num governo muito diferenciando ao da primeira república, pela pressão dos municípios da crescente comunidade Hindu, *que desde 1976 realizava cremações ao ar livre*.¹²⁶

No início, a adesão foi lenta como consequência de pouca informação e pouco interesse mesmo que em 1963, o Concílio Vaticano, sobre a forma e os motivos da escolha de forma cristã vinda do Papa Paulo VI,¹²⁷ se tenha posicionado acerca da cremação afirmando:

"A Igreja aconselha vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar o cadáver dos defuntos; sem embargo, não proíbe a cremação, a não ser que haja sido eleita por razões contrárias à doutrina cristã" (Código de Direito Canónico, canon 1176 par. 3).

A maioria da adesão nos primeiros anos foram de cidadãos estrangeiros, o que só se alterou em 1988.

A viabilidade dos cemitérios também foi uma preocupação para a cidade do Porto, o crematório tornou-se uma opção viável face à necessidade de criação de novos cemitérios e o dispendioso orçamento na sua manutenção, para além de atender a muitos dos pedidos formulados pelos municípios. Em 1995, ao Cemitério do Prado do Repouso, foi concedido o alvará para cremação.¹²⁸

125 Lopes, Maria (2011). *As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos*, p. 188.

126 Xisto, Brenda (2012). *"Assunto encerrado"? Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*. Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, p. 1.

127 *Ibidem*.

128 Câmara municipal do Porto. Consultado em Fevereiro de 2020. Disponível em: http://www.cm-porto.pt/assets/misc/documentos/Ambiente/cemiterios/Cremat%2B%C2%A6rio_do_Porto.pdf

No documento inserido online, no site da Câmara Municipal do Porto, *Crematório do Porto*,¹²⁹ é possível ler a aceitação pela fé cristã, escrita pelo Arcebispo do Porto, como uma mensagem de apaziguamento para todos os crentes:

*"Reconhecemo-nos como seres marcados pela esperança e sentimos que cada etapa da vida é sempre a penúltima. Também a morte. Ela é passagem, é caminho, porque a vida não acaba, apenas se transforma. [...] Nas cinzas apenas se extingue a figura material do ser, mas não se apaga a dimensão eterna da pessoa humana. Por isso, a cremação, como tal, em nada é contrária à fé cristã na ressurreição. [...]"*¹³⁰

129 *Ibidem*.

130 Júlio, Arc. Bispo do Porto.

4.2 Processo da cremação

Após entender como surgiu a cremação e como se desenvolveu ao longo dos anos, pretende-se dar a conhecer o processo deste procedimento actualmente.

A cremação consiste num processo com várias etapas: após o velório e última celebração, a urna é levada para o crematório, onde se fará a transição do corpo da urna da celebração para a urna da cremação, urna que é desprovida de qualquer peça metálica ou vernizes; de seguida, a urna é transportada para o forno, de porte robusto, com câmaras de combustão de gás propano alimentado de ar por ventilação forçada, a temperatura a que se submete é de 400°C inicialmente, finalizando a 1200°C; após 75 min, as cinzas são reduzidas a pó e introduzidas numa urna apropriada. A urna é então levada à família, que decidirá o destino das cinzas.

4.3 A prática da cremação em Portugal

O que em 1997 era uma prática residual,¹³¹ em 2000 foram mais do dobro as cremações registadas em comparação ao ano de 1996, contando com 1700 registadas.¹³² Mas o que impede ainda os portugueses de optarem pela cremação? Segundo Carlos Almeida,¹³³ o tempo de espera para que se possa tratar do corpo – de 24h a 48h - e a crítica social são dois dos motivos para que a cremação seja rejeitada. Os portugueses não se entendem com a morte, criticam o método e as famílias não se decidem. Para ser cremado, é suficiente deixar em testamento a vontade do defunto expressada ainda em vida mas, o facto dos portugueses não quererem lidar com a morte, faz com que não se proceda à elaboração dos documentos – Portugal é o país com menos testamentos na Europa, afirma Carlos Almeida.¹³⁴

Já em 2012, numa publicação no DN, é notório o aumento do número de cremações: em 2001 registaram-se 2053 cremações e, passados 10 anos, só em 2011 foram registadas 8948, devido ao aumento do número de fornos pelo país, uma vez que em 2001 existiam apenas dois fornos em Portugal e, em 2011 aumentaram para 16 fornos.¹³⁵ Paulo Correia, presidente da Associação Portuguesa dos Profissionais do Sector Funerário (APPSF), afirma que a cremação pode ser vista

131 Xisto, Brenda (2012). *“Assunto encerrado”? Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*. Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, p. 1.

132 Ferreira, L. (2011, Novembro 2) Número de cremações em Portugal continua a crescer. Portugal: *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2001/11/02/jornal/numero-de-cremacoes-em-portugal-continua-a-crescer-163676>

133 Presidente da Associação Nacional de Empresas Lutuosas (ANEL).

134 Ferreira, L. (2011, Novembro 2) Número de cremações em Portugal continua a crescer. Portugal: *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2001/11/02/jornal/numero-de-cremacoes-em-portugal-continua-a-crescer-163676>

135 Lusa. (2012, Maio 26) Nove em cada 100 funerais realizados em Portugal são cremações. Portugal: *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/nove-em-cada-100-funerais-realizados-em-portugal-sao-cremacoes-2546820.html>

como um método de poupança a curto prazo, uma vez que não é necessária a colocação da lápide ou a exumação dos restos mortais e, o destino a dar às cinzas é livre no país, uma vez entregues as cinzas à família, *podem fazer delas o que quiser*, o que pode contribuir para que a população veja esta prática como primeira opção. Uma das opções que Paulo Correia explica¹³⁶, é a opção adoptada na presente dissertação aquando a criação do projecto do Tanatório:

"As pessoas muitas vezes querem regressar às origens e aí podem plantar uma árvore que é uma urna de cinzas que tem um reservatório para colocar cinzas e por cima tem um reservatório para colocar terra com fertilizante e sementes", DN (2012)

Existem ainda outras opções como a deposição de cinzas em uma urna que não tem o aspecto de urna, e que só a pessoa sabe o que de facto é o objecto, o que não tem impacto em casa da mesma; a opção de colocar as cinzas numa urna biodegradável que podem ser depositadas no mar e ainda, a opção da criação de um diamante a partir das cinzas resultantes da cremação, um processo que pode demorar entre quatro a doze semanas.¹³⁷

Numa publicação mais recente, no JN, em Novembro de 2019, é possível ler que entre 2008 e 2018, os registos de cremações sofreram um aumento de 200%, com valores de 6900 para 20200 respectivamente. Até à data desta publicação, registam-se 29 crematórios no país, o que contribui para o aumento da adopção desta opção. As cidades de Lisboa e Porto são as mais adeptas desta prática, onde na primeira cidade, a cremação é a solução mais comum: cerca de 57% dos funerais, por outro lado, nas zonas rurais a prática mais comum continua a ser o tradicional funeral. Mas, o aumento do número de crematórios preocupa Carlos Almeida, que ironiza dizendo que receia *que venham a existir mais crematórios do que mortos*,¹³⁸ e defende ainda que é necessário um estudo do mercado antes da instalação de qualquer crematório, denunciando que estão a ser abertos estes estabelecimentos sem qualquer critério, uma vez que não implicam custos aos municípios e estes procuram não “ficar atrás” na corrida com os outros municípios.

Na mesma publicação, Manuel Capelas¹³⁹, questiona se a cremação não será uma forma de evitar memórias ao não fazer a habitual visita ao cemitério, afirma ainda que *não há um desligar afectivo, mas não há o ritual da lembrança*.¹⁴⁰

Ora, esta foi uma questão pertinente aquando a elaboração do tanatório no presente trabalho.

136 *Ibidem*.

137 *Ibidem*.

138 Barata, A. (2019, Novembro 1). Cremações aumentam à uma década. Portugal: *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/cremacoes-aumentam-ha-uma-decada--11469394.html>

139 Investigador da Universidade Católica, especialista em perda e luto.

140 Barata, A. (2019, Novembro 1). Cremações aumentam à uma década. Portugal: *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/cremacoes-aumentam-ha-uma-decada--11469394.html>

Em modo de conclusão, depois do estudo da cremação, pode-se afirmar que os factores decisivos para a cremação são a higiene, a praticidade, a progressiva transversalidade entre religiões, hierarquias sociais, a questão económica e logística nas questões de ocupação do território. Portugal continua a aumentar o número de cremações todos os anos o que faz crer que possa vir a ser a prática dominante. Lousada, continua a exercer a prática tradicional do enterro mas, como vimos anteriormente, a introdução de mais crematórios, faz com que se adopte mais a prática da cremação, o que poderia ter o mesmo resultado neste concelho. As celebrações e velações permanecem, o luto é praticado mas, e a questão da lembrança que Manuel Capelas apontou?

Brenda Xisto, no seu estudo sobre as *atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*, aponta também, relativamente à cremação na Europa, a preocupação de atender à memória era um alarme nas ciências sociais, a cremação leva ao desaparecer do corpo e do túmulo habitual na inumação, o que poderia afectar o habitual recorrer à memória. O receio de cair no esquecimento era um aspecto negativo apontado à cremação.¹⁴¹

No Tanatório de Lousada, em que o ritual final da entrega de cinzas se realiza, é adoptada, como já foi referido, a opção do regresso às origens e, utilizando a urna com um reservatório de cinzas e um outro com terra fertilizada e uma pequena árvore recém plantada, que posteriormente será replantada no devido local – o Bosque da Memória – é praticada aqui a visita, o regresso ao local, a permissão da lembrança e da memória, não obrigando ao tradicional asseio da campa dos tradicionais cemitérios, mas dando espaço ao crescimento natural da árvore como uma extensão do ente querido, que cresce paralelamente ao passar dos anos das vidas dos que deixou, estando presente e acompanhando-os, ainda que, simbolicamente.

141 Xisto, Brenda (2012). “Assunto encerrado”? *Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*, p. 7.

5. Arquitectura Fúnebre

“a cidade dos mortos antecede à cidade dos vivos” – Lewis Mumford.

Arquitectura caracteriza civilizações e épocas.¹⁴²

É impossível falar de arquitectura fúnebre sem falar dos primeiros vestígios de presença humana, pois foi aqui neste tema do rito, que surgiram as primeiras manifestações de actividade humana,¹⁴³ da pré-histórica Anatólia, também conhecida como Ásia menor, aparecem vestígios de actividade humana que datam por volta de 10.000 a.C. e cedo no Neolítico, aparecem os primeiros vestígios de complexas práticas rituais em 9.500 a.C.¹⁴⁴

Quando o prazer social se fez manifestar entre os primeiros povos, mesmo antes de qualquer agrupamento permanente, as celebrações simbólicas e cerimónias fúnebres foram o primeiro passo para o começo das urbes.¹⁴⁵ *Os mortos foram os primeiros a ter uma morada permanente: uma caverna, uma cova assinalada por um monte de pedras, um túmulo colectivo.*¹⁴⁶

A pedra, o conceito lítico, representava para o homem primitivo, uma hierofania para a consciência religiosa, pela sua dureza, durabilidade e permanência – a pedra é.¹⁴⁷ Esta transcendência da pedra pelo seu absoluto, resistência e inércia, despertou o uso da mesma para a defesa do homem ou dos seus mortos.¹⁴⁸ Foi aqui, no mundo do rito que o ser humano sentiu a necessidade de se expressar, contribuindo para as primeiras residências permanentes – os cemitérios. Antes de se estabelecer a urbe - a malha urbana - definia-se o local para os mortos.¹⁴⁹

*“Eses milleiros e milleiros de megalitos ó longo das costas atlânticas son non só indicativos da man do home sem máis, senón a materialización dos seus sentimentos, das suas crénzas, do seu xenio creador.”*¹⁵⁰ – Rodríguez Casal

142 Infopédia, Dicionários Porto Editora. Consultado em: Março de 2020.

143 Garcia, Andreia. *Espaço Céptico, Arquitectura e Cidade. Guimarães, Um Modelo Conceptual*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, Dezembro de 2016, p. 41.

144 Museu Britânico. Prehistoric Anatolia. Londres: Março de 2020.

145 Garcia, Andreia. *Espaço Céptico, Arquitectura e Cidade. Guimarães, Um Modelo Conceptual*, p. 41.

146 Mumford, ob. cit. (1961), p. 15.

147 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*, p. 175.

148 *Ibidem*, p. 176.

149 Garcia, Andreia. *Espaço Céptico, Arquitectura e Cidade. Guimarães, Um Modelo Conceptual*, p. 41.

150 Rodríguez Casal, Antón A. (1990). *O Megalitismo: A primeira arquitectura monumental de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade. Servicio de publicacións e Intercambio Científico, p. 74.

Este contexto histórico da arquitectura fúnebre, que se enquadrará primeiramente no Ocidente e posteriormente num enfoque em Portugal, irá revelar-se posicionada no aspecto da prática do enterramento ou sepultamento que, embora contraste com o tema final da proposta projectual deste trabalho, sendo ele um Tanatório em que a cremação é o método adoptado, segue em consonância com o local a ser projectado em que os cemitérios cobrem o território como última morada - uma vila rural no Norte de Portugal, onde a prática recorrente é precisamente a inumação. Procura-se dar a conhecer o passado e ainda o presente para poder depois, propor o futuro.

Os primeiros monumentos arquitetónicos na história da arquitetura remetem-nos para o Megalitismo, as construções megalíticas, construções de grandes blocos de pedra de conotação de rito funerário ou astral, como o dólmen, o menir ou o cromeleque.¹⁵¹ Estas estruturas serviam de protecção, não só contra os animais e possíveis saqueadores, mas também contra a própria morte, serviam para manter e conter a alma do defunto para que esta não dispersasse, resultando num instrumento protector da vida contra a morte, protegendo os vivos dos mortos.¹⁵²

*“[...] a própria arquitectura está normalmente em relación directa cos ritos cerimoniais alí practicados, por canto estamos diante dun espácio simbólico de lindeiros moi nidios no que o home materializa as súas ideas. Home e pedra van estar intimamente ligados, pois o que vén caracterizar á relixiosidade megalítica é o sentimentos da eternidade e continuidade entre a vida e a morte, no que a pedra representa esa idea de totalidade e perdurabilidade.”*¹⁵³ – Antón Rodríguez Casal

151 Rodríguez Casal, Antón A. (1990). *O Megalitismo: A primeira arquitectura monumental de Galicia*. Santiago de Compostela: Universidade. Servicio de publicacións e Intercambio Científico, p. 14.

152 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*, p. 177.

153 Rodríguez Casal, Antón A. (1990). *O Megalitismo: A primeira arquitectura monumental de Galicia*, p. 15.



Fig. 22 Dólmen de Santa Maria e Menir de Luzim - de granito com cerca de 2m de altura, Penafiel. Fonte: Site da Câmara Municipal de Penafiel. Disponível em: <https://www.cm-penafiel.pt/visitar-penafiel/monumentos/imoveis-de-interesse-publico/menir-de-luzim/>

As primeiras civilizações datam há já cinco mil anos, localizadas nos vales férteis dos rios Nilo, Eufrates e Indo, de onde surgiram as civilizações Mesopotâmicas (6000-1500 a.C) e Indostânicas.¹⁵⁴ O estabelecer da moradia permanente para o morto, ainda quando os povos se mostravam nómadas, contribuiu para a necessidade de permanência num local, num território, despontou para o sentimento de pertença de um local cujo permitisse a deslocação breve ao sepulcro, para prestar a devida homenagem habitual.¹⁵⁵

Aqui, no Ocidente, nascia a revolução urbana, sempre com uma conotação ao deus local, que determinava a razão da existência da cidade. Em 3200 a.C., a arquitectura fúnebre mostrava-se abastada de câmaras subterrâneas revestidas de tijolo, destinadas aos chefes cujos corpos assentavam no centro de presentes luxuosos e mantimentos para o falecido.¹⁵⁶

Entre 1500 e 500 a.C, a Mesopotâmia era dividida politicamente entre o reino do Norte – Assíria – e o reino do Sul – Babilónia. A cidade da Babilónia atingiu a sua monumentalidade quando os imperadores consideraram o seu potencial, marcando-a com uma organização geométrica conjunta, com o seu santuário principal no centro e, a ligação ao exterior era efectuada por oito portas com nomes relativos às suas divindades. A torre de Babel, um dos principais monumentos quando se toca no tema da cidade da Babilónia, consistia num zigurate, um templo em forma de torre, reconstruído por Nabucodonosor II, contava com sete níveis, com o intuito de aproximar o rei ao deus Marduk, deus da Babilónia.¹⁵⁷

154 Garcia, Andreia, p. 43.

155 Ferreira, J., p. 28.

156 Garcia, Andreia, p. 43.

157 Museu Britânico. Março de 2020.

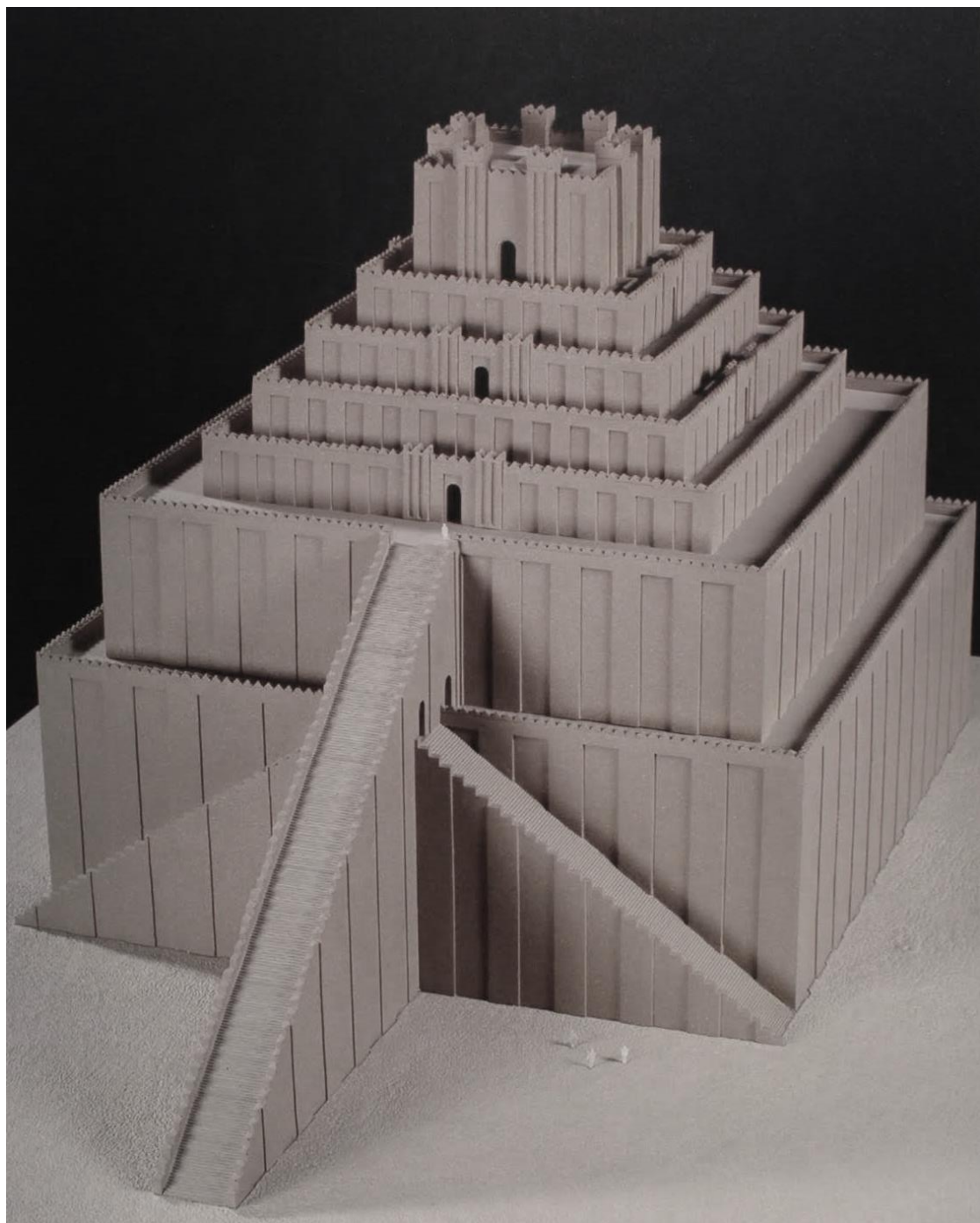


Fig. 23 Modelo de Etemenanki (Torre de Babel), zigurate dedicado ao deus Marduk. Fonte: Museu Britânico. Consultado a: Março de 2020.

Os zigurates são uma representação da sacralidade entre o Homem e o Céu: o encontro entre o Céu e a Terra realizava-se no “monte”, no ponto mais alto e, normalmente considerados os centros do mundo pela sua importância sagrada, chamada de *A casa da junção entre o Céu e a Terra*, a Babilónia, assim como muitos outros zigurates, encontrava-se no topo da montanha cósmica.¹⁵⁸ A importância da altura nos edificados de conotação religiosa mora na vontade de reflectir essa transcendência e poder sobre-humano, a ruptura de nível do que é mundano, humano e profano, para o puro e sagrado Além e, através desta morada física, realizar a consagração do rito pela morte, com a *passagem, subida, ascensão*.¹⁵⁹ Por isto, a forma piramidal foi desde muito cedo adoptada em vários pontos do mundo, como uma solução viável pela sua construção em altura com menor quantidade de material e, pela sua base maior que o topo, que permitia uma estabilidade acrescentada. A torre de Babel é um exemplo da adopção desta forma, ainda que bastante intrincada, mas a mais famosa obra piramidal consegue-se séculos após as primeiras urbes e bem antes do império babilónico, num dos maiores e mais complexos impérios já formados, o Antigo Império Egípcio (3200 a.C.).

Com base num estudo por Simões Ferreira, na sua obra *Arquitectura para a Morte, A questão Cemiterial e seus reflexos na teoria da Arquitectura* (2005), pretende-se dar continuidade à matéria, desta vez direccionada aos seguintes períodos históricos da humanidade no Ocidente.

No prosseguimento do Antigo Império Egípcio, observa-se que a relevância do Além para os egípcios, faz-se notar na sua arquitectura pela majestuosidade e monumentalidade que as suas mastabas, pirâmides e esfinges expressam, sobrepondo até a necrópole à cidade dos vivos, garantindo a sua permanência na vida social e cultural do país, acreditando que com uma arquitectura notável seria possível prolongar a vida para além da finitude dos seus corpos e atingir a imortalidade.

158 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*, p. 91

159 *Ibidem*, p. 92



Fig. 24 Monumentos funerários egípcios. Fonte: : J. M. Simões Ferreira na Dissertação de Doutoramento em Teorias e História das Ideias, FCSH/UNL, 2005, intitulada de Arquitectura para a morte - A Questão Cemeterial e seus reflexos na teoria da Aquitectura. Consultado em: Junho de 2020.

Por outro lado, na Grécia, pela sua descrença da imortalidade e a racionalização da morte, a sua arquitectura fúnebre não se mostrava exuberante como nos povos anteriores, pelo contrário, a arte fúnebre grega era pouco relevante, pelo menos até ao período helenístico (323 – 30 a.C.) de onde se construíram grandes mausoléus, à excepção do período micénico, onde a importância nas construções tumulares era outra, caracterizadas pelas suas cúpulas e forma de “colmeia”. Nos períodos mais relevantes da cultura grega, a Grécia Arcaica e o Clássico, não se dedicavam à arquitectura fúnebre, optando pela inumação ou cremação com enterramento de ossadas, normalmente próximo às habitações dos familiares.

Na Roma Antiga, embora as percepções de morte fossem ao encontro das do povo grego, a sua arquitectura fúnebre não era tão discreta: desde grandes túmulos subterrâneos, autênticas necrópoles, urnas funerárias e sarcófagos dos etruscos, até, posteriormente, às construções tumulares pelas vias de acesso às cidades romanas - Via Appia, outras de inspiração egípcia como pirâmides - pirâmide de Caio, obeliscos - Foro Romano, e colunas - a de Trajano, ou até o Panteão – com o significado de “todos os deuses” – de conotação fúnebre, remetendo à memória e ao sentido cósmico - a arquitectura fúnebre romana expressava uma atitude perante a morte densamente psíquica, não tanto por uma expectante vida após a morte mas sim por uma ânsia de *individualização e de perpetuação através da memória*.¹⁶⁰ Esta vasta diversidade de traços arquitectónicos e diferentes monumentos, devia-se, como já foi referido, à multiplicidade de *formulações culturais e mundividências*¹⁶¹ que marcaram a cultura romana, e uma das consequências desta mescla cultural e social, como já foi previamente estudada, consistia na prática fúnebre fora das cidades – por questões de salubridade – o que se veio a inverter na era medieval.

160 Ferreira, J., p. 143.

161 *Ibidem*, p. 34.

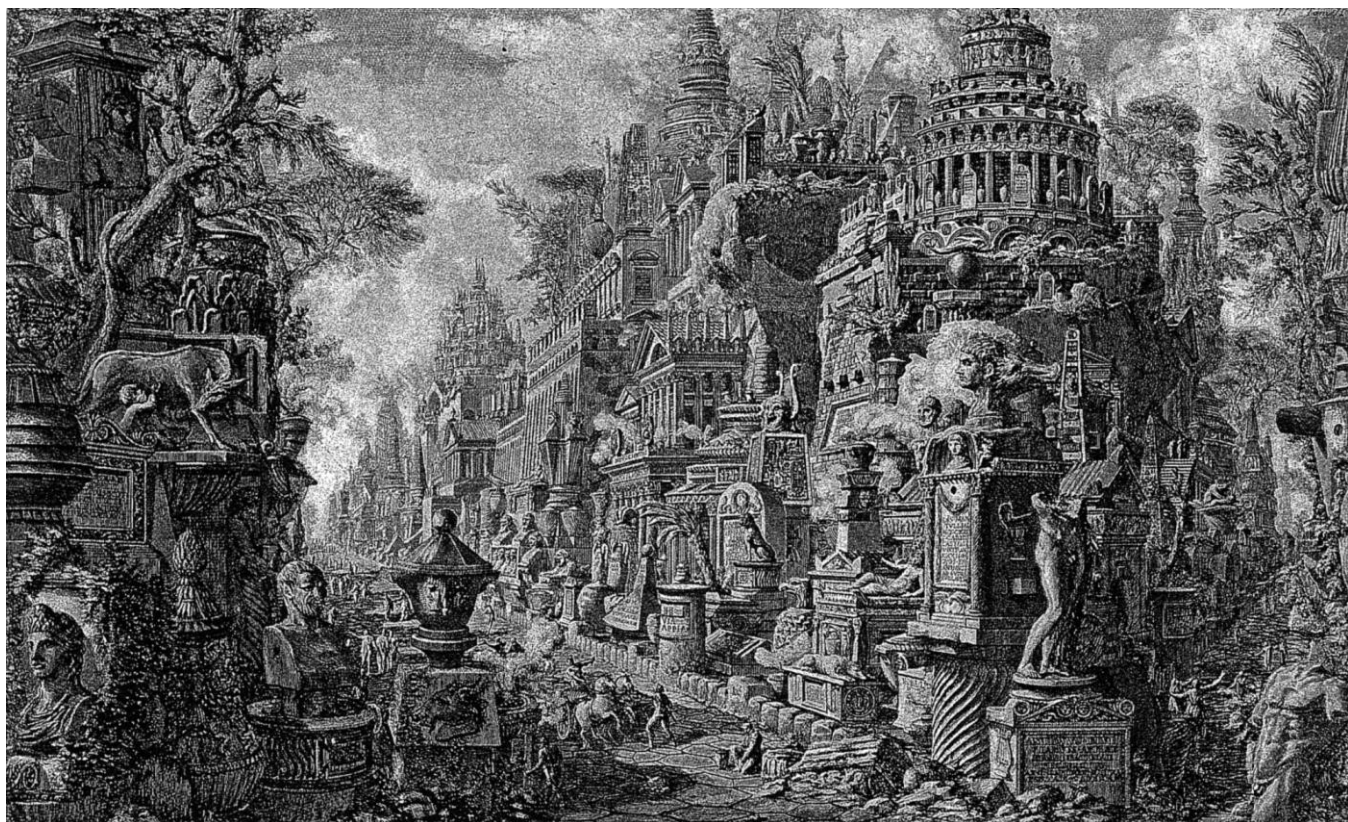


Fig. 25 Antigos monumentos funerários ou cemitério no cruzamento da Via Appia com Via Ardeatina. Fonte: J. M. Simões Ferreira na Dissertação de Doutoramento em Teorias e História das Ideias, FCSH/UNL, 2005, intitulada de *Arquitectura para a morte - A Questão Cemeterial e seus reflexos na teoria da Aquitectura*. Consultado em: Junho de 2020.

Na Idade Média (Europa séc. V – séc. XV), apesar da ambição cultural que contribuiu para criação dos primeiros mosteiros, universidades e conventos, e ainda o surgimento do Gótico, que desenvolveu uma produção material e intelectual na época, que abriram portas para o despontar da era moderna, o mesmo afincamento não se demonstrou no que se refere à arquitectura fúnebre e, poucos são os vestígios literários deixados sobre o tema. Marcada pelo forte poder cristão, em que se menosprezava a sepultura uma vez que davam mais importância à passagem e ao *memento mori* – a lembrança que tinham de morrer e o estar preparados para morrer – que ao sepultamento e à qualidade da sepultura, a arte funerária passava pelos modestos sepultamentos junto às santidades locais - nas igrejas, que eram erguidas em terrenos onde se processara o sacrifício dos primeiros mártires e por isto, o local se tornara consagrado - *tumulatio ad sanctos*. Inicialmente, sepultavam-se os corpos em antecâmaras no interior das igrejas sob a laje da mesma, chegada a ser contestado durante anos pela seu decoro e salubridade, ou ainda sarcófagos de pedra, exteriores mas junto à igreja sempre próximos à santidade e sacralidade do local – *tumulatio appud ecclesia*, inicialmente simples, carentes de denominação e decoração e, mais tarde, com temas de *iconografia cristã alusivos à vida de Cristo*,¹⁶² ou cenas da vida do falecido e da vida futura que o esperaria, de estilos naturalistas ou até expressionistas mas contidos de maneira a não perturbar o descanso do morto.¹⁶³ Apenas nos fins da Idade Média, se nota uma multiplicação de construções tumulares, já com alguma *grandiosidade arquitectónica bem significativa*.¹⁶⁴

162 *Ibidem*, p. 97.

163 *Ibidem*.

164 *Ibidem*, p. 101.

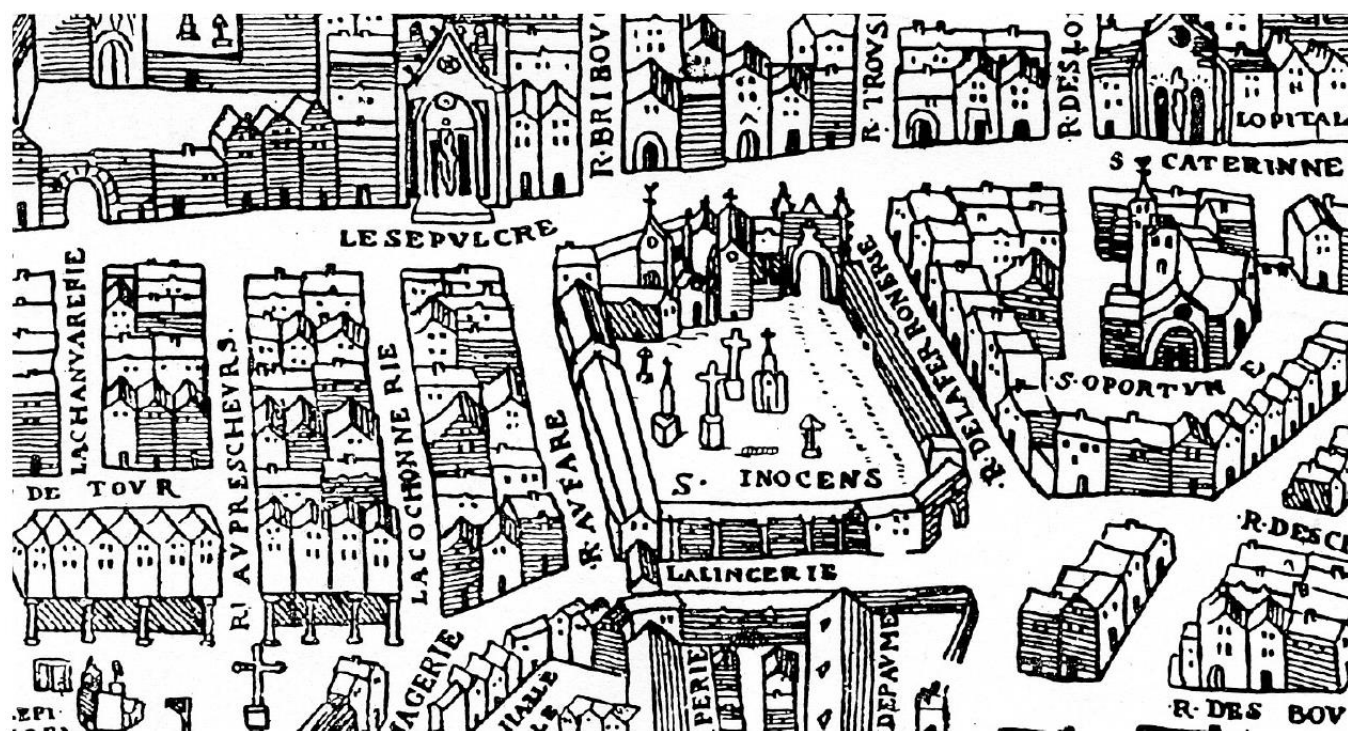
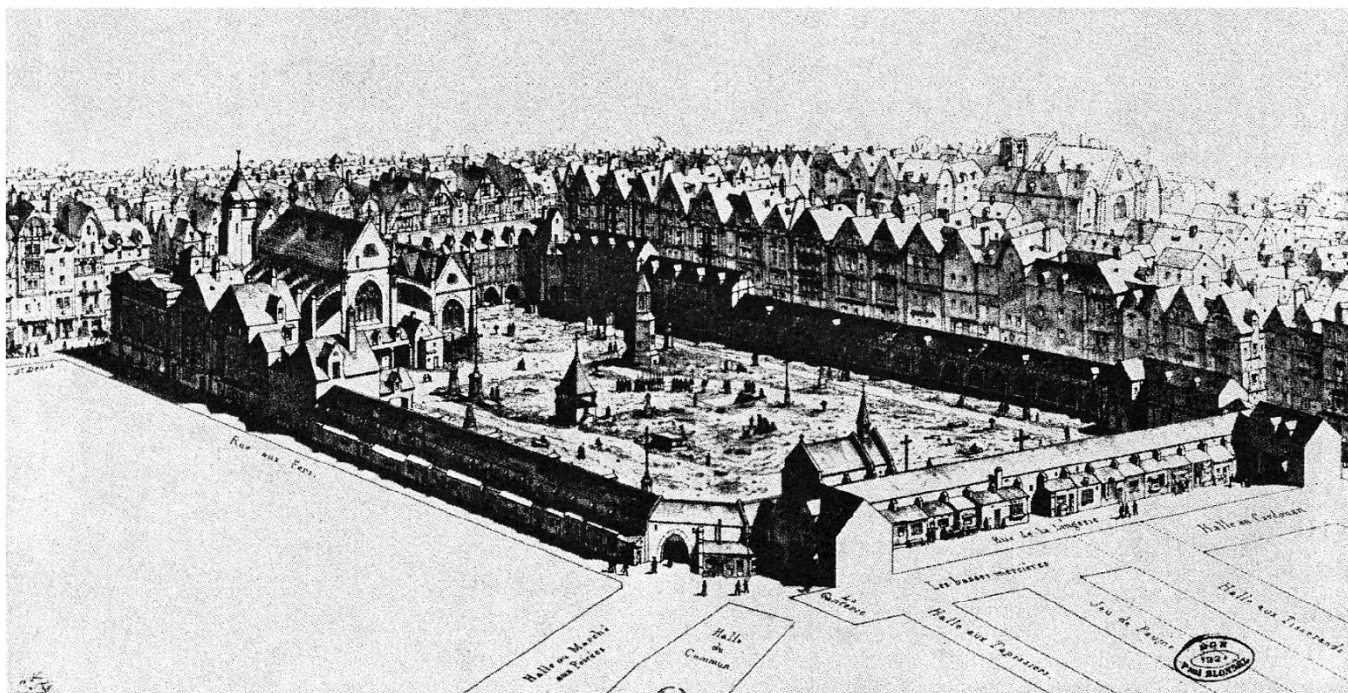


Fig. 26 Cemitério dos Santos Inocentes, Paris. Fonte: J. M. Simões Ferreira na Dissertação de Doutoramento em Teorias e História das Ideias, FCSH/UNL, 2005, intitulada de *Arquitetura para a morte - A Questão Cemeterial e seus reflexos na teoria da Arquitetura*. Consultado em: Junho de 2020.

Com o romper da Idade Moderna e o seu intelectualismo e a visão de *o homem se faz a si próprio*,¹⁶⁵ nasce a utopia de uma cidade e sociedade perfeita – *utopia edificatória*¹⁶⁶ – presente nos *Tratados de Arquitectura no séc. XV com: Alberti, Filarete, Colonna e Leonardo da Vinci*. Mais tarde, no séc. XVII, após a já estudada desvalorização do decesso e o acreditar na imortalidade da alma, o clero responde com *a valorização emocional e esteticizante do funeral*, apoderando-se do estilo barroco, caracterizado por grandiosas e exuberantes decorações fúnebres. Enquanto que algumas sepulturas se limitavam à função de sepultamento, outras mostravam-se mais ambiciosas, transparecendo a sua vontade de combater o esquecimento a que o tempo condena, através de *grotescas construções monumentais*¹⁶⁷ que Alberti tanto criticava pela sua futilidade na demonstração de grandeza nas suas últimas moradas, por outro lado, Alberti valorizava a modéstia, temperança, naturalidade e humanidade em aceitar a morte, através de ambientes arbóreos que remetesse à perpetuação da vida, para além da aprazível paisagem que serviria aos vivos, defendia que não haveria melhor forma de perpetuar a memória de quem partiu. Alberti foi também um grande entusiasta da Antiguidade Clássica, mais concretamente a de Roma, e por isto, defensor da re-deslocação dos cemitérios para fora das igrejas e para as periferias das cidades – prática perdida com a forte onda cristã na era medieval - por, mais uma vez, questões de salubridade e decoro. França foi um país entusiasta e dedicado às questões fúnebres pela falta de salubridade, em meados do séc. XVIII, a arquitectura francesa assume o desenho deste tipo de arquitectura com projectos para necrópoles, através de concursos promovidos pela *Académie Royale d'Architecture* (1765 – 1766), foi na década de setenta que se multiplicaram publicações, com base em descobertas científicas, onde se comprovava a importância do abandono da inumação nas igrejas e dentro das cidades e, a importância eminente da construção de cemitérios extramuros e ventilados, multiplicando-se também, projectos de cemitérios, capelas, mausoléus, cenotáfios e memoriais – destaque-se a extraordinária arquitectura de Boullé.¹⁶⁸

165 *Ibidem*, p. 37.

166 *Ibidem*.

167 *Ibidem*, p. 119.

168 Oliveira, Maria (2007). In memoriam, na cidade, p.193.

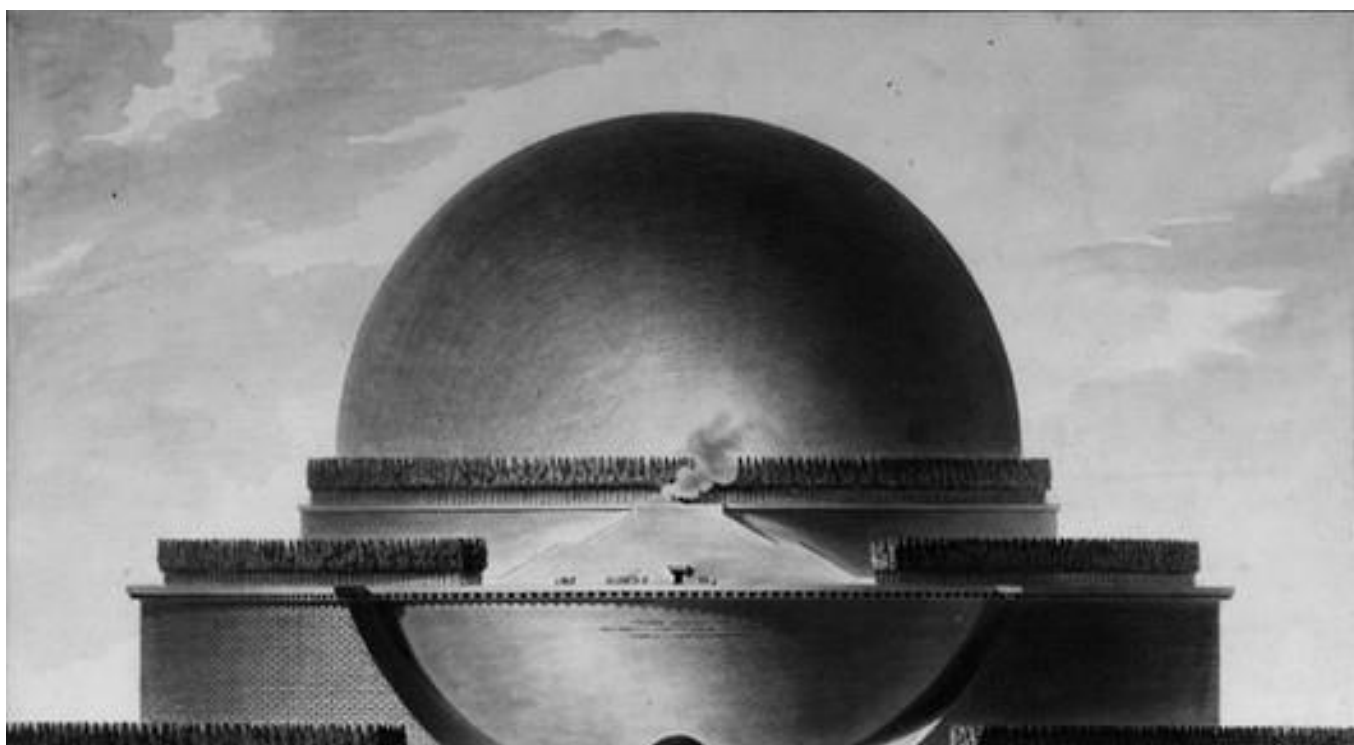


Fig. 27 Cenotáfio de Isaac Newton - Arquitectura de Boullé. Fonte: ArchDaily. Consultado a Junho de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-158245/arquitetura-ensaio-sobre-a-arte-slash-etienne-louis-boullee>

Só nos finais do séc. XVIII, na Idade Contemporânea, após a luta contra os sepultamentos sórdidos, foram finalmente deslocados os cemitérios para as periferias das cidades, sendo o primeiro caso em Portugal, o de Leiria, com decreto do Intendente Geral da Política do Reino, Pina Manique.¹⁶⁹ Passando pelas homenagens feitas aos grandes homens e às mortes por sacrifício à nação, desde o séc. XVIII até aos dias de hoje, se praticam os mesmos costumes das práticas funerárias e cemitérios, assim como se conhece hoje.

Os cemitérios, desde o séc. XVIII, são distinguíveis por 3 grupos: o cemitério Beaux-Arts – uma construção de origem parisiense, hierarquizada que segue uma ordem de simetria e equilíbrio, em que o projecto de arquitectura é reforçado com vegetação, um desenho geométrico integrando ainda percursos orgânicos, sendo usados na Grã-Bretanha, muito comuns na Alemanha; o cemitério paisagista – uma imitação da Natureza muito característicos nos Estados Unidos da América (EUA), de ampla extensão, topografias irregulares e densamente arborizadas em que os seus percursos seguem o organicismo do local, pondo de parte a hierarquização, e ainda existe sempre presente o elemento água em forma de lagos ou ribeiros; o cemitério monumental – implanta-se sobretudo na Espanha e Itália, caracterizada por uma organização claustral, em que o centro divide-se em dois caminhos limitados por galerias laterais que conferem monumentalidade ao local, de forma regular, geométrica e axializada que se sobrepõe às condições topográficas, onde a capela marca um ponto de referência, articulada com o acesso principal num lugar de grande convergência, existe sempre uma preocupação em delimitar este recinto, isolando-o do exterior: *protecção e exclusão são condições intrínsecas a estas necrópoles*.¹⁷⁰

169 Ferreira, J., p. 38.

170 Oliveira, Maria (2007). *In memoriam, na cidade*, p. 118-120.

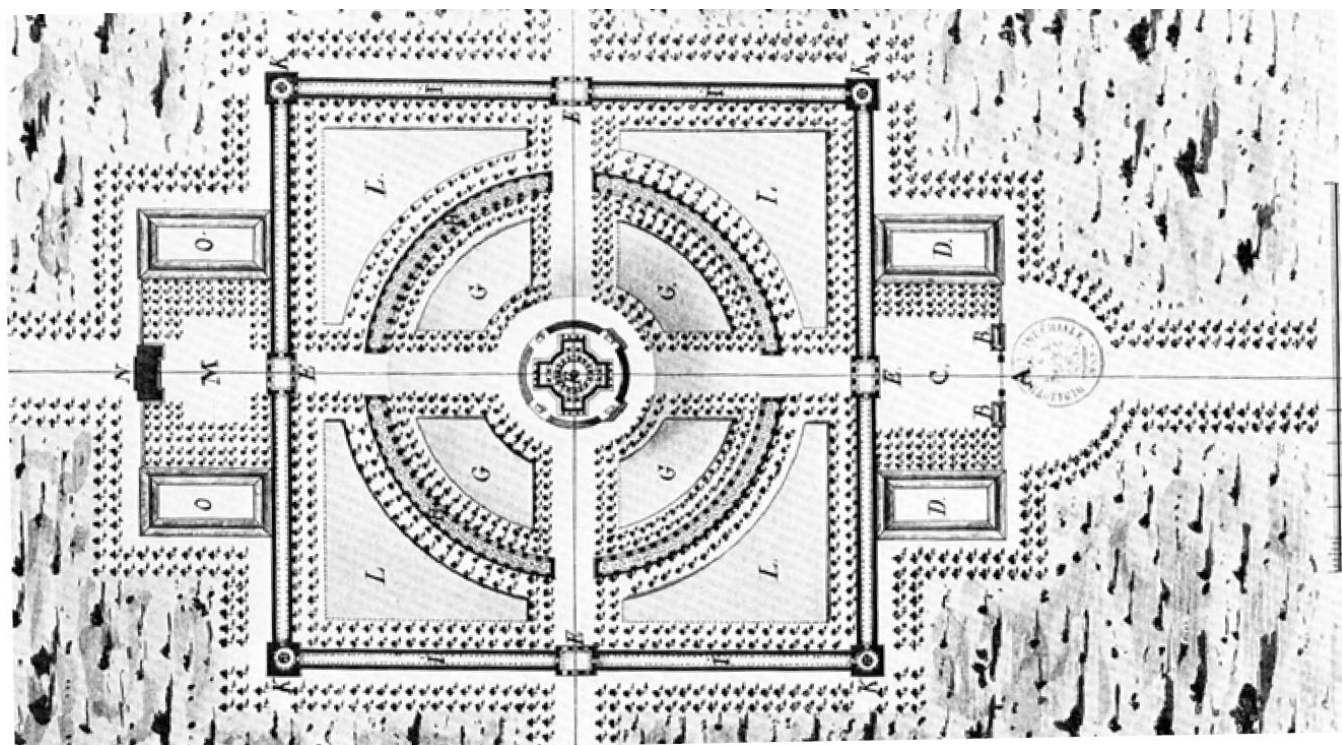


Fig. 28 Cemitério de Jacques Denis Antoine (1781-1782) - Beaux Arts. Fonte: Maria Oliveira, na Tese de Doutoramento em Arquitectura, intitulada de *In memoriam, na cidade*. Consultada em: Junho de 2020.

Dando a conhecer a História da Arquitectura fúnebre portuguesa, delimita-se um período ao qual se reconhece como país e terra conquistada denominada como Portugal. Embora existam vestígios que remetem para os tempos primitivos, passando ainda pelas relíquias romanas, de onde se ergueu o que hoje se conhece como território lusitano, entende-se que não era ainda reconhecido como solo português e, por isto, e também por já terem sido reflectidas as noções destes períodos, não contemplarão neste texto de estudo que se segue.

Inicie-se no séc. XII,¹⁷¹ na Idade Média, em que a arquitectura fúnebre encontrava-se essencialmente nas igrejas, isoladas ou agregadas ou incorporadas em mosteiros e catedrais, pela prática conhecida do sepultamento dos túmulos nas igrejas ou próximas – *tumulatio ad sanctos* - que se prolongou até ao séc. XIX, em que o primeiro cemitério foi inaugurado.

No princípio da nação, a arquitectura fúnebre sujeitava-se à influência do Império Romano, atravessava-se então uma época do românico (1100 - 1230), principalmente nas zonas Norte e Centro de Portugal – visto que o Sul do país tardou a ser conquistado aos muçulmanos – desde as obras mais abastadas, pela intervenção dos beneditos na construção das abadias monásticas, à mais humildes, de granito e madeira, materiais que abundavam gratuitamente por toda a parte.¹⁷² As humildes igrejas rurais, situadas no topo das colinas das acrópoles como *templositos*, ou nos montes para refúgio e protecção ou ainda, nos vales dos montes como *arcas de celestiais esperanças*, eram caracterizadas pelo seu volume pequeno e modesto, formadas por dois rectângulos sobrepostos; sem espaço para grande e detalhada ornamentação. Nas construções mais abastadas, destacam-se obras como a Catedral de Braga e o Mosteiro das Taxas mas também, trazido pela Ordem Cisterciense, o estilo Gótico (1200 – 1450), que como referência salienta-se o Mosteiro de Alcobaça, a primeira obra arquitectónica portuguesa totalmente gótica.¹⁷³

Nestas estruturas religiosas, mais ou menos abastadas, como já estudada a prática nesta época, eram inseridos em arcossólios, inicialmente, os túmulos de reis e mais tarde de benfeitores, como bispos e padres, acabando por se generalizar a todos os fiéis, se não fosse possível no interior, seriam inseridos nas proximidades (adros), esta era uma forma de proteger da possível violação dos túmulos e respectivos corpos, indispensável para a Ressurreição Final.¹⁷⁴

171 Arquivo Nacional. Torre do Tombo (2019). *Bula "manifestis probatum" do papa alexandre iii pela qual confirmou o reino de portugal ao rei d. Afonso henriques e a seus herdeiros*. Consultado em: Abril de 2020. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=39>

172 Botelho, Maria (2010). *A historiografia da arquitectura da época românica em portugal (1870-2010) volume ii*, Tese de Doutoramento no Ramo de Conhecimento em História da Arte. Porto, FLUP, p. 66.

173 Arquitectura em Portugal. Consultado a Abril de 2020. Disponível em: <https://www.hisour.com/pt/architecture-of-portugal-33808/>

174 Bencatel, Diana (2009). Sarcófagos e sepulturas medievais (Maia e Matosinhos): análise tipológica e cronológica, *Revista de Arqueologia*, volume 12, pp 209-238. http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/12_2/RPA_12_2_209_238.pdf

Estes cemitérios agregados às entidades religiosas, eram locais públicos onde se reuniam as populações para os mais variados eventos, desde bailes a feiras e outras actividades mundanas que se praticavam ali, ao lado dos sepulcros, cruzes e ossadas à mostra trepidante.

Num breve estudo da micro-arquitectura da tumulária presente na época, com base num artigo da Revista de Antropologia, volume 12 (2009), sobre sepulturas e sarcófagos da idade média na Maia e Matosinhos, presencia-se uma tumulária de várias tipologias que se diferenciavam ora pela evolução da produção, ora pelas possibilidades financeiras.¹⁷⁵ É ainda possível ilustrar estas tipologias, laicas e pertencentes a estados sociais mais abastados, sarcófagos monolíticos – cuidadosamente esculpidos directamente na pedra granítica – que antes seriam não antropomórficos, regulares e de simetria axial de contornos rectangulares, sub-rectangulares ou com laterais arqueadas e trapezoidais, agora evoluiriam para um antropomorfismo clássico, de arcazes com cabeceira e cavidade destinada ao corpo no mesmo nível; a sua decoração passava por cruzes em relevo na cabeceira, geralmente utilizada em sarcófagos sub-rectangulares ou trapezoidais não antropomórficos.¹⁷⁶

A tumulária medieval relativa a reis e benfeitores, representavam já um cuidado iconográfico e de cariz apotropaico, com o intuito de prevenir profanações do corpo e do túmulo, de preparar o corpo para o Juízo Final, de evitar a perturbação da paz pelos demónios.¹⁷⁷ Um exemplo desta estética encontra-se no túmulo de D. Rodrigo Sanches (séc. XII), no Mosteiro de São Salvador de Grijó, uma das primeiras incursões da figuração humana na tumulária, é decorado com uma série iconográfica de Cristo e os Apóstolos:

Ao centro, a figura de Cristo Pantocrator, sentado e envolvido pela mandorla, possui vestígios de um atributo que se supõe que teria sido um globo terrestre. A representação de Deus Filho é enquadrada em moldura rectangular. Nos espaçamentos dos cantos formados pela moldura e pela mandorla estão representados cada um dos evangelistas pertencentes ao tetramorfo. Há seis figuras do lado esquerdo e sete do lado direito. Sabe-se que são os Apóstolos. No entanto, há uma figura a mais. Esta figura, na extremidade direita, que aparenta ter na cabeça resquícios daquilo que foi uma coroa, é frequentemente atribuída ao programa iconográfico do facial da cabeça. Esta inserção de uma figura não identificada no programa de outro arcaz que se desconhece é demasiado precipitada, sobretudo porque se encontra inserida no facial visível do arcaz.¹⁷⁸

175 *Ibidem*.

176 *Ibidem*.

177 Miranda & Sequeira (2012), *Incipit 1 Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto*, 2009–10, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 70.

178 *Ibidem*.

Na mesma linha histórica procede-se a um breve estudo da arquitectura fúnebre que, uma vez que o *tumulatio ad sanctos* ainda era praticado, a base do estudo situa-se na contextualização da arquitectura das igrejas até ao séc. XIX.

O Gótico (séc. XII – séc. XV), que no início se mostrava sóbrio, marcado pelas características de construção de ordem mendicante,¹⁷⁹ o gótico-tardio descreve o oposto da simplicidade do românico, levando ainda à derivação do Manuelismo, caracterizado pela sua ornamentação cativante e pitoresca,¹⁸⁰ de onde se desenhavam arcos de forma elaborada desde a ogiva ao arco polilobado com decorações de temas de vegetalismo, terrestre e marinho e esferas armilares e escudos régios,¹⁸¹ o momento de transição do mundo medieval para o moderno através de obras como o Mosteiro da Batalha (1386 - 1563) e o Mosteiro dos Jerónimos (1501 – 1601), que despontaria o Renascimento em Portugal no séc. XVI.

O Renascimento surge em Portugal, por influências italianas, no séc. XVI, numa linha clássica que descarta a exuberância manuelina, simplifica as linhas das abóbadas usando as de berço redondo e ainda introduz as coberturas planas de madeira e o conceito de igreja-salão, como exemplo serve a Ermida de Nossa Senhora da Conceição em Tomar (1530-1540) e a Igreja de Nossa Senhora da Graça em Évora (1535 – 15429).¹⁸²

Mais tarde, num registo mais simplista na sua decoração de fachadas mas rica na ornamentação da talha dourada no interior, no Barroco, o Convento de Mafra (1717).

Esta prática do sepulcrário e cemitérios junto às igrejas ou mesmo no interior delas, prolongou-se ainda depois do séc. XVIII, e em 1833 cria-se o primeiro cemitério público em Portugal.¹⁸³ Sobre os ombros da autora Maria Oliveira, na sua Tese de Doutoramento em Arquitectura, *In memoriam, na cidade* (2007), um detalhado estudo sobre a História da Arquitectura Fúnebre em Portugal, realiza-se uma breve contextualização do tema para o presente trabalho.

Antes da Contemporaneidade marcada pelo término da Revolução Francesa (1789), Lisboa enfrenta as consequências do Terramoto de 1 de Novembro de 1755, para além da enorme destruição da cidade pelo terramoto, e maremoto e incêndio que se seguiram, um grande número de mortes veio a colocar em questão o costume da inumação *ad sanctus apud ecclesiam*, pela problemática da saúde pública apelando à construção de cemitérios públicos para o exterior das cidades – problemática referida no estudo anterior sobre a arquitectura fúnebre na Idade Contemporânea que, como se preveu, não sujeitou nenhuma alteração. Com o passar dos anos, muitos foram os contratempos até que, de facto, se construísse o primeiro cemitério - principalmente pelas vontades

179 Serro, Luís (2010). Arquitectura no período gótico em Portugal: influência mendicante e da Ordem de Cister, *Revista Arquitectura Lusíada*.1, p. 187-205.

180 Anónimo, Artigo de *O Arqueólogo Português – A arte manuelina e os críticos*, p. 54 -69.

181 Couto & Rosas, 2007. *Um Novo Tempo da História. Parte 3. História A 10º ano*. Porto Editora, p. 80.

182 *Ibidem*, p. 82.

183 Oliveira, Maria, p.187.

da Igreja que contestavam o afastamento à sacralidade, o que se sobrepunha à medida higienista que tentava implementar.

No séc. XIX, nos anos 20, após a instauração do regime liberal – que acaba com o absolutismo em Portugal e permite instalar a primeira constituição portuguesa - e o retorno de exilados, que contribuíram para a implantação de novas e seculares ideias, se instalam medidas de legislação sanitária em Portugal, que iniciam a construção obrigatória de cemitérios públicos fora da urbe em todo o país. Apesar desta obrigatoriedade, as inumações nas igrejas não foram ainda proibidas pelo seu carácter sagrado, no entanto, a modernidade vira ao de cima, a procura da eternidade da memória estava presente e esta era transmitida com um lugar individual no cemitério à vista de todos, um lugar de eternidade.

Em consequência da grave epidemia em 1833 – novamente mais uma crise leva à acção – Lisboa torna-se a primeira cidade de Portugal a instalar cemitérios públicos: na periferia, dois cemitérios foram instalados, um na zona oriental junto à ermida dos prazeres e, outro na zona ocidental na quinta de S. João. Este cemitérios descrevem-se de forma regular, de pórtico fechado e com inscrição de denominação do estabelecimento, com capelas, casas para empregados, repartidos com três divisões e que viriam a ser adornados com árvores: uma com valas de enterramento geral – valas comunitárias; outra com sepulturas rasas com apenas um rótulo para designar o número da sepultura; outra e última, com espaço para se construírem mausoléus, onde já seria permitido a colocação de lápides, entre outras regalias. Note-se aqui, a hierarquia das diferentes posições que o morto poderia adoptar de acordo com o seu estatuto, um evitar da *promiscuidade dos corpos, mesmo na morte*, e a possibilidade de eternizar a memória de quem tinha possibilidades económicas para o fazer – um *avatar da cidade dos vivos*.¹⁸⁴

Com a lei de 1835, que permitia aos menos afortunados ter um *enterramento decente* de forma gratuita, inicia-se uma onda de edificação de cemitérios públicos na década seguinte, longe de áreas sacralizadas e dos centros urbanos: em Aveiro (1838), no Porto com o do Prado do Repouso (1839), em Vila Real (1841), entre outros, de lenta evolução pela administração financeira e resistência dos clero e do povo que não pretendiam perder privilégios ou alterar procedimentos enraizados durante séculos, como por exemplo, o alterar do ritual de passagem indispensável salvação.

No final do séc. XIX, a resistência aos cemitérios era já residual, mas a extensão dos cemitérios públicos e laicos demoraram a cobrir principalmente as zonas mais rurais do país, ainda em 1950, em Vila Real, várias eram as freguesias que não possuíam cemitérios, colocando em questão de como seriam sepultados os corpos que, uma vez que não morressem de acordo com a doutrina eclesiástica, não poderiam ser enterrados no interior das igrejas ou seus adros.

184 *Ibidem*, p. 236.

Em 1911 os cemitérios tornaram-se seculares, abriam-se finalmente sem qualquer tipo de discriminação a qualquer cerimónia de qualquer religião mas, o modo como enterravam os pobres deixava a população perplexa, a diferença social era notória, segundo Ramalho, numa carta aberta ao patriarca em Lisboa:

“Chegamos ao cemitério. Das grades que circundam os jazigos pendem coroas de perpétuas cor de milho estreladas [...] ramos de flores tristes e simbólicas em vasos de porcelana; e longos bambolins adornam as lápides tumulares de dísticos de ouro [...] À porta algumas carruagens esperam. Eis tudo o que vimos o cemitério.

Digne-se agora Vossa Eminência ponderar por um momento no que não vimos.

Não vimos a gente pobre. Porque os pobres não têm nos cemitérios onde ir chorar aqueles que lhes morrem. A vala, Ementíssimo Senhor, é um túmulo colectivo, sem epitáfios, indiferente e mudo, insondável como o oceano. Nos terrenos reservados às sepulturas individuais não se entra sem uma certa toilette, como na superior de S. Carlos. O Alto de São João e os Prazeres são o Grémio Literári e o Clube – dos mortos.” (Lopes, p.184)

Esta prática foi diminuindo ao longo do tempo, passando a valas individuais mas sem urna, que seria a *opção forçada dos mais pobres*.¹⁸⁵

Na década de 70, na cidade do Porto, a necrópole pública finalmente é plenamente aceite, anos após da aceitação da proposta de 1891, de ceder área no cemitério público para as Ordens e Irmandades onde pudessem instalar as suas próprias necrópoles privadas – o público recebia o privado, não lhe retirando o estatuto privilegiado.

Os principais cemitérios em funcionamento ainda nos dias de hoje na cidade do Porto, datam do séc. XIX – iniciam em 1833 pelo surto de cólera que obrigou a abertura de espaços cemiteriais públicos - e ainda se mostram capazes de receber os mortos da cidade, através de sucessivas ampliações, inseridos na cidade que rapidamente os envolveu.

Como exemplo, apresenta-se agora, o primeiro cemitério público do Porto, o Cemitério do Prado do Repouso (1839), com a sua morada na zona oriental da cidade, na Quinta do Prado do Bispo, com o seu mural a toda a volta, acessos facilitados e portão principal virado para a cidade e uma alameda arborizada que atravessava a quinta em toda a sua extensão, que se mostraram características propensas para a futura infraestrutura que se viria a contruir, pelo arquitecto Costa Lima.¹⁸⁶ O programa apresentava três variedades de inumação: perpétua – em que era possível a vedação dos terrenos; temporária com o limite de 6 anos; “de momento” ou até quatro anos – onde se poderia colocar uma cruz ou placa; a vala comum não contemplava neste programa, o que mostrava um avanço *cultural e ideológico*¹⁸⁷ relativamente às práticas que eram comuns.

185 Lopes, p.185.

186 Oliveira, p. 266.

187 *Ibidem*.

Quanto ao desenho, o cemitério organiza-se em fracções que partem de um eixo longitudinal de existência prévia, fechando os limites laterais e regularizando-o com a construção de capelas funerárias com o seu próprio projecto-tipo, a longa alameda seria rematada com um templo mas, não se chegou a ser construído pelo que, se optou pelo reaproveitamento de uma capela da inacabada igreja de S. Vitor, a partir do seu transepto, na lateral da área cemiterial – capela do Cemitério do Prado do Repouso – que até hoje sofre pela sua desconexão com o resto do projecto. Importante ainda referir, como já ficou explícito anteriormente, que neste local se encontra o primeiro crematório do Norte do país (1996), dentro da área cemiterial, um espaço encerrado que coabita com o restante território e que será um estudo apresentado mais à frente.

A implementação de cemitérios foi-se expandindo por todas as freguesias do país, afastados dos núcleos urbanos, cumprindo as regras higienistas necessárias à salvaguarda da saúde pública, no entanto, nas zonas menos urbanizadas, principalmente no Norte do país, os cemitérios implantam-se perto das igrejas paroquiais – actualmente muito comum nas freguesias do concelho de Lousada, local da implantação do projecto Tanatório de Lousada – o que permitia ainda, a sacralização do local, uma espécie de adro-cemitério que se encontrava no centro, não urbano, da freguesia, passando o *ad sanctos* a *apud ecclesiam*: áreas de forma quadrada ou rectangular, envolvidas por muros pouco altos e com grades para que se possa observar o seu interior, sem vegetação – com a excepção rara de alguns ciprestes – e, na maioria das vezes, sem capela própria, no fundo, as suas características remetem ao *hortus conclusus*.

Em muitas cidades prolonga-se ainda a prática do cemitério oitocentista, que se transforma com ampliações e porções anexadas, na medida de dar resposta à sua crescente ocupação, normalmente sem orientação arquitectónica que acaba por diluir a composição inicial do espaço. A necrópole, vista até aos dias de hoje como um espaço edificado, em que a vegetação não tem lugar a não ser como mera decoração, resulta num espaço de *paisagem mineral*,¹⁸⁸ à base de mármore e granito, com um *nível de ocupação elevadíssimo*¹⁸⁹ e, que ao longo de século e meio não viu a formularem-se alternativas de pensar o território fúnebre, continuando com a construção de novos cemitérios, com as mesmas características do último século. Segue ainda uma simplificação, mais pragmática e económica, do tipo cemiterial monumental, ou seja, a densidade edificada é desvalorizada, perde densidade e escala e, as galerias que delimitam o local, são substituídas por muros simples que servem de vedação, adoptando ainda a descentralização da plataforma central característica e substituída pelo *hortus conclusus*, adquirindo um recinto a céu aberto mas, mantendo a sua ordem pela geometria ortogonal e axial, cruzando os percursos no centro determinando o local da capela; quanto à vegetação, é integrada como um complemento de composição e de espécies de variedade reduzida, usando-se apenas as consideradas adequadas ao pesar da temática funerária – sempre-verdes e ciprestes.

188 *Ibidem*, p. 271.

189 *Ibidem*, p. 272.

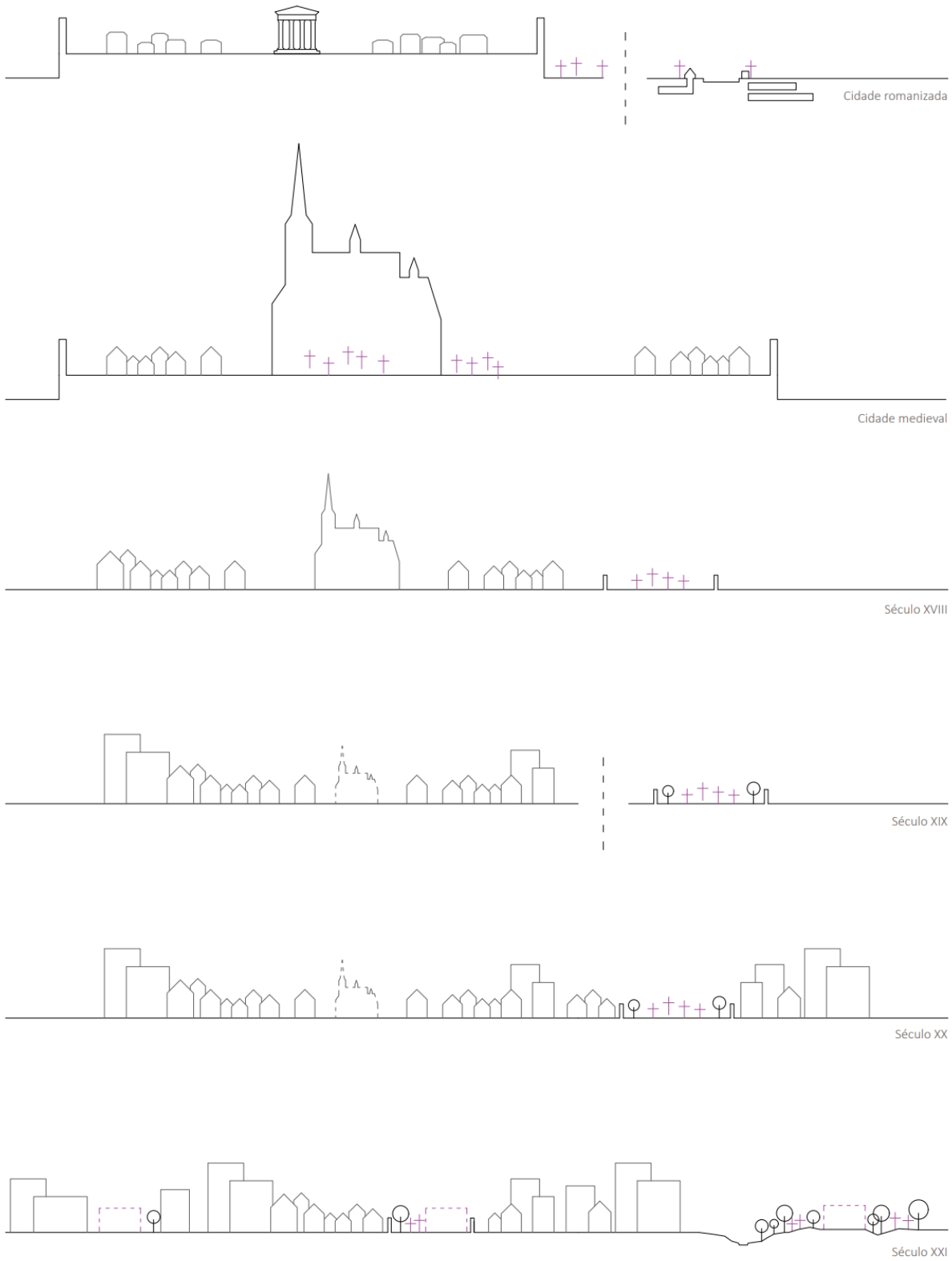


Fig. 29 Diagrama conceptual da evolução espaciotemporal na inserção da necrópole com a metrópole. Fonte: Rita Figueiredo na Dissertação de Mestrado em Arquitectura, intitulada: Espaços de Sombra, ensaio projectual de um tanatório para o Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto (2019). Consultado em: Junho de 2020.

Através dos media, chega a frequente informação que os tradicionais cemitérios oitocentistas estão a chegar ao limite da sua capacidade de lotação, o que levanta o momento de discussão acerca do repensar a “cidade dos mortos”, entra aqui, a reflexão dos crematórios e tanatórios: a cremação, uma temática que tem vindo a crescer exponencialmente e cada vez mais favorecida por administrações pelas suas vantagens económicas e a mínima exigência de espaço de inumação, poderá vir a ser uma opção viável, a construção de crematórios que suportem várias localidades não sendo necessária a construção de novas necrópoles; os tanatórios, tipologia ainda recente em Portugal - com o seu único tanatório existente, até aos dias de hoje, em Matosinhos, situado no cemitério de Sendim, projectado pela arquitecta Luísa Valente e inaugurado em 2010¹⁹⁰ - levanta questões pertinentes em reflectir as várias modalidades que poderá assumir e assim, *redefinir o espaço da morte no tecido social e na cidade*.¹⁹¹

Neste pensar da arquitectura fúnebre, parte referente ao aspecto mais comum direccionado ao que se vive em Portugal, e mais concretamente, no concelho de Lousada: a arquitectura fúnebre relativa à prática da inumação, integra-se a reflexão contemporânea que Maria Oliveira aponta como parte do pensar da origem do presente trabalho. O Tanatório de Lousada procura encontrar uma solução para a diversidade do mundo em que se vive a nível religioso, um reflectir do espaço fúnebre que como provado, é mais do que nunca, necessário e imprescindível, como solução do crescente espaço edificado e ocupado irreversivelmente e ainda, o alterar da *paisagem mineral*,¹⁹² que há tantos anos assombra o mundo dos vivos. Com esta linha de raciocínio, já elucidada pela arquitectura fúnebre do passado, maioritariamente por inumação, desde os seus primórdios até à actualidade, amplifica-se agora uma frente do futuro, da arquitectura crematória, procurando destacar a sua evolução a nível de programa, geometria e percursos.

A adopção da prática da cremação no mundo Ocidental, toma um caminho longo e demorado ao longo dos séculos, muito pela força das religiões que se opunham (e ainda opõem) ao método, o facto do início da difusão da cremação ter-se dado maioritariamente em países protestantes, embora sempre com os seus percalços, não é um acaso. Por um lado, a cremação veio a adaptar-se à necessidade de camuflar a morte como resposta à aura do tabu da morte que se vivia no séc. XX (e que ainda existe) nesta parte do globo mas, por outro lado, existia uma necessidade de manter o significado e a memória. O uso da cremação parece retrair-se pela efectiva realização do luto, pelo aspecto cerimonial e à falta de espaços dedicados a esta prática e é neste aspecto que a arquitectura fúnebre relativa a crematórios surge, na necessidade de dar lugar à prática, à comemoração do luto e à memória.¹⁹³

190 Espaço de Arquitectura, (2018, Março). *Tanatório de Matosinhos – Ampliação e Conservação*. Matosinhos. Consultado a Maio de 2020. Disponível em: <https://espacodearquitectura.com/projetos/tanatorio-de-matosinhos-ampliacao-e-conservacao-do-cemiterio-de-sendim/>

191 Oliveira, p. 273.

192 *Ibidem*, p. 271.

193 *Ibidem*, p. 129-130.

Abordando a arquitectura crematória no ocidente, mais concretamente na Europa, enquadra-se a linha temporal na segunda metade do séc. XIX, em que a necessidade da criação de um local próprio para a prática da cremação era imprescindível fosse a nível moral, ético ou teológico. Numa constante batalha com a ideia de cremar o corpo, presente na mente dos cidadãos, que até à data eram forçados a presenciar a inceneração de piras funerárias em locais públicos, isto é, à vista de qualquer um, no Ocidente não suportariam mais assistir à destruição do corpo e a sua redução a cinzas a tempo real, à frente dos seus olhos, com isto, surge a necessidade de direccionar a prática a um local próprio para evitar ofender susceptibilidades, correspondendo a vários critérios definidos como: resolver as tecnicidades necessárias à camuflagem do acontecimento físico para o exterior, tanto a nível de protecção contra possíveis infecções como a nível sensorial; estar de alguma maneira presente o rito inerente ao acontecimento, não o perdendo para a inumação; garantir uma monumentalidade que fosse fiel à solenidade requerida pelos contemporâneos, respeitando a estética dominante – este último critério, acaba por se perder face à banalização da prática retrocedendo de uma arquitectura “nobre” para uma arquitectura de categoria de edifício “utilitário”.¹⁹⁴

Existia uma forte imperativa de tornar o edifício dissimulado de qualquer característica que pudesse ferir a sensibilidade contemporânea, quase como um medo de perder este “estatuto” de nova prática entre a sociedade que tão difícil foi resgatada:¹⁹⁵ as suas localizações eram maioritariamente dentro dos já erguidos cemitérios, traduzindo as mesmas características integradas no cemitério envolvente. O primeiro crematório na Europa surge no Norte de Itália, no *Cimitero Monumentale* em Milão (curiosamente num país profundamente católico), em 1876, o crematório *Tempio Crematorio* ergue-se a mando do magnata local Alberto Keller, um edifício dórico que integra o *Famedio* e o *Ossário centrale*, sempre com elementos de rito agregados de *fundamento místico e religioso*¹⁹⁶ e corresponde às características arquitectónicas envolventes procurando camuflar-se; na Alemanha, também pioneira nesta prática, viu erguer-se o seu primeiro crematório a 1879 em Gotha, os edifícios seguiam a cosmética de edifícios notáveis e conservadores como igrejas, museus e edifícios oficiais, na busca da credibilidade social mas, para que os crematórios não se confundissem com uma igreja, acabaram por adoptar a aparência de um templo ou um pavilhão clássico; em França, em 1889, na autoria de Jean-Camille Formigé, ergue-se o primeiro crematório de acordo com a estética da data, o neo-bizantino, e tem a particularidade de utilizar as chaminés – elementos necessários que provocam embaraço aquando a resolução da sua volumetria – como elementos compositivos da imagem do edifício, o que se destaca dos restantes crematórios da época; na Grã-Bretanha, a intenção dos arquitectos residia numa construção semelhante à arquitectura religiosa de maneira a não confrontar uma estética que pudesse diminuir a aceitação e a prática da

194 *Ibidem*, p.143.

195 No ano de 1876, num obra publicada com o nome *The Last Act*, de William Tegg, demonstravam-se tentativas de reproduzir um enterramento numa cerimónia de cremação em que o forno se encontrava a uma cota inferior e a urna descia através de cordas assim como se se tratasse de uma deposição no jazigo, e no entretanto, um clérigo rezava as orações fúnebres.

196 *Ibidem*, p. 146.

cremação.¹⁹⁷

Em Portugal, como já foi estudado, esta prática não obteve a aceitação necessária para que o crematório de 1925 pudesse permanecer aberto por mais de 11 anos, muito por essa *sensibilidade contemporânea* ser ainda muito afectada, como afirmou Fernando Catroga, os motivos que levaram à pouca aderência a esta prática e ao consequente desuso do crematório em Lisboa, devia-se ao facto de *numa sociedade de estrutura urbana pouco desenvolvida, de forte influência católica, ainda debilmente secularizada [...] a queima pelo fogo estava destinada a criminosos e a heterodoxos [...] jamais o fogo poderia surgir como signo de espiritualização definitiva*, e ainda por *a cremação, ao contrário [da inumação], invalida a arquitectura funerária (pois o território dos mortos não implicará mais a existência de um espaço estruturado) e provoca a morte semiótica dos mortos, debilitando tanto os sonhos de uma ressurreição final, como os de sobrevivência memorial* (Catroga 1999). O facto de a cremação ser vista como uma punição por só se dedicar a criminosos e pagãos e ainda, o reduzir o corpo a cinza, assim como não haver uma construção física e permanente onde se pudesse adorar os antepassados e fazer as devidas devoções remetia a um estado de apagamento da memória do falecido o que causaria dor e indignação de quem ficava, rejeitando assim a prática. Aqui nota-se a necessidade da memória e proximidade inerente ao rito que se observa ainda antes das primeiras civilizações, quase como um estigma primitivo que após milhares de anos, ainda esse encontra presente no ser humano.

197 *Ibidem*, p. 136 -148.

Numa procura de entender melhor a sua arquitectura, programa e o seu raciocínio de percurso, estudam-se brevemente alguns projectos arquitectónicos de crematórios desde o séc. XIX até à actualidade.

No séc. XIX, comece-se pelo início: Norte de Itália no *Cimiterio Monumentale*, que incorpora o *Tempio Crematorio* (1876), o primeiro crematório europeu, situado no extremo oposto da entrada do cemitério – mostra uma certa marginalidade do cariz desta construção – e é composto ainda por um *famedio* que se destina à memória de pessoas ilustres e, o *ossário centrale*, uma capela convertida em ossário em 1930. O Templo Crematorio (tradução corrente) adota o estilo dóico-grego no sentido de enraizar o classicismo e recuperar a dignidade dos antigos rituais de purificação – uma vez que a cremação era vista como algo profano. Foi com este intuito que Alberto Keller financiou a construção deste crematório, para fins higiénicos e filantrópicos, e a sua introdução no Cemitério Monumental (tradução corrente), embora “escondido” da entrada do cemitério, foi um acto de maturidade e civismo, dando o devido valor às necessidades de várias crenças religiosas e ideológicas.¹⁹⁸ O templo consiste no corpo central com uma base quadrada precedida por um vestíbulo duplo de hemicírculo, neste espaço cercado por colunas, entre as quais se dispõem urnas cinerárias decoradas com esculturas e inscrições significativas, praticaram-se as primeiras cremações, através de um altar central no qual as chamas de gás invisivelmente agiam. Em 1896, melhoram-se as condições, tanto a nível de sistemas de cremação como a nível de espaços dedicados aos fornos de cremação, salas de serviço e espaços para conter memórias fúnebres. O ossário, apresenta uma cúpula octagonal, com pilares angulares enriquecidos por pináculos semelhantes a pequenas torres sineiras e, as paredes são cobertas com placas e epígrafos em memória dos cidadãos enterrados em cemitérios anteriores, como por exemplo, o filho de Wolfgang Amadeus.¹⁹⁹

198 Cimitero Monumentale (2019). Disponível em: <https://monumentale.comune.milano.it/cimitero-monumentale/tempio-crematorio>

199 *Ibidem*.



Fig. 30 Fotografia de *Tempio Crematorio*. Fonte: Cemiteo Monumentale. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://monumentale.comune.milano.it/>

Ainda na mesma era, desta vez em França (1889), no cemitério do Père-Lachaise surge o crematório de Jean-camille Formigé, característico pela sua inovação no uso da chaminé como um elemento integrante na composição de todo edifício, assumindo-o até de forma exacerbada, colocada na fachada posterior do edifício, dando-lhe uma importância estética que resulta da conjugação das diferentes volumetrias entre os fornos e as chaminés. Foi ainda agrupado um columbário na envolvência do edifício em 1896, dando forma a uma praça em que o centro é ocupado pelo crematório como uma peça autónoma, de carácter sóbrio e igualitário. Destaca uma surpreendente grande importância no cemitério, uma vez que a cremação de difundiu principalmente nos finais do séc. XX.²⁰⁰

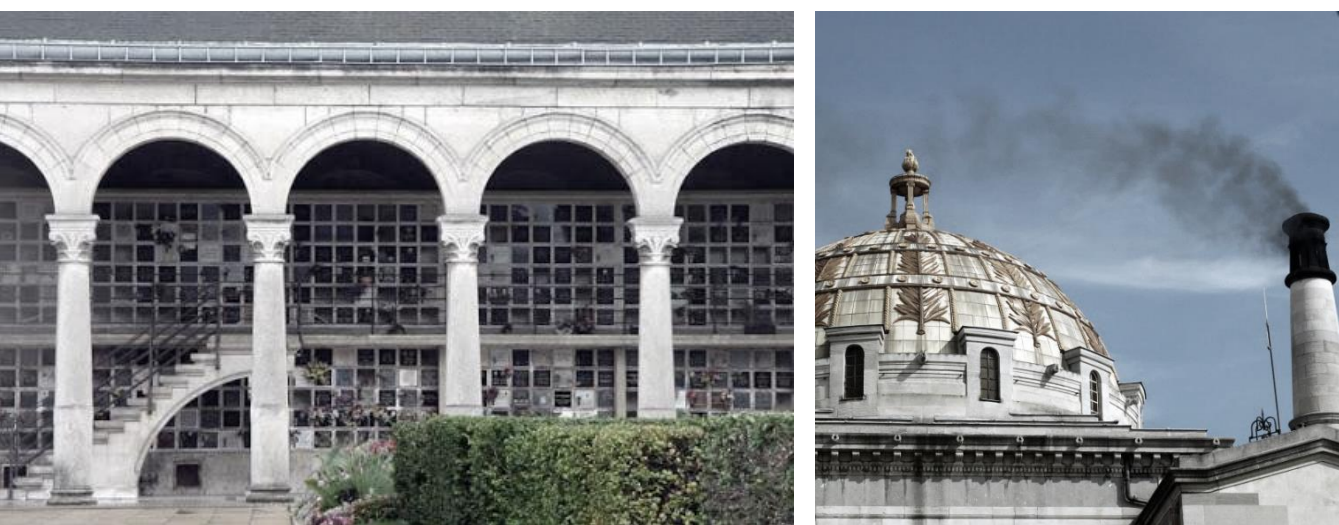


Fig. 31 Coleção de fotografias de Columbário e Crematório de Père Lachaise. Fonte: Maison Cridel, Pompes Funèbres depuis 1886. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://cridel.fr/2019/06/la-privatisation-des-crematoriums-de-paris/>

200 Oliveira, p. 148.



Fig. 32 Elevação do crematório do Cemitério de Père Lachaise, Paris. Fonte: Archi/Maps. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://archimaps.tumblr.com/post/181226025582/elevation-of-the-crematorium-of-the-pere-lachaise>

Já no séc. XX, este estudo direcciona-se à Escandinávia, com a ajuda da Sociedade para a Cremação sueca (formada já em 1880 que construíram os primeiros crematórios privados a cargo das associações crematistas, em Gotemburgo em 1890 e, em Estocolmo em 1909), muitos foram os crematórios projectados com o intuito de encorajar novos rituais e processos necessários à cremação. O crematório Bergaliden, projectado por Lewerentz, Schlyter e Maurice Maeterlnick, segue com uma consciência de que projectam para os vivos e intendem um edifício com um ritual que substituísse o tradicionalmente praticado. Foi no séc. XX, em 1914, que se cumpriu esse programa, o edifício organiza-se através do projecto processional, *numa viagem da escuridão para a luz, da tristeza para a reconciliação*,²⁰¹ entrando-se pelo Átrio da Morte – local onde se coloca a urna – iniciando o percurso com pouca iluminação, passando depois pelo Átrio da Vida e, posteriormente, para o columbário que remata com o Templo da Recordação. Este Átrio da Vida, alinha-se por um eixo de simetria longitudinal que dá estrutura ao edifício, longo e esguio e de pé direito descomunal nas zonas públicas, que remete para uma catedral gótica. Lewerentz marca uma importante etapa na conjugação do simbólico com a espacialidade quando projecta uma entrada e uma saída diferenciada, como um ritual que traduz o significado de *passagem e transformação*.²⁰²

“The breeze from an opening is the pause from which to enter, the last reminder of a bodily dimension. From this point a man’s tragedy and loss are his own.” – Larvik Crematorium (Fjeld.P.O, 1983.)

Outra característica deste crematório, é a sua relação com a parte arbórea do cemitério, o pinhal nórdico organiza o edifício numa clareira sem alterar a paisagem e, a partir do crematório segue um percurso entre a floresta de pinheiros, percorrendo lado a lado com os túmulos, pequenas lápides no solo da floresta, que dão prioridade ao naturalismo do local.²⁰³

201 Backlund, Daniel (2016, Novembro). Disponível em:
<http://www.roomofpossibilities.com/index.php/2016/11/21/a-guide-for-death-in-search-of-the-narrative-proposal-for-larvik-crematorium-by-sverre-fehn-and-geir-grung/>

202 *Ibidem*, p.152.

203 Prensas de la Universidad de Zaragoza (2015). *Materiales de Urbanismo* 2015.17, vol. 04.

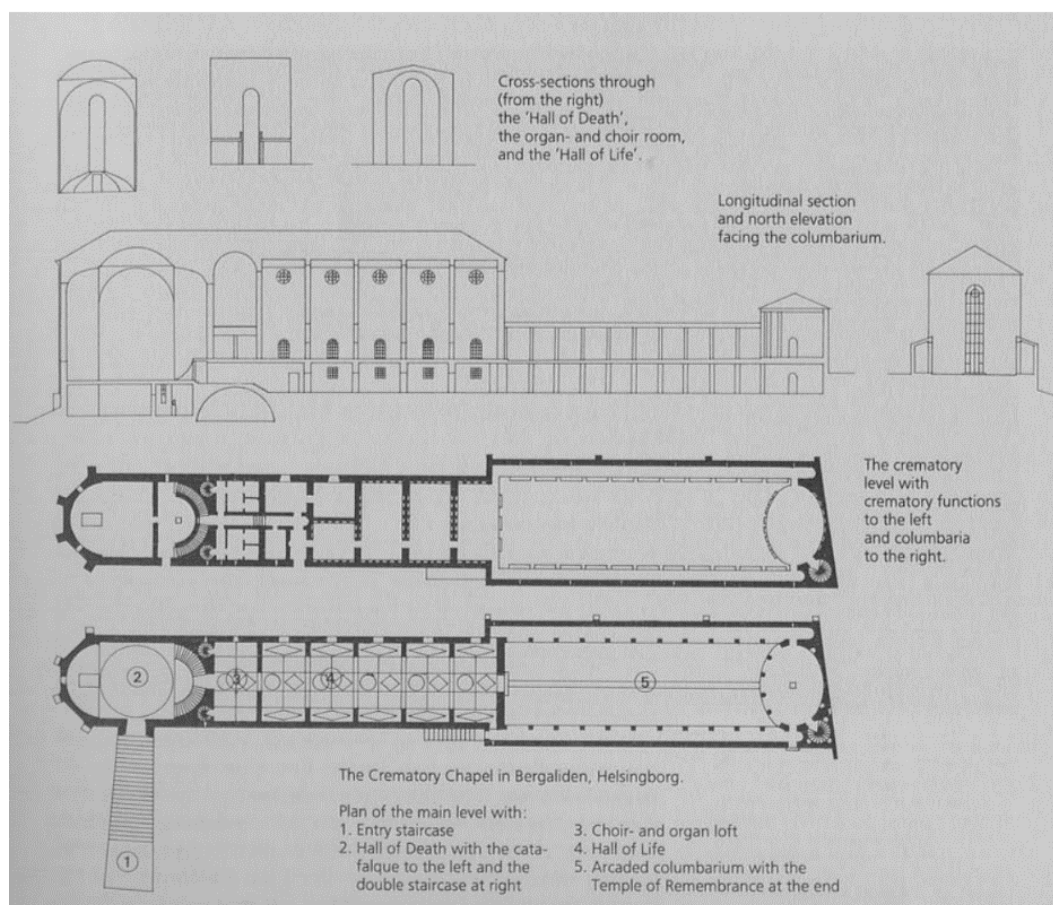
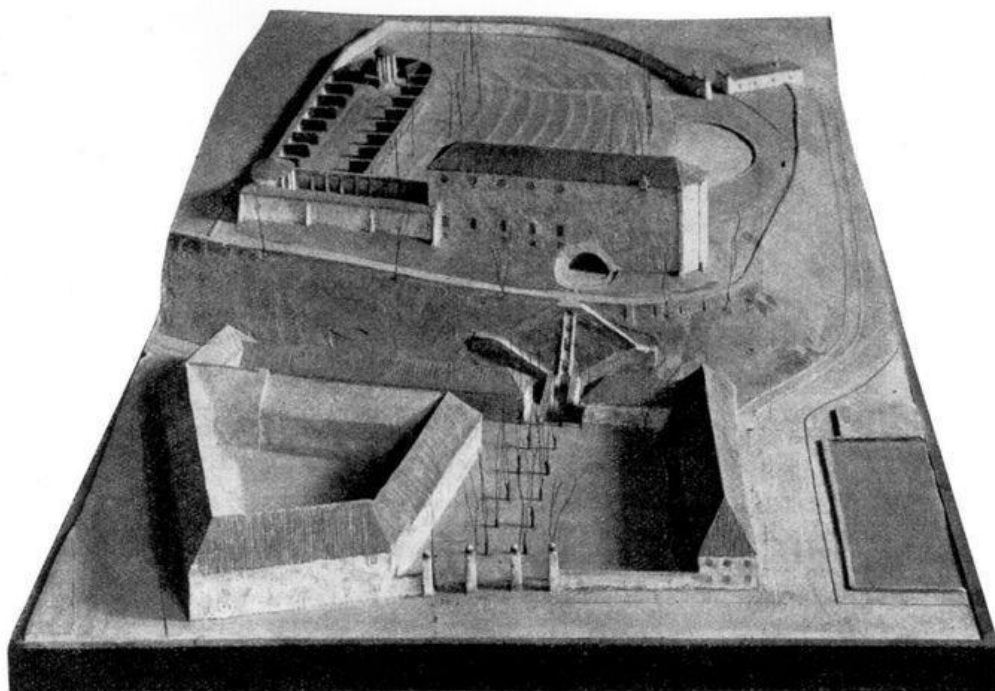


Fig. 33 Crematório de Bergaliden: maquete, plantas, cortes e alçados. Fonte: Maria Oliveira. Consultado em: Junho de 2020.

Gunnar Asplund, contraria o desinteresse no Movimento Moderno pela arquitectura desta temática e cria o icónico conjunto de capelas e crematório no cemitério de Skogskyrkogården entre 1935 e 1940. É caracterizado por um projecto de grande dramatismo e dotado de uma intensa simbologia, começando já pelo percurso até ao crematório: desde a entrada do cemitério até ao crematório, um percurso ascendente de lajes de granito, agrega uma carga profundamente cerimonial; a sua implantação na lateral do percurso com um espelho d'água em frente reflecte a fachada; o átrio que antecede á capela principal, cercado pela estrutura à mostra de colunas quadrangulares que permite a relação do espaço com a floresta, desenhado a uma escala monumental, encontra o tema do bosque sagrado, aberto para o céu no qual se dirige para a escultura central. Quanto ao programa, o arquitecto procura desmultiplicar as salas de espera e os pátios ajardinados externos, garantido a cada uma das três capelas autonomia e privacidade, resolvendo ainda a simultaneidade de cerimónias, conjugando também a espiritualização do interior das capelas com a confortabilidade das salas de espera. Com a preocupação da simbologia inerente nos projectos de Asplund, (assim como Lewerentz) o arquitecto conseguiu ultrapassar o carácter funcionalista do crematório que era tão recorrente.²⁰⁴

204 Oliveira, p. 153.



Fig. 34 Crematório de Skogskyrkogården. Fonte: bao the berliner. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://baochickawowwow.wordpress.com/>

Dá-se início a uma nova era, o séc. XXI, no ano 2011, ano de conclusão da construção do projecto do arquitecto Eduardo Souto de Moura + SumProject, o Crematório *Uitzicht* em Kortrijk, na Bélgica., projecto este vencedor do concurso para a elaboração do crematório em Kortrijk.

No alto de Kortrijk, o olhar desliza sobre a paisagem em direcção ao vale. A geometria desse cenário começa no cemitério projetado pelo arquiteto italiano Bernardo Secchi. O crematório faz parte dessa paisagem. Encaixa-se na geometria da paisagem e fica meio nível abaixo do nível da rua adjacente. O seu programa, estabelecido pelo concurso, consistia num espaço de recepção e assembleia dos visitantes; duas salas de cerimónia; uma sala de cremação com capacidade para três fornos; um espaço para famílias com serviço de refeições e, espaços técnico e administrativo, com salas para a direcção, administração, agentes funerários e apoio mural para famílias.²⁰⁵

O visitante entra no edifício por uma ladeira suave que leva ao pátio aberto. O passeio arquitetónico leva-o ao hall de entrada com uma vista emoldurada da paisagem ao auditório. No ponto cerimonial, cai a luz natural através dos vidros horizontais no teto elevado. Uma galeria estreita com amplas vistas sobre a paisagem acompanha os visitantes quando saem do edifício e conecta o edifício cerimonial ao cemitério.

A característica do edifício é a sua atmosfera suave e a sua transição natural entre interior e exterior, entre intimidade e espaço aberto, entre o molde de madeira no betão em vista no exterior e os materiais sóbrios e quentes no interior.

Do outro lado do muro, a 200 metros da entrada, está a partida de um segundo circuito com a parte técnica do crematório. Os percursos público e técnico encontram-se na área administrativa. No meio do edifício, dois pátios fornecem um contato silencioso com o exterior. O revestimento de pedra lisa segue os contornos do edifício e o relevo da paisagem. Eles enfatizam o carácter horizontal do local. O volume e a verticalidade da chaminé martelada contrasta com a integração do crematório na paisagem.²⁰⁶

205 Correia, Rita (2019). *Espaços de sombra – Ensaio projectual de um tanatório para o Porto*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUP, p. 77.

206 SumProject+SumResearch. Crematorium "Uitzicht". Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.sum.be/crematorium>



Fig. 35 Crematório de Uitzicht. Fonte: SumProject+SumResearch. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.sum.be/crematorium>

O próximo projecto reteve atenção pela sua localização, um aspecto que parecia ser uma constante aquando a pesquisa e análise destes projectos seleccionados ao longo dos três séculos. Quando a implantação de um crematório parecia inseparável dos cemitérios locais – o que contraria a localização da proposta projectual deste trabalho – eis que se afirma o crematório Kedainiai, na Lituânia, peloas arquitectos Architectural Bureau G. Natkevicius & Partners, erguido a 2011. O primeiro crematório da Lituânia não teve a sua intenção de projecto neste ano, foi já durante o período de guerra que se manifestou, no entanto, não houve esforços para a construção deste, levando a população a optar por adoptar a cremação nos países vizinhos Letónia e Polónia. Embora existisse vontade por parte dos residentes para a construção de um edifício desta natureza, o catolicismo e a política, as imperfeições das leis ambientais, entre outros percalços, foram apenas ultrapassados em 2011.

O projecto localiza-se na cidade industrial Kedainiai, no centro do país, com cerca de 31.000 habitantes, e implanta-se exactamente no parque industrial. Rodeado por uma envolvente caótica e inestética de fábricas de fertilizantes com chaminés de fumo, onde nem o cheiro contribui para a harmonia de um local sagrado e, com uma área diminuta de 770m², a dificuldade de integrar espaços sagrados no programa era acrescida. Neste ambiente, tomaram como consequência um cenário minimalista e até ascético. Materializa-se num edifício de betão de um só piso, resguardado do ambiente industrial, como se se tratasse de uma pessoa introvertida, protege-se também ao ocultar a chaminé no volume da construção. O principal objectivo, consiste na criação de um pátio interno de estilo japonês com um olmo na entrada principal. O jardim cria um espaço íntimo, um espaço de reunião antes de entrar no edifício. Uma vez dentro do jardim, o espaço expande-se visualmente, criando um filtro emocional para reduzir a tensão do momento.

O programa consiste num pátio – um lobby com área de descanso, duas salas de disposição final – sala de cremação e sala de equipamentos de cremação com a chaminé.

A materialidade do interior consiste em betão, soalho de madeira, vidro com alumínio e gesso branco. Este interior ascético permite que as famílias se concentrem na hora solene e triste, sem a interferência do ruído de cores e detalhes.²⁰⁷

207 ArchDaily (2012). Crematorium / Architectural Bureau G.Natkevicius & Partners. Consultado em Junho de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com/216622/crematorium-architectural-bureau-g-natkevicius-partners?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects



Fig. 36 Crematório de Kedainiai. Fonte: ArchDaily. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com/216622/crematorium-architectural-bureau-g-natkevicius-partners?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects

Embora não existam relatos suficientemente minuciosos acerca do crematório, por ser uma tipologia insuficientemente conhecida e discutida, o que dificulta o processo de interpretação simbólica e ritual, tenta-se agora compreender o primeiro crematório português, construído em Lisboa, no ano de 1925, no cemitério do Alto de S. João. Foi precisamente no séc. XX que Portugal viu erguer-se, lentamente, o primeiro crematório nacional e, o facto de ter sido implantado à margem do arruamento de entrada que conduz à capela, prova a importância considerável que lhe foi atribuída naquela era, mostrando uma relação de paridade, mas sem a competitividade. O edifício utiliza uma linguagem *déco* e assume uma modernidade que de destaca das obras da época e, através da cúpula e afirmação da verticalidade da chaminé, manifesta simbolismo na composição arquitectónica e na marcação do edifício no local.²⁰⁸

Um outro crematório, de importância acrescida por ser o único no Norte do país e que apoia, entre outras cidades, concelhos e freguesias, a vila do concelho de Lousada, que ocupa o caso de estudo relativo ao projecto final deste trabalho, trata-se do Crematório no Porto, também contido num cemitério, o Cemitério do Prado do Repouso (1995). Discretamente, o crematório ocupa um lugar sobranceiro do cemitério mas, usufrui de uma paisagem sem par. O percurso inicia-se por uma alameda arborizada que segue ao longo do muro que fecha a necrópole, alto e extenso, em alvenaria de granito, com recortes que permitem olhar o Douro que, poderá vir a constituir um marcante momento no cemitério assim como no cortejo fúnebre que ligará toda a cerimónia da cremação. Apesar da pequenez do edifício e do espaço destinado à deposição de cinzas, estes elementos formam um conjunto delicadamente desenhado e tratado, de se destacar no panorama geral dos crematórios actuais.²⁰⁹ O revestimento do edifício em tijolo e a Sala da despedida que incorpora um amplo vão envidraçado reflectindo o jardim e a paisagem, reformam o carácter intimista do espaço. O roseiral plantado serve de inumação de cinzas, que poderão ser lançadas directamente na terra ou ainda, enterradas numa urna biodegradável que permitirá, no espaço de um ano, a deposição de novas urnas biodegradáveis. Existe ainda a possibilidade de as colocar no cendário do columbário.²¹⁰

208 Oliveira, p.157.

209 *Ibidem*, p. 158.

203 Torres, Marta (2014). *A última Cidade*, Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em Arquitectura. FAUP, Porto, p. 115



Fig. 37 Crematório do Alto de S. João. Fonte: Informações e Serviços de Lisboa. Consultado a Junho de 2020. Disponível em: <https://informacoeseeservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/cemiterio-alto-de-sao-joao>



Fig. 38 Crematório do Prado do Repouso. Fonte: Jornal de Notícias. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/crematorio-do-porto-triplicou-atividade-em-sete-anos-2091021.html>

Outro projecto importante salientar, não só pela temática do presente trabalho e o projecto no qual culminará, mas também pela diferente tipologia de espaço, pela sua conjugação de diferentes ambientes importantes para o rito fúnebre e, sobretudo, para a pessoa que vive e fica, destaca-se o Tanatório de Matosinhos, o primeiro e único tanatório em Portugal até à data.

O projecto do Tanatório de Matosinhos (2009), situa-se em Sendim e resulta de como uma ampliação do cemitério já existente e, procura receber rituais de qualquer culto representando assim um novo elemento na cidade de Matosinhos. O projecto procura responder à escala da envolvente do local em que se implanta e tenta conjugar diferentes escalas a nível pedonal determinando os espaços colectivos e os diferentes usos, mantendo sempre uma relação com os espaços verdes. Corresponde a um programa que responde às várias funções através de três blocos ligados pelo salão principal: o bloco A onde estão inseridos cafés, áreas de serviço e florista; o bloco B com as antecâmaras e três Capelas Funerárias – Capela dos sentidos, Capela da Memória e a Capela do Infinito, apoiada por um café, salão principal e um aconselhamento de Tanatopraxia; o bloco C contém um sala de estar, uma sala de espera, a sala de entrega das cinzas (Sala do Renascimento) com capacidade para 120 pessoas e ainda uma galeria a nível superior que se direcciona às várias fases da cremação, enriquecendo a capacidade de uso da mesma sendo o este espaço polivalente. A sala da partida relaciona-se simbolicamente com o mar, o horizonte chega ao espectador através de um vão amplo que permite a sua leitura. A urna é colocada nesse mesmo eixo para que se funda com o horizonte e “desapareça” e de seguida, desce para o piso inferior. Neste piso, encontram-se todo o equipamento técnico de apoio à cremação como fornos, máquinas para a entrada da urna e sala de tratamento de cinzas e ainda, uma sala de refrigeração, sala de rotulagem, entre outros. Na envolvente, uma zona verde domina, uma longa linha de bambu verde reforça a galeria principal e percursos no local tornam o local agradável. Também o jardim – Jardim da Memória - tem uma simbologia conectada com o mar, horizonte e céu, com o intuito de dar lugar a um espaço de meditação e reunião numa metáfora de ciclo da vida, o nascimento, maturidade e morte através de círculos subtilmente modelados e dispostos em tamanho e altura que varia conforme a evolução desse ciclo, trata-se de formas circulares relevadas rodeadas por gravilha ondulante que une todos os elementos. Uma vez entregues as cinzas à família na sala a que compete o momento, é conduzida para este jardim - ou para o cendário, semelhante aos ossários para depósitos de urnas - onde as poderão depositar na terra, na zona arbórea-arbustiva no círculo que designa a morte, directamente ou numa urna biodegradável. Esta zona relavada, terá enquadramento num maciço de magnólias brancas com apontamentos de ciprestes – considerada a árvore do paraíso, baseada numa simbologia de imortalidade, e ainda, propõem-se plantações de um arbusto de nome *Pittosporum tobira* “Nana” que conjugarão uma dinâmica sazonal na folhagem resultando numa diversidade cromática de interesse sensorial. Para além da preocupação com o visitante no aspecto simbólico da cerimónia e espaço, os requisitos de conforto térmico, iluminação e ventilação foram pensados para evitar gastos excessivos de energia.²¹¹

211 Alves, Jorge (2012) ArchDaily. Consultado em Junho de 2020. Disponível em:
<https://www.archdaily.com.br/br/01-47516/ampliacao-e-conservacao-do-cemiterio-de-sendim-luisa-valente>



Fig. 39 Tanatório de Matosinhos. Fonte: ArchDaily. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com/230989/funeral-of-matosinhos-luisa-valente?ad_source=search&ad_medium=search_result_all

Ao longo dos séculos, consegue-se perceber uma maior preocupação com a arquitectura destas infraestruturas que outrora, nada mais eram que edifícios camuflados na envolvência construtiva – geralmente, cemitérios – quase numa intenção de despeito. Uma arquitectura que antes se prendia pelo receio de “afugentar” os ainda poucos aderentes à prática da cremação, passou a afirmar-se pelo seu lado estético, volumétrico, pela sua implantação (dando até uma posição de destaque) e sobretudo simbólico. A questão da simbologia adoptada no rito, habitualmente por inumação, que se parecia perder no momento da inceneração, apontado como um aspecto negativo aquando a opção pela prática da cremação, assim como a falta de um espaço para a memória, foram questões que vieram a ser pertinentes para a evolução da arquitectura crematória e a sua afirmação na necrópole/metrópole. Observa-se também, a materialização deste simbolismo através de percursos e o contacto com a Natureza já no século XX, com os vanguardistas arquitectos Lewerentz e Asplund, aspecto que se veio a enraizar sendo uma vez que é parte inerente aos projectos desta família, nos dias de hoje. Quanto ao programa, nota-se uma nova atenção às necessidades do visitante, com a introdução de espaços carregados de simbolismo e “dramatismo” que acompanham o momento, e principalmente, flexibilidade nas exigências de cada indivíduo transformando o espaço cerimonial num espaço inter-religiosos.

6. Compilação e análise de projectos-referência

“If I have seen further than others, it is by standing upon the shoulders of giants.” - Isaac Newton

Várias são as imagens, ideias e conceitos que vão surgindo no desenvolver do projecto. A procura de soluções para os constantes confrontos no esboço do projeto, é encontrada em nuances de obras passadas. Aliás, o contexto histórico que brevemente se insere neste trabalho, faz parte da história do presente e fará, certamente, do futuro, pelo seu legado de factos, ou até mitos, que posteriormente, desencadearão as criações do futuro. Trabalha-se sustentado em modelos que podem vir a ser o despontar de uma nova obra, uma intenção, uma cor, uma textura, um traço. Exemplos para as investidas que atingem o autor, ou exemplos para atingir e fazer questionar o esboço em frente. Neste conflito saudável, no permanente apuramento do final objecto, analisa-se e forma-se uma compilação de projectos- referência.

Das obras de referência estudadas, destacam-se primeiramente, duas obras: o Tanatorio de Léon, dos arquitectos BAAS, construído no ano 2000 em Léon, Espanha, que, mesmo antes de me aperceber de qualquer pegada que este projecto pudesse ter deixado que desencadeasse este momento, entendo agora que a visita feita ao local em 2018, poderá e certamente terá sido o primeiro despertar da curiosidade para o tema o tema deste trabalho; e o Crematório Siesegem, dos arquitectos KAAN Architecten, construído no ano 2018, em AALST na Bélgica. A origem da escolha destas, reside na sua natureza paralela ao projecto em vista, o que permite entender o funcionamento duma obra deste carácter mas, o ponto que se deve destacar, e que se mostra realmente relevante para o projectar do Tanatório em Lousada, é a relação do edifício com o visitante que, nestes casos, é contrastante. O estudo destas distintas obras, contribui para definir a relação do projecto para com a vila, o espectador, o visitante.

Numa breve descrição, abre-se agora espaço para conhecer as duas obras pelos escritos dos seus criadores.

Tanatório de Léon (2000) - BAAS

O Tanatório de Léon, resulta da inspiração do túmulo e por isto, o edifício encontra-se enterrado completamente, o que lhe concede a camuflagem necessária uma vez que se localiza numa área habitacional e pretende-se esse acatamento. Na sua cobertura, um espelho de água reflecte o céu como uma alagoria à morte, de onde emergem dedos à procura de luz em jeito de prece. A entrada é marcada por uma rampa que dá acesso ao subterrâneo onde, uma vez dentro do edifício, nota-se a sensação de perímetro infinito. A luz é inserida através de pátios em que a paisagem é o céu. Totalmente construído em betão, de cor que lembra Boñar, material usado nas construções de toda a cidade, e painéis de madeira que separam a entrada principal das salas de exibição.²¹²

212 ArchDaily (2008) *Tanatório de Léon / BAAS*. Disponível em: <https://www.archdaily.com/3891/tanatorio-municipal-de-leon-baas>



Fig. 40 Colecção de fotos do Tanatório de Léon. Fonte: ArchDaily. Consultado a: Março de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com/3891/tanatorio-municipal-de-leon-baas>

Crematório de Siesegem (2018) – KAAN Architecten

O Crematório de Siesegem, procura a praticidade, um edifício de fácil leitura. Situado numa zona rural, onde o visitante sente uma calma e é também convidado a diminuir o ritmo do seu caminhar, ao circular pelos montes no terreno. A Este, a entrada de carros funerários, escondida do olhar dos visitantes, garantindo a privacidade e cuidado durante a cerimónia. Existe a discrepância entre a envolvente acidentada e o interior calmo. O espaço molda a aparência física do visitante, com um pé direito de 6.4 metros mais as grandes aberturas de luz natural, o interior reflecte uma sensação de vastidão. O espaço que encaminha para a recepção, é iluminado por dois grandes vãos de onde entra luz natural, com vista para o jardim, abrigando uma discreta passagem para a cafetaria. Com dois salões cerimoniais, em que o mobiliário é também da autoria dos arquitectos, os bancos de cor amarela-bege, remetem para a areia e poeira e, ao fundo, um grande envidraçado para a paisagem circundante. Os aspectos técnicos do edifício não foram poupados à vista, os arquitectos esforçam-se para divulgar o processo de cremação, criando uma polaridade incomum mas efectiva entre a mecanicidade e a serenidade. A mesma cor amarela-bege é vista nos fornos e tubagens da sala de máquinas. Na materialidade, foi escolhido tons de humor plácido, no exterior betão em vista; no interior paredes opacas e texturadas, com um tecto áspero para uma melhor acústica; nas salas cerimoniais, o mármore de interessantes padrões ocupa lugar junto ao orador. O interior dos espaços instila a calma e aumenta a reflexão. Este projecto é uma ode à verticalidade e, ao mesmo tempo é horizontal e de proporções cuidadas. Apesar da paisagem de calma e serenidade, o edifício não sucumbe à monumentalidade.²¹³

213 ArchDaily (2018) *Crematório Siesegem / KAAN architecten*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/908189/crematorio-siesegem-kaan-architecten>



Fig. 41 Coleção de fotos de Crematório Siesegem. Fonte: ArchDaily. Consultado em: Março de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/908189/crematorio-siesegem-kaan-architecten>

Colocando as duas obras em confronto, avalia-se agora os aspectos que se fizeram notar.

Tabela 1 - Confronto de características das duas referências arquitectónicas.

Tanatório de Léon	Crematório de Seisegem
<p>Contraste entre o “vivo” e o “morto”:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Paisagem verde; • Espaços com água e tartarugas. <p>Intenção: Centrar o aspecto negativo (tristeza, morte) no falecido? Modo de mostrar que a vida continua?</p> <p>Tenta contornar o pesar do momento com aspectos vivos e esperançosos. Ex: relva, árvores, água, animais.</p>	<p>Envolvente de paisagem árida e natureza morta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vales de terra crua; • Vegetação seca. <p>Intenção: Consciencialização da morte/ do fim?</p> <p>A poeira constante e os vales secos aparentam um local “esquecido no tempo” – aspecto descuidado. (Intencional?)</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Implantado numa zona residencial; • Projecto resguardado entre uma encosta verdejante; • Todo o espaço transmite calma, pacificidade; • Preocupação em apaziguar o momento doloroso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Implantado numa zona rural; • Projecto de sobriedade vincada; • Diferenciação entre ambiente austero – exterior – e calma – interior; • Mostra a mecânica do processo de cremação – mostra a morte “nua e crua”.
<p>Conceito: tumba/túmulo, camuflagem na paisagem.</p>	<p>Conceito: edificado em altura – mostra-se e assume-se na paisagem.</p>

Depois deste confronto de características, é possível concluir que o Tanatório de Léon tem uma abordagem mais sensível para com os sentimentos e emoções vividas das pessoas que irão frequentar o local, enquanto que o Crematório de Seisegem aborda uma alternativa mais directa e invasiva.

Procura-se seguir pelo caminho do Tanatório de Léon, essa foi a abordagem adoptada para o presente projecto. Preocupa a sensibilidade do espaço para com a pessoa.

No desenvolver do projecto em mãos, várias foram as questões que se foram levantando e, consequentemente, várias soluções foram apresentadas, testadas e por fim seleccionadas. A próxima etapa a ser exposta, remete para a procura dessas mesmas soluções, novamente com o apoio de projectos-referência que vieram a elucidar e mostrar direcções a serem tomadas. Partindo do princípio que as noções base do Tanatório em Lousada foram já absorvidas, procede-se então à continuação do estudo do progresso, ao deparar-se agora com os percursos, obviamente circulares, que se colocaram na mesa.

Museu do Guggenheim (1959) – Frank Lloyd Wright

Quando surge a vontade da criação de percursos circulares, o Museu do Guggenheim, de Frank Lloyd Wright, é a primeira referência em mente. Um clássico da arquitectura sempre presente nos interessados pelo tema.

Entre 1943-1959, nasce e conclui-se a obra que será a última do autor. Famosa pela sua forma, que se distingue dos restantes volumes da cidade de Manhattan, as suas curvas orgânicas desempenham um grande marco da arquitectura moderna. Após mais de 700 esboços, o projecto surge, uma espécie de um cilindro que abre de forma ascendente, através de uma espiral contínua que sobe e se alarga em direcção a um tecto de vidro.²¹⁴ É aqui nesta espiral que se caminha, uma rampa espiral orienta os visitantes pelas obras expostas. Pretendia-se *um grande espaço num piso contínuo*, uma espiral, em volta de um grande átrio, de quase meio quilómetro de comprimento permitindo fluidez pelos 6 andares que se desenrolam.²¹⁵

Ao desenhar os possíveis anéis do columbário do Tanatório em Lousada, uma das características que se debate relaciona-se com a discrepância de cotas de um terreno previamente escavado com o terreno da envolvente, que tem como fim dar forma ao vale de ciprestes. A fluidez de Frank Lloyd Wright é pertinente de momento. Descartam-se inclinações penosas de imediato, não só pelo facto de se tratar de um percurso pedonal, mas principalmente por se tratar de um percurso de cariz fúnebre, o que revela já um cariz penoso por si só. Em ordem de se estabelecer esta leveza e fluidez no caminho, que seria impossível com um só anel, apropria-se do elemento espiral do arquitecto, permitindo um maior comprimento e uma menor inclinação e, conseqüentemente, um trajeto de fácil caminhar.

214 Frank Lloyd Wright Foundation – Advancing the way we build and live. Solomon R. Guggenheim Museum. Disponível em: <https://franklloydwright.org/site/solomon-r-guggenheim-museum/>

215 Perez, Adelyn. *Clássicos da Arquitectura: Museu Guggenheim / Frank Lloyd Wright*. 2016. Archdaily. Consultado em Março de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798207/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-frank-lloyd-wright>

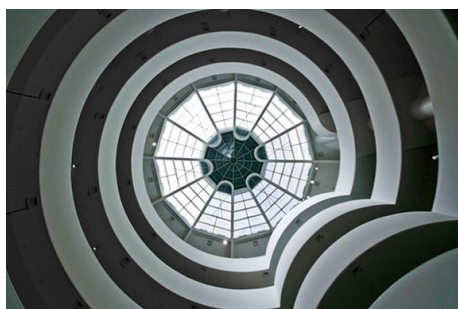
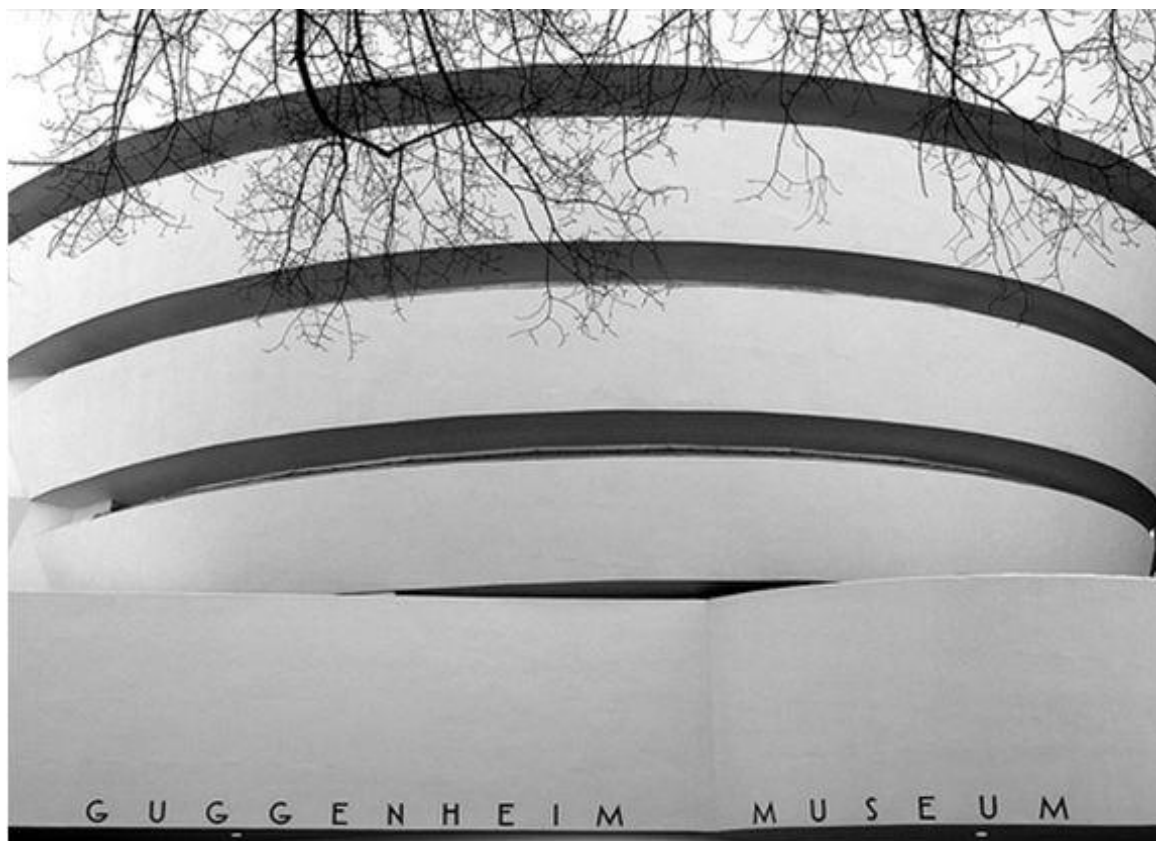


Fig. 42 Museu Guggenheim (Manhattan) por Frank Lloyd Wright. Fonte: Archdaily. Consultado a Março de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798207/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-frank-lloyd-wright>

Templo da Água (1991) – Tadao Ando

Embora a referência desta obra não tenha sido usada como ponto de partida para o projecto – ou talvez tenha, de forma inconsciente - a comparação seria inevitável. Uma obra que sempre entusiasmou pela sua simbologia e poetização do espaço, poderá inconscientemente ter sido o despertar da essência do projecto final.

O Templo da Água abriga o Ninnaji Shingon, o culto ancião do budismo tântrico, fundada a 815, no Japão. Localiza-se precisamente neste país, na antiga cidade de Hompukuji, na ilha de Awaji, em Hyōgo, que incorpora uma paisagem dominada por colinas e parcialmente construída sem identidade própria. O projecto mostra-se uma experiência sensorial caracterizando uma mudança drástica na tradição milenar da construção de templos no Japão, da materialidade que tanto se difere da tradicional madeira dos templos budistas clássicos, à sequência de espaços, não se desintegrando da qualidade mística característica. Numa envolvente de florestas de bambu, montanhas, campos de arroz e outros elementos naturais, surge o aspecto rígido mas igualmente orgânico, uma estrutura oval de betão que dá lugar a um lago de flores de lótus – um símbolo do Céu que representa o surgir do Buda Amida, que segunda a crença popular, carrega uma mensagem de paraíso celestial.

Tadao ando mergulha na nos aspectos da experiência sensorial, o vento, a luz e a água não são apenas colocados nesta construção, fazem parte de algo maior, atribuem uma verdadeira experiência no corpo do visitante. Inicia-se ao aproximar-se do local, entre os arbustos e as árvores onde se observa uma superfície polida dos muros que protegem o lago, conduzidos sob um rasto de gravilha branca, os visitantes iniciam o caminho da purificação antes de entrar no local sagrado. No local, encontra-se uma estrutura labiríntica, produzida por aberturas em longas paredes de 3m de altura, que abrem acesso para o edifício. Atravessada a primeira, outra aparece, desta vez curva, rodeado pela gravilha branca que conduz ao lago oval com lótus, que serve de cobertura do santuário, parcialmente subterrado. Com esta forma, o arquitecto traduz a característica de recinto sagrado. Uma escada limitada por paredes de betão (características do arquitecto) que corta o lago, permite o acesso ao piso inferior, descendo os degraus – o que contraria a ideia da ascensão – que confere uma sensação de estar num lugar que transcende a vida quotidiana. Chegado ao piso subterrado, são organizados diferentes espaços, divididos por uma grande escadaria em que de um lado, se encontra o santuário e do outro as restantes salas. O santuário, um espaço sagrado de betão, um círculo de 18 metros de diâmetro, que abriga uma estátua do Buddha onde acima dele resiste a única entrada de luz natural. Para chegar ao santuário, um jogo de elementos geométricos dificulta o processo, que gradualmente surpreende o local do culto.²¹⁶

A inevitável paridade desta obra com a proposta final deste trabalho reside no interesse em despertar sensações ao visitante, no uso do naturalismo e do orgânico, assim como elementos como a água e a terra. A Natureza, o voltar à terra, o elemento celestial representado na água, conjugam-se resultando num projecto sensível às emoções (e sensações) do visitante lutuoso.

216 o25 (2012). *Water Temple_Tadao Ando*. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: https://o25.gr/water-temple_tadao-ando/

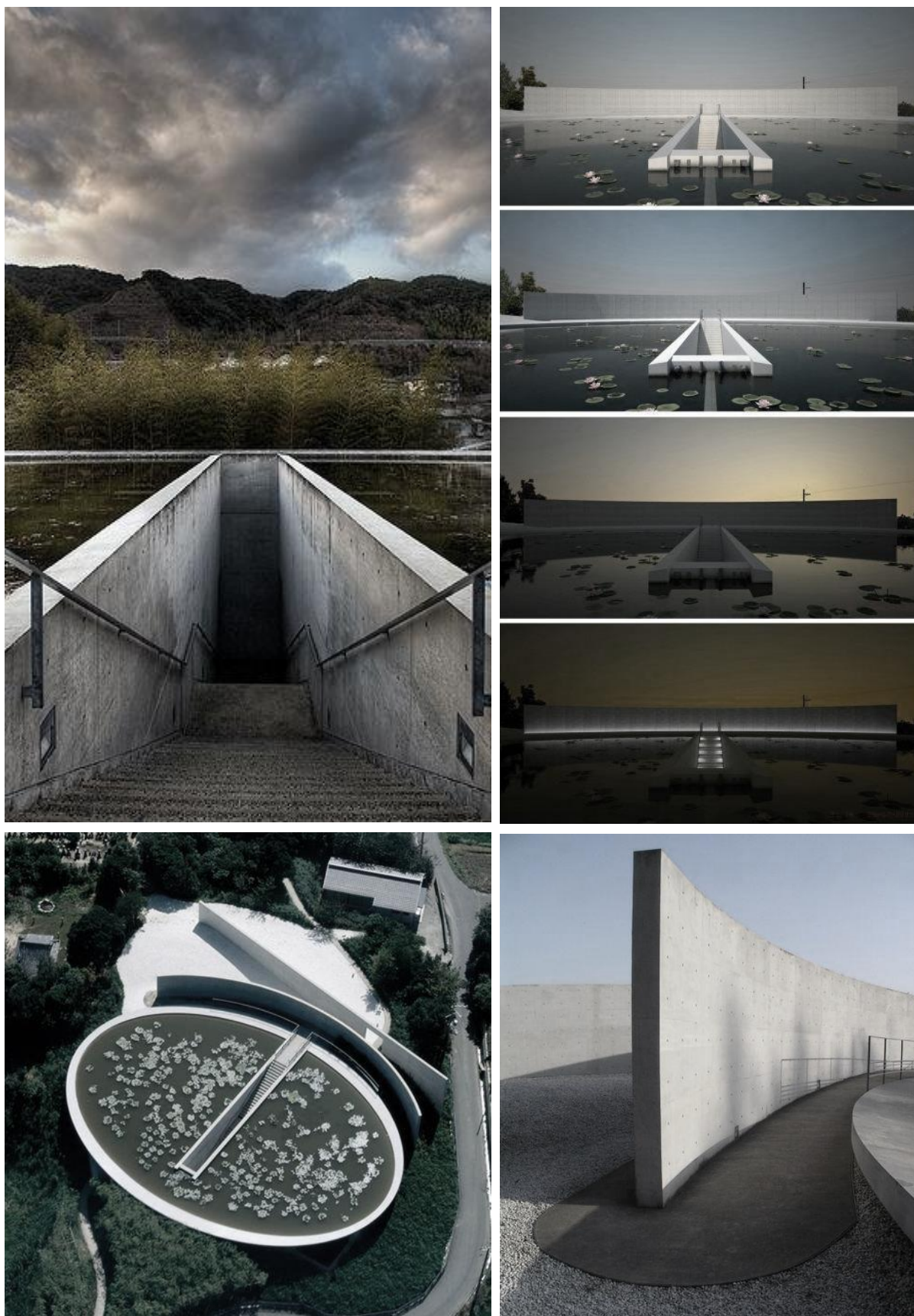


Fig. 43 Templo da Água (1991), pelo arquitecto Tadao Ando. Fonte: Pinterest. Consultado a: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.pinterest.ca/pin/307370743289222352/>

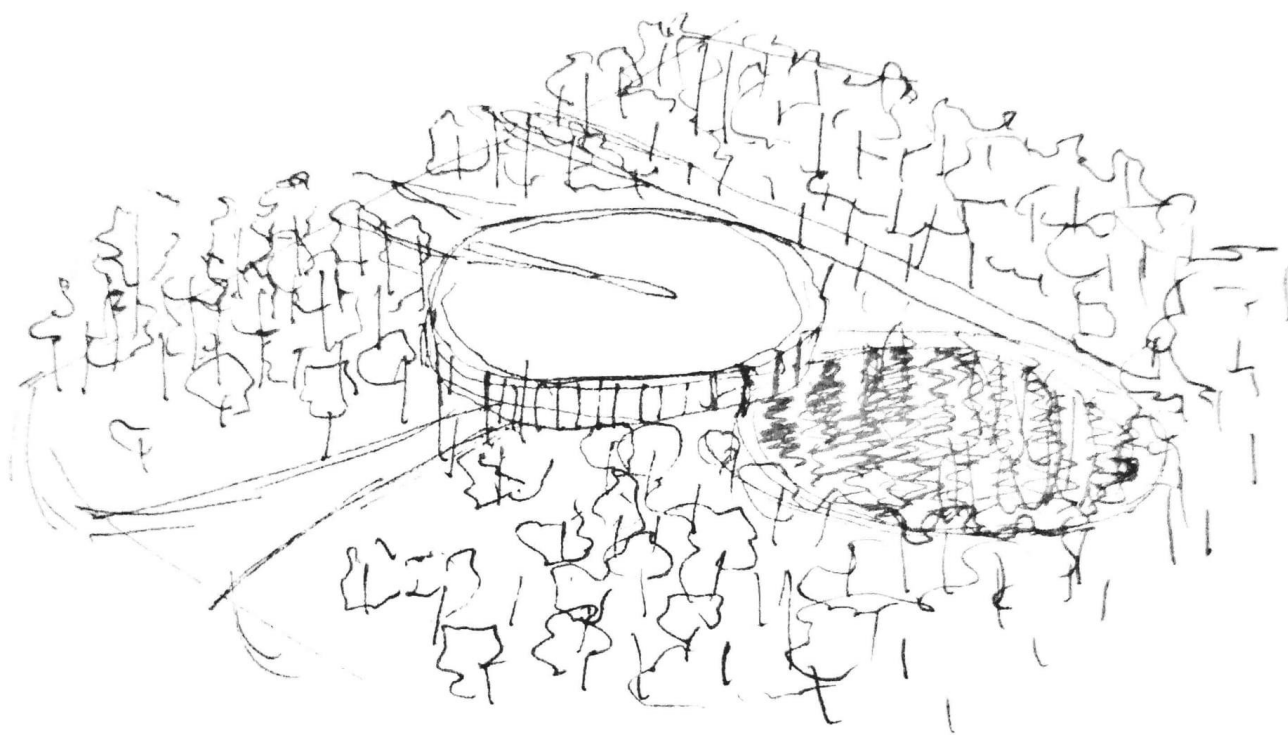


Fig. 44 Esquiço de Tanatório de Lousada. Fonte: autora.

Parte III – Projecto

1. Processo

É tempo de condensar todo o estudo realizado até agora e ver nascer, aquele que é o propósito do presente trabalho, o culminar das diferentes reflexões que se foram agrupando. Mostrar o início processual do projecto do Tanatório em Lousada, englobando os seus percalços e respectivas soluções, com a ideia já presente do conceito e o conhecimento do local a projectar.

Parte-se do princípio em que as primeiras ideias a adoptar para o desenvolvimento do projecto, passam por espaços atentos à sensibilidade emocional do momento, espaços para as pessoas, espaços que abrigam a liberdade para se emocionarem, espaços de fácil leitura e que instilam calma, segurança, conforto e intimidade. Esta necessidade de percursos intuitivos emerge do cuidado em evitar desorientação e desassossego, reduzir ao máximo a necessidade de recorrer à perspicácia que seria imprescindível em locais confusos e labirínticos - pretende-se somente sentir e deixar-se emocionar. Os primeiros pontos que se mostram relevantes para a abordagem destas ideias, aquando o desenvolvimento do projecto, reside no isolamento e resguardo da construção, do ambiente “citadino” e do seu turbilhão de emoções e ainda, um espaço de circulação directa, de compreensibilidade intrínseca, um caminho intuitivo, permitido pela construção em si.

*“Uno se encuentra con un edificio; nuestro cuerpo se aproxima, se enfrenta, se relaciona con él, se mueve a través de él, utilizado como una condición para otras cosas. La arquitectura inicia, dirige y organiza el comportamiento y el movimiento.”*²¹⁷

Através do afastamento do edificado para com a principal avenida e vias circundantes, por um muro arbóreo denso e o subterrâneo do objecto construído perante a superfície citadina, respeita-se a imperativa dos termos resguardo e atmosfera controlada mas, ainda se confronta o desafio de conjugar ambos os conceitos “fechado para si mesmo” e “aberto para a paisagem”, em que a intenção se encontra na simbiose entre a bolha de resguardo e a o acesso visual à paisagem e o aproveitamento da luz natural, procedendo a um vão rasgado de paredes de madeira maciças que rodam sobre si mesmas, permitindo adicionar ou subtrair luz no espaço.

O percurso intuitivo revela-se pela condução da envolvente desde o primeiro passo, seja esta orgânica ou construída, suportado pelas árvores que recebem o visitante, passando pelos muretes que protegem o espelho de água, até às paredes do tanatório. Mas, a intuição não parte apenas da

²¹⁷ Pallasmaa, *Los ojos de la piel: La arquitectura y los sentidos*. Edição espanhola. GG editora, 2006, p. 75.

envolvente que a conduz, também a luz alberga essa função: a luz ilumina o caminho e dá tom à intimidade.

Introduzindo um raciocínio sustentado por Pallasmaa, em que aborda a visão como um sentido que põe de parte os restantes, como por exemplo, as recordações.²¹⁸ Quando alguém se depara com emoções fortes, tem tendência a querer fechar os olhos (inibindo a visão) e absorver a sensação mais profundamente sem a distração do sentido visual, como quando ouvimos música ou quando acariciamos alguém querido. Esta escuridão é necessária para apurar outros sentidos e dar outra intimidade ao acontecimento. Atordoada a visão pela falta de luz, a audição e o tacto destacam-se na procura de interpretar o que pouco se consegue ver e, o pensamento ganha um novo e mais amplo espaço por onde lhe é permitido percorrer.²¹⁹

Isolando o que verdadeiramente importa, o sentir, dá-se protagonismo à escuridão nos momentos que carecem maior privacidade, estimulando o olhar para dentro ao reduzir a captação do olho do que de restante não importa. Esta necessidade do apelo à emoção, para uma mais forte e profunda conexão com a memória, assenta num fácil acesso às emoções e conseqüentemente, ao luto necessário.

A luz natural, ou a falta dela, induz ao visitante o carácter e a sensibilidade vivida do espaço. A luz que invade, gradualmente enfraquece a sua intensidade à medida que se aprofunda no edificado, estabelecendo um espectro do privado e, determinando a organização espacial do programa.

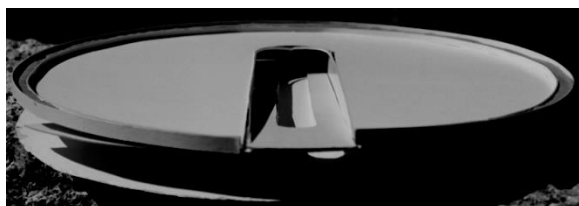
O percurso e o programa estabelecem assim, uma afinidade com a luz e a sua conotação, já estabelecida, com a privacidade. Espaços como sala de velação e sala cerimonial, abrigam-se da luz e posicionam-se no final do percurso. Outro aspecto de grande importância, reside no paralelismo com o conceito que deu origem ao composto dos dois elementos, tanatório e columbário, o ciclo da vida. O cruzamento do início com o fim desenha o percurso interior. Um percurso de uma só direcção e um só destino, um só fim: o começo. Descrevendo o percurso, inicia-se o caminho íngreme na rampa iluminada, ao piso -1 – tanatório – onde uma paisagem arbórea é emoldurada pelos painéis entreabertos que deixam a luz escapar, deixando-se envolver pelas paredes circulares porosas, percorre-se o espaço entre elas, em cada passo mais sombra menos luz, passando primeiro pela discreta e despercebida zona administrativa, fazendo uma paragem nas salas de velação já mais resguardadas, finalizando na sala de celebração, escura, de paredes polidas, onde um feixe de luz se mostra por trás da urna, como uma indução ao caminho para o além, onde terminada a cerimónia, o cortejo fúnebre percorre essa mesma luz, como um acompanhar da alma de quem partiu. Esta última etapa, esta pequena porção de percurso, ilumina-se por um rasgo na rampa inicial que direcciona os lutosos precisamente ao local onde deram o primeiro passo. Um percurso de fácil leitura e intuitivo, a pensar na liberdade de sentir e viver o luto, onde a luz conduz o corpo e a mente se liberta do peso da decisão.

218 *Ibidem.*

219 *Ibidem.*



12h



14h



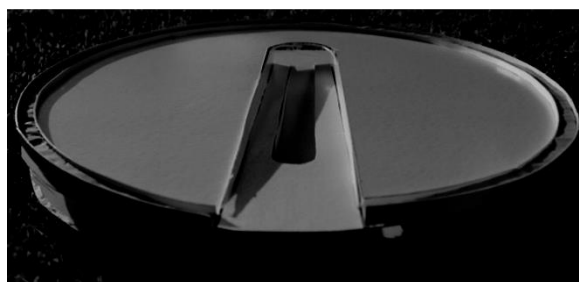
15h



16h



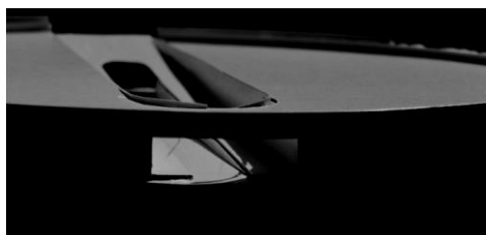
17h



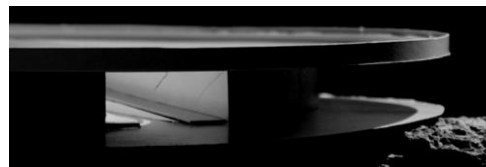
18h

Fig. 45 Sequência-teste cronológica da luz no edifício. Fonte: autora.

12h



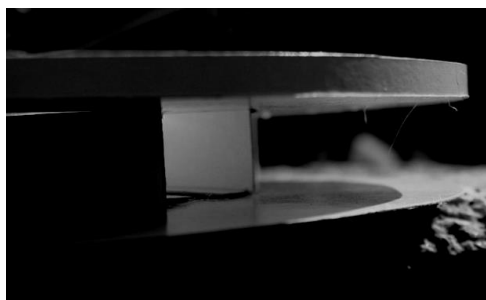
14h



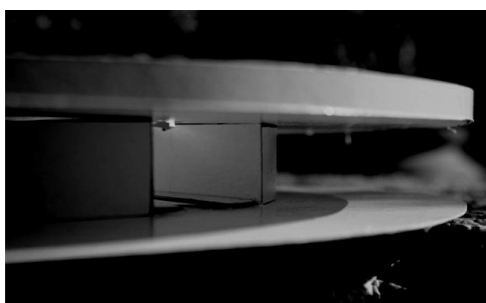
15h



16h



17h



18h

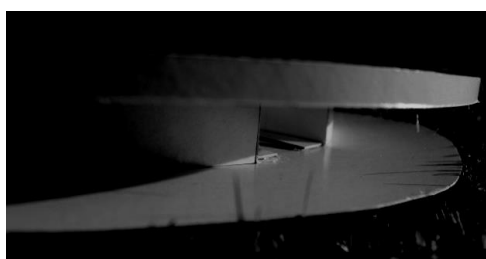


Fig. 46 Sequência-teste cronológica da luz no acesso ao Tanatório. Fonte: autora.

Outro aspecto pertinente no desenvolver da obra, mora nos espaços de pausa e contemplação, de espera e de reflexão, espaços que permitem ao utilizador a conexão consigo mesmo. Permita-se então dividir as diferentes áreas onde se introduz estes espaços de pausa: inicialmente, na cobertura do edifício, traça-se um percurso no limite circular da própria forma, com miragem para o bosque no vale, em que se centraliza um espelho de água. O percurso inicia-se com uma rampa ligeira, limitada por muros que vão permitindo o alargar da paisagem a cada passo, acompanhando o espelho de água que se descobre. A água, após várias leituras e reflexões sobre o tema do projecto (a morte, o rito, o além), induz à conotação materna com a morte, simbolizando *o útero que recebe e contém*, conjugado com o desejo do renascimento, o ciclo da vida, o retorno ao nascimento. O reflexo, que replica a imagem do céu, implica uma proximidade a este, trazendo uma experiência à transcendência e sacralidade à pessoa religiosa, *a simples contemplação da abóbada celeste provoca na consciência primitiva uma experiência religiosa*,²²⁰ e ainda, o próprio reflexo da pessoa na superfície da água, induz a um olhar para si mesmo, a uma introspecção. Este é o primeiro momento de pausa, o antes do mergulhar do “submundo”. Após o mergulho, o segundo momento de pausa é visível no final do percurso, a primeira homenagem, um momento de memória com o retrato de quem partiu, enquadrado numa paisagem serena das copas das árvores, suportado por um elemento que convida a ficar, por breves momentos, um banco de madeira permite ao visitante a calma, o primeiro impacto com a partida faz-se aqui, assim como o momento do reencontro, o momento da entrega de cinzas para a etapa final, um ponto de paragem tanto no início, como no final. Uma vez ultrapassada esta fase, os corredores circulares que direccionam os visitantes para as restantes etapas, alargam-se e dão espaço à espera, à reflexão, à preparação para o que se avizinha, ao ajuntamento de quem se despede, este será um terceiro momento, o que antecede ao primeiro encontro, à verdadeira despedida, o espaço que antecede ao velar do corpo.

Estes intervalos de espaço, e, pode-se quicá dizer, intervalos de tempo, que permitem um distanciamento físico e emocional para a entrega absoluta ao momento difícil, são fulcrais para o sentir e o libertar desses sentimentos, o visitante tem a liberdade de dar o primeiro passo para cada etapa, a seu tempo, permitindo-lhe assimilar toda a envolvente da atmosfera que o rodeia e deixar-se finalmente, levar-se pelas emoções que tanto contribuirão para a realização do seu luto.

220 Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução por Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo, Martins Fontes 2008.

No tanatório, abre-se espaço ainda para o crematório, local dos últimos rituais. A posição deste espaço perante o terreno e o projecto em si, baseia-se na sua definição, um espaço que deve ser separado dos restantes pelo seu carácter artífice e industrial, um ambiente diferenciado do que no restante edifício se pretende, por isto, num piso inferior subterra-se o crematório, guardado e ao mesmo tempo de acesso facilitado aos seus colaboradores ao piso superior para as mais variadas funções. Necessário expor que o acesso viário a este piso é de indispensável reflexão contanto que existe uma outra atmosfera emocional e funcional, de um piso para o outro. Concebe-se uma via externa, destinada não só aos funcionários do crematório mas também aos carros fúnebres que transportam o corpo para o local, actividade que se pretende também poupar aos olhos dos visitantes.

Por estas razões de isolamento de atmosferas emocionais que divergem, é esculpido um caminho externo que parte da Avenida Cidade da Errenteira, a Oeste da principal entrada, que desagua numa das espirais que envolvem o columbário indo ao encontro da terra. Estes visitantes são usuários frequentes, pessoas que vêm ao encontro da memória, revisitando o ser que emergiu das cinzas, há dias, meses ou anos. O estado emocional que invade este caminho, diferencia-se do estado emocional da espiral que parte do tanatório, que envolve também o columbário e desagua também na terra, embora num polo oposto. Estas espirais, paralelas, divergem no peso emocional e nas multidões. Tratam-se de diferentes estados de luto, e por isto, diferentes caminhos, caminhos que nunca se tocam, nunca se cruzam: a espiral do dia do rito, move o cortejo fúnebre onde se agrupam os entes queridos do falecido, que transportam as cinzas ao seu local final num momento de sentimento profundo de tristeza e pesar,²²¹ um período de consternação e saudade pela perda do ente querido. A espiral da visita, é pisada por poucos passos, de pessoas que voltam e que revivem e recordam quem já partiu, numa fase diferente do seu luto, mais conformada e mais leve.

221 Infopédia. Dicionários Porto Editora. Consultado em: Março de 2020.

“Os nossos cemitérios, com as suas sombras, as suas relvas, as suas espessuras frescas, são, ao pé da Morte, uma paisagem, uma presença de vida. A natureza está junto das sepulturas, e é quase dormir estar morto sob as árvores que deram sombra ao nosso cansaço, frutas à nossa fome. Aquela natureza é um traço de união entre os mortos e os vivos; aquelas áleas são ruas também; aquelas sombras, aquelas flores, são para os que vêm, no dia dos mortos ou nas horas melancólicas, chorar ou lembrar-se.”

“A alegria dos vivos, a natureza em que eles se movem, acompanham os mortos, estremece, murmuram ainda por cima da sua impassibilidade: a folhagem rumoreja, a chuva cai das árvores, o vento passa, os 39 pássaros cantam, o homem dorme a sesta... Depois, aquelas sombras provocam a imaginação e a lenda. O corpo do morto será abraçado por aquelas raízes? As rosas vermelhas serão a cor dos seus lábios? Aqueles ciprestes, que crescem melancólicos e doces, serão a provisão de suspiros que havia no seu peito? Aqueles troncos nodosos serão os seus olhos? A natureza, pelos gemidos que provoca e pelos sonhos que desperta, arranca ao morto a ideia fria do irreparável. As árvores estão ali que lhe estendem os braços, estão ali os pássaros que o chamam, e a erva que o abraça com as suas raízes.” – E, mais adiante, acrescenta, ainda: “aí, as sombras, o rumor das árvores, a humidade, a lividez das cruces, as lâmpadas, os ciprestes, tudo faz uma decoração funerária e comunica-nos uma vibração nervosa” .²²² – Fernando Pessoa

A terra final, que dá corpo às raízes das árvores que emergem das cinzas, distingue-se da terra envolvente. Distinta na função, no significado emocional, no momento. E por isto o propósito das árvores muda e a sua espécie também. O ponto de partida mora nas espécies existentes no concelho, visa-se espécies de grande porte, que tanto sirvam de camuflagem como de paisagem nas diferentes molduras. No columbário, visualiza-se uma espécie resistente, de grande durabilidade e estatura, porquanto que se encontra num local abaixo do tanatório e pretende-se que a copa destas seja o horizonte mirado a partir desse patamar. Opta-se pelo cipreste-dos-cemitérios, uma árvore que, como o nome indica, facilmente se encontra em cemitérios pela sua forte resistência às diferentes investidas meteorológicas e temporais, uma árvore de folha persistente que manterá a sua estética ao longo do tempo, a cada visita, após a sua plantação. É com este intuito que se pretende uma árvore desta natureza, permitir uma continuidade constante, uma imagem eterna e um prolongamento do que partiu. Já na área envolvente, uma espécie que guia a recordação, emoldura a memória do momento, uma espécie que acompanha o tempo e marca a imagem do último dia. Uma espécie de folha caduca, que varia conforme a estação do ano, pintando o momento de cores desde o verde, passando pelos tons amarelos e alaranjados até à ausência de folhagem, de troncos esbranquiçados, a Bétula prateada surge como uma opção que acarreta a responsabilidade de

222 Ferreira, J.

assinalar o momento do último adeus. Os troncos pictoricamente esbranquiçados são a constante desta paisagem, a constante serenidade e pacificidade que se pretende desde o início.

A exaustiva procura da liberdade de sentir e emocionar, da captação do momento para um marco na memória, o pensar de cada passo para que o utilizador não tenha de o fazer, converge em todos os pontos do processo. Num projecto onde o protagonista é o utilizador, onde o desprendimento físico entre a vida e a morte se concentra, cada etapa é direccionada ao momento e à emoção deste, permitindo a seu ritmo, presenciar e viver a sensibilidade do luto.

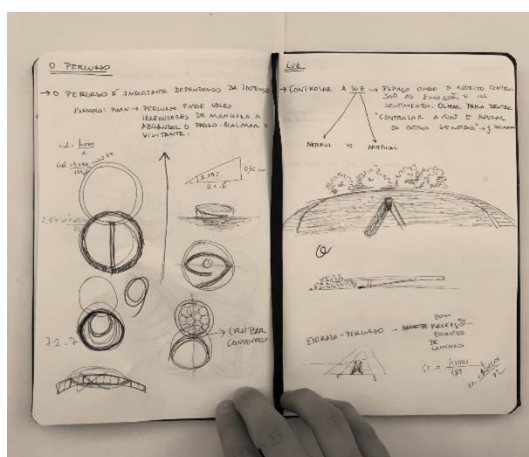
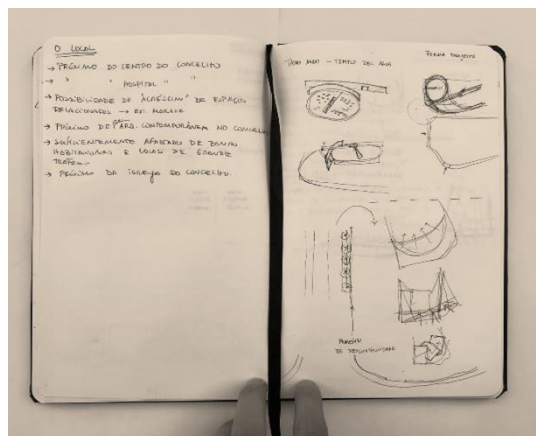
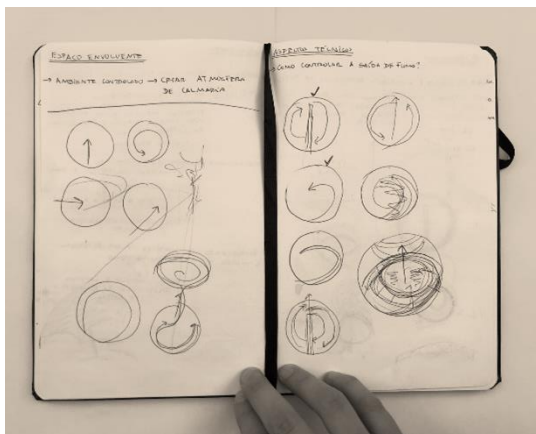


Fig. 47 Páginas de primeiros esboços, ideias e conceitos. Fonte: autora.

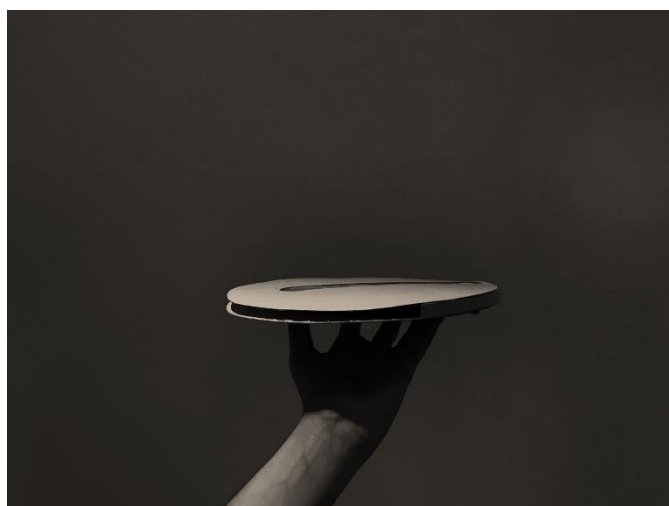
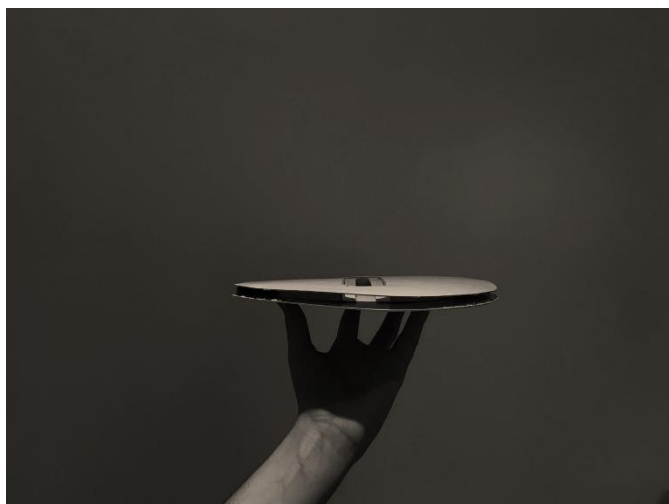


Fig. 48 Fotografias de primeira maquete de estudo – forma + conceito. Fonte: autora.

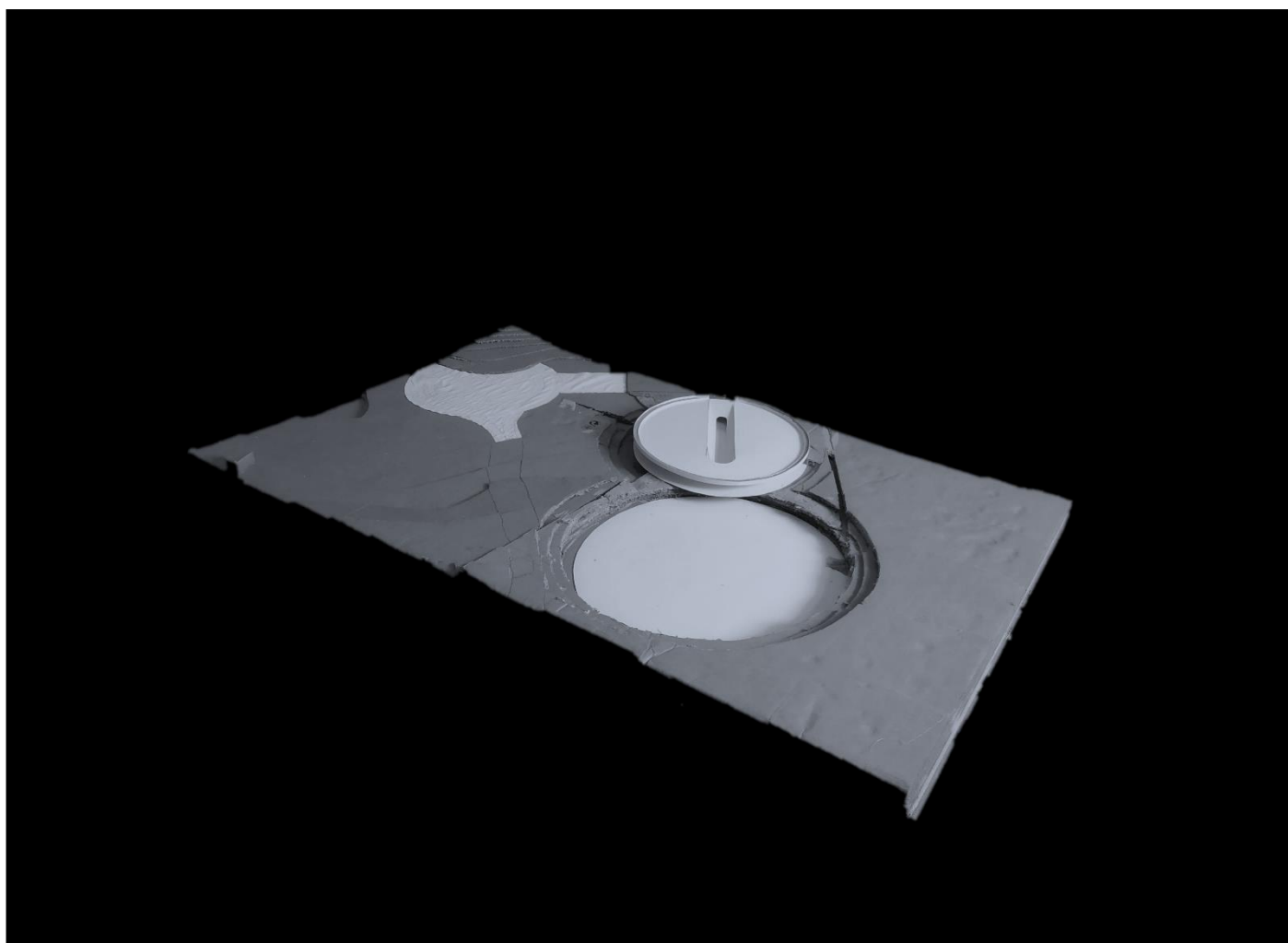


Fig. 49 Fotografia de maquete de estudo - implantação da proposta. Fonte: autora.

2. Anexo de peças desenhadas

Tabela 2 - Descrição das peças desenhadas.

Painel	Representação	Escala
III – 01	Planta de Implantação	1:5000
III – 02	Planta de Cobertura	1:400
III – 03	Planta Piso -1	1:500
III – 04	Planta Piso -2	1:500
III – 05	Planta Piso -1	1:200
III – 06	Planta Piso -2	1:200
III – 07	Perfis Transversais I	1:100
III – 08	Perfis Longitudinais	1:200
III – 09	Perfis Transversais II	1:200
III – 10	Pormenor construtivo e respectivo alçado	1:20

3. Epílogo

O Tanatório de Lousada é projectado na periferia do referido concelho do norte do país, caracterizado pelas duas vertentes rural e urbana, e implanta-se na proximidade do hospital da Santa Casa da Misericórdia de Lousada e da igreja da Nossa Senhora dos Aflitos e ainda, das vias de acesso principais, remetendo sempre para a facilidade de acesso dos diferentes utilizadores do espaço.

Um edificado com esta conotação de privacidade, respeito e introspecção, requer um isolamento de tudo o que possa afectar a quietude pedida. Atendendo a esta questão, o projecto é implantado com um afastamento a cerca de 30m da avenida, dando lugar a uma envolvente arbórea composta por Bétulas prateadas. Esta protecção arbórea, amortece o ruído e a agitação da urbe indesejada para o local, respondendo assim à questão levantada do isolamento necessário.

A implantação do edifício no terreno, parte do conceito e da necessidade: o conceito da linha ou da barreira horizontal que separa o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, uma cidade paralela invertida, e a privacidade a ser respeitada no ambiente que se idealiza, define a inserção do projeto. A cobertura do Tanatório estende-se à cota da Avenida Cidade da Errenteira, permitindo que o projecto se desenvolva nas cotas inferiores, criando um momento de descontinuidade horizontal, a superfície e o subterrâneo, em que o momento de transição é efectuado pela entrada no edifício, pela cobertura, como se se tratasse de uma ruptura dessa barreira conceptual.

À primeira instância, o projecto caracteriza-se por duas formas circulares, um edificado de dois pisos - Tanatório - e uma zona arbórea - Columbário - envolvidas por uma vasta floresta de Bétulas. Posteriormente, consegue-se aperceber as diferentes possibilidades de percursos e acessibilidades, conforme as intenções do visitante.

O projecto dá-se à forma circular pela conotação ao ciclo da vida, o nascer da terra e voltar à terra, o retorno à natureza; o ambiente resguardado, a atmosfera isolada e voltada para si mesma, o núcleo emocional, privado e respeitado; mas também pelo reforço da ideia da discrepância das arestas das criações urbanas, o cubo, a vitrine, para este momento de acolhimento, de recolhimento, de introspecção.

Existem dois acessos pedonais, destinados a visitantes, com diferentes propósitos, situados como já foi dito anteriormente, ao nível da Avenida Cidade da Errenteira, a cotas distintas respeitando o declive da mesma, e ainda um terceiro acesso, desta vez viário, destinado a funcionários e funções do crematório, na cota mais baixa do local.

Uma floresta de Bétulas separa e envolve os diferentes acessos, acompanhando o visitante, até ao destino. O acesso de cota superior, uma linha recta que rompe a floresta em volta direccionada firmemente ao seu destino, o columbário de ciprestes-dos-cemitérios, tem o propósito de visita à memória do ente querido falecido, o contacto com o local onde por fim foi recolhido pela natureza, sem passar pelo tanatório evitando todo o processo cerimonial que possa estar a acontecer no momento, não quebrando a atmosfera de luto que se diferencia do deste visitante.

Por outro lado, o acesso à cota inferior seguinte, destina-se ao tanatório, em que o visitante atende ao ritual e cerimónia dedicada ao falecido. Este percurso experiencia-se pelo enfrentar do bosque circundante até ao momento de chegada à cobertura do edificado, momento marcado por um rasgo que rompe essa leitura horizontal da cobertura, uma ruptura da superfície que ilumina o acesso ao outro mundo, o subterrâneo, onde se materializa o tanatório. Ao adiar a entrada ao edifício, é possível percorrer um percurso de preparação para o momento que se avizinha, um percurso no limite da cobertura, que circunda o espelho de água existente. No espelho de água observa-se o reflexo do céu, uma simbologia à proximidade do céu divino, em volta, no percurso circular de reflexão e observação, o visitante se espelha também na água e entra em contacto com o seu eu e o seu luto, e ainda é possível a vista do columbário a uma cota superior, reforçando a ideia da separação dos dois mundos.

No piso -1, o Tanatório é o espaço entre os dois mundos, o espaço que permite a transição, a preparação para o subterrâneo. Desenvolve-se todo o ritual fúnebre, a despedida, a celebração fúnebre, o início do cortejo fúnebre final mas também está inserida a administração do tanatório e aspectos técnicos necessários, dando lugar a espaços como, secretariado, gabinete de director, monta-cargas de transporte da urna, vestiário do orador, entre outros. De momento, pretende-se focar na experiência do utilizador como visitante e experienciador do luto.

Uma vez que se inicia o percurso que rasga e mergulha na cobertura do edifício para a cota inferior - piso -1 - é notório um outro rasgo na própria rampa de acesso, neste percurso serão percorridos ambos o início e o fim do ritual, mantendo a simbologia do ciclo da vida - onde começa, também acaba - em que a luz natural unifica o fim e o início.

À medida que o visitante se aproxima do fim da rampa, depara-se com um local de luz contida onde é avistado, sob uma paisagem arbórea emoldurada por painéis de madeira dourados, um momento de pausa, um banco de madeira central voltado para o futuro de quem partiu, um momento de recepção de quem vai homenagear o defunto. Este momento central, irá dar início a dois percursos simétricos que se distribuem para as diferentes fases do ritual.

O visitante percorre então o espaço que contorna o núcleo das diferentes funções do piso do tanatório, percorrendo simultaneamente um espectro de intensidade de luz que diminui ao mesmo passo que a privacidade se excede. Num dos quatro espaços de velação, o visitante entra para prestar a devida homenagem e fazer o seu luto. Este espaço divide-se por sala de velação, sala de

exposição da urna e sala de espera, promovendo a privacidade de quem se encontra a velar o defunto no momento.

Seguindo-se a cerimónia, é necessário voltar ao percurso anterior, e deixar-se conduzir pelo ambiente resguardado, de iluminação controlada que conduz o visitante à sala final - a sala de celebração. Uma sala ampla de limite côncavo, com pé direito que se expande a partir do seu centro e paredes revestidas a mármore, mobilada com bancos colectivos de fisionomia paralela, voltados para a urna iluminada por um feixe de luz natural, que escapa pelo vão de vidro da saída. Este espaço oco com faces de superfície polida, tem como finalidade dar protagonismo às palavras proferidas pelas pessoas em luto, permitindo que o som se repita em eco, o ecoar das últimas palavras. Terminada a celebração, o caixão é transportado para as instalações liberando o caminho ao tradicional cortejo fúnebre, as pessoas seguem a luz, e percorrem o percurso final que as leva entre as paredes da rampa inicial - o início é também o fim - até ao momento de pausa na paisagem onde aguardarão pelas cinzas.

O processo dos últimos rituais desenvolve-se no piso de cota inferior, o piso -2, onde estão inseridas todas as funções do crematório. No núcleo circular de funções do tanatório, encontram-se os acessos verticais para o crematório, para onde será levado de volta a urna e serão realizadas as últimas etapas do processo.

O acesso a este piso localiza-se na cota mais baixa da inclinada Avenida Cidade da Errenteira, junto à rotunda principal do concelho, e é o terceiro acesso, já referido anteriormente, desta vez viário para receber funcionários do crematório, transportes funerários e/ou técnicos eventualmente necessários.

Após percorrer a rampa de acesso ao piso -2, é visível uma fachada convexa envidraçada, rodeada pelo estacionamento do local. É marcada pelo ritmo de pilares de aço que guardam uma praça interior, uma antecâmara para o crematório, um espaço de chegada, de pausa e de transição, com um ambiente e paisagem controlados, onde a luz natural é recebida e transportada para o interior das instalações. A praça é acedida a pé nas duas pontas da base do semicírculo e, o transporte fúnebre e técnico, é efectuado periodicamente pela abertura de maior dimensão, do lado mais à direita da fachada.

Pode-se então dividir este piso em duas partes, o secretariado, do lado direito, e o tratamento da urna, do lado esquerdo.

Dá-se a conhecer o funcionamento do piso: passando pela praça, dando entrada nas instalações, o utilizador é recebido por um espaço de espera e de distribuição para as diferentes divisões, definido pelo secretariado, as instalações sanitárias, a sala do encarregado da secção e a sala de reuniões, espaço este que antecede a segunda parte do piso, a parte do crematório em si.

Percorrendo o que seria o núcleo de funções de administração do crematório, entra-se agora na secção de tratamento, em que as primeiras instalações são os balneários necessários para os funcionários, passando depois pelos dois núcleos de acesso vertical ao piso superior, até às salas de tanatopraxia e de cremação. Nesta última etapa, localizam-se os espaços dos últimos rituais onde o

corpo é tratado e se transforma na cinza a ser entregue à família que a espera no piso superior. É ainda neste piso que se encontram todos os mecanismos necessários para o bom funcionamento do edifício, na casa das máquinas pode-se encontrar os sistemas eléctricos, sistemas de aquecimento e ventilação e ainda o sistema requerido para os fornos de cremação.

Uma vez terminado o processo da transformação em cinza, estas são transportadas para o piso superior e entregues nas mãos dos entes queridos, que continuarão o cortejo fúnebre, desta vez para o ritual final. Aqui, o visitante entra na segunda forma circular, um núcleo arbóreo de ciprestes-dos-cemitérios, conhecidos pela sua altura - que aqui simboliza a proximidade ao céu - e pela sua longevidade e auto preservação, rodeado por dois passadiços paralelos que contornam o bosque da memória e o direcionam à Natureza, ao solo onde são plantadas as árvores. O cortejo parte então do tanatório, no piso -1, onde o primeiro passadiço tem início, contornando e vislumbrando sempre, desde o topo até à base, o bosque de ciprestes, o destino das cinzas, o futuro do defunto. Chegado ao solo, as cinzas e a raiz do cipreste são plantadas no local pretendido, dando forma e continuidade à vida de quem partiu.

O columbário, como já foi dito anteriormente, é rodeado por dois percursos paralelos, o do cortejo fúnebre e o do visitante habitual, este segundo, é o prolongamento do acesso da cota mais alta, que embora recto, assume a forma circular assim que entra na órbita do passadiço acima, o passadiço do tanatório. Este columbário é um columbário vivo, apesar de guardar quem faleceu. As árvores recém-plantadas irão crescer, a cinza dará fertilidade à árvore, o que está morto tornar-se-á vida de novo, de volta à Natureza, e para quem fica, poderá acompanhar a nova vida de quem partiu, a vida depois da vida.

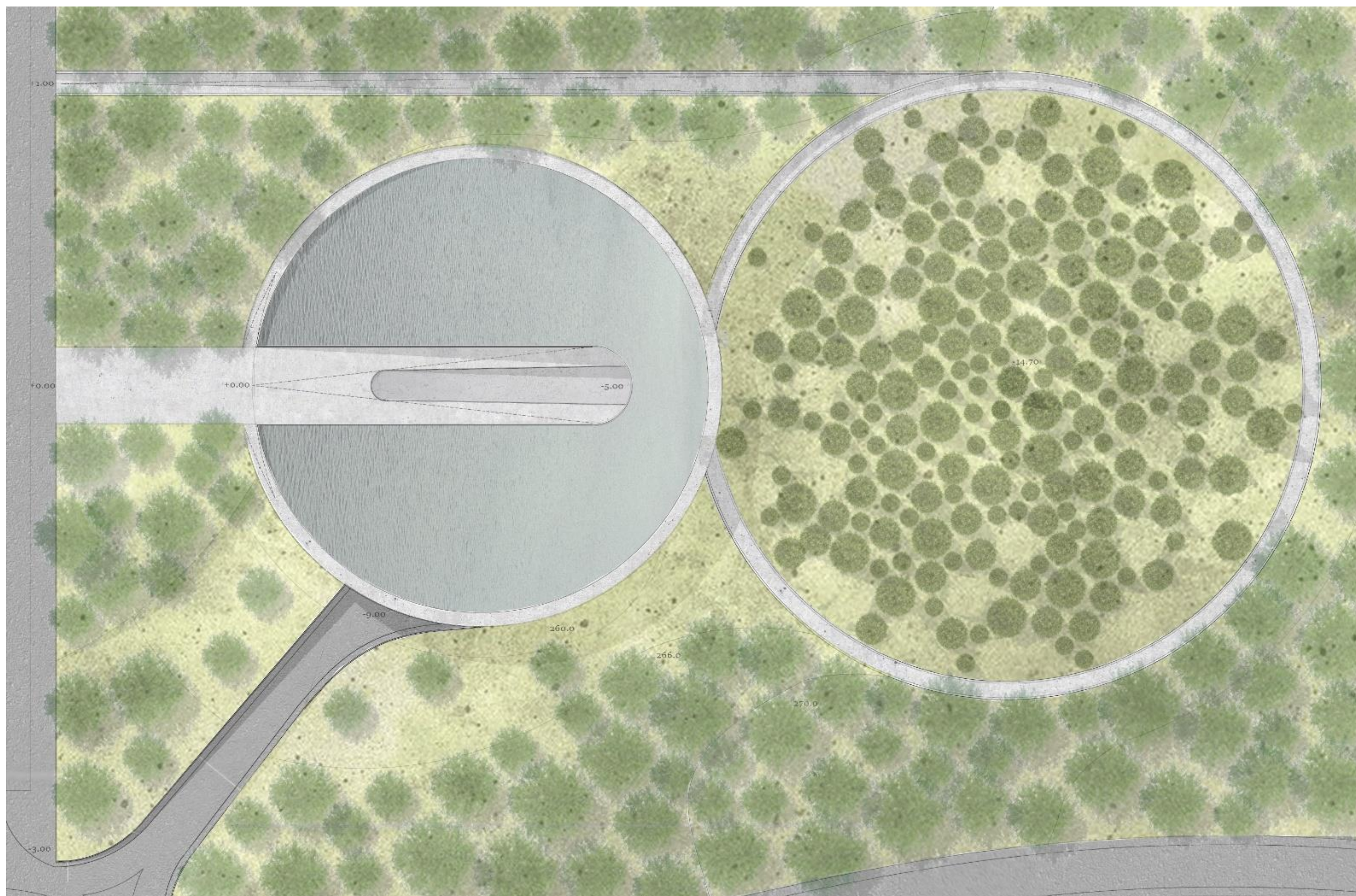


Fig. 50 Ilustração de Planta da Cobertura. Fonte: autora.



Fig. 51 Representação de espécies arbóreas utilizadas.

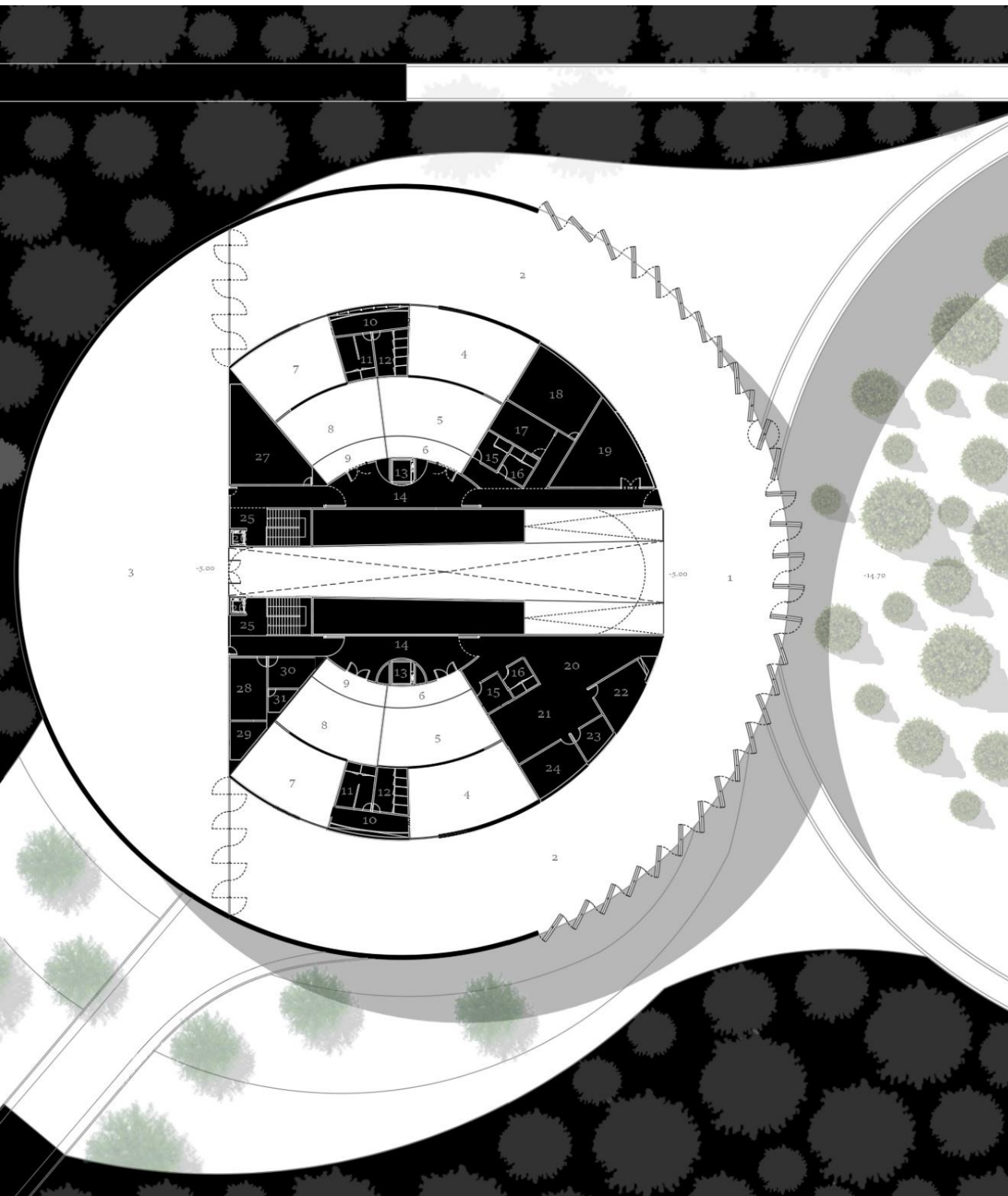


Fig. 52 Ilustração de Planta do piso -1. Fonte: autora.

Tabela 3 Legenda do programa do piso -1

Número	Designação	Área
1	Espaço de contemplação/Meditação	184.20 m ²
2	Percurso de Reflexão	783 m ²
3	Espaço de Celebração	1097.80 m ²
4	Sala de Espera 1	85.90 m ²
5	Sala de Velação 1	68.30 m ²
6	Exposição da Urna 1	17.10 m ²
7	Sala de Espera 2	71.30 m ²
8	Sala de Velação 2	60.00 m ²
9	Exposição da Urna 2	17.10 m ²
10	Lavabos	18.00 m ²
11	Wc Masculino	15.60 m ²
12	Wc Feminino	15.60 m ²
13	Elevador monta cargas	4.20 m ²
14	Circulação - serviços	118.00 m ²
15	Wc Masculino	9.40 m ²
16	Wc Feminino	15.60 m ²
17	Copa	20.80 m ²
18	Arquivo 1	19.60 m ²
19	Sala de reuniões 1	54.20 m ²
20	Recepção	44.00 m ²
21	Administração	38.20 m ²
22	Gabinete Director(a)	22.50 m ²
23	Arquivo 2	10.80 m ²
24	Sala de Reuniões 2	23.20 m ²
25	Núcleo de acesso vertical	24.15 m ²
26	Elevador	1.20 m ²
27	Arrumos	56.80 m ²
28	Arrecadação de limpeza	24.15 m ²
29	Arrecadação de equipamentos	10.50 m ²
30	Vestiário orador	13.80 m ²
31	Wc	5.00 m ²

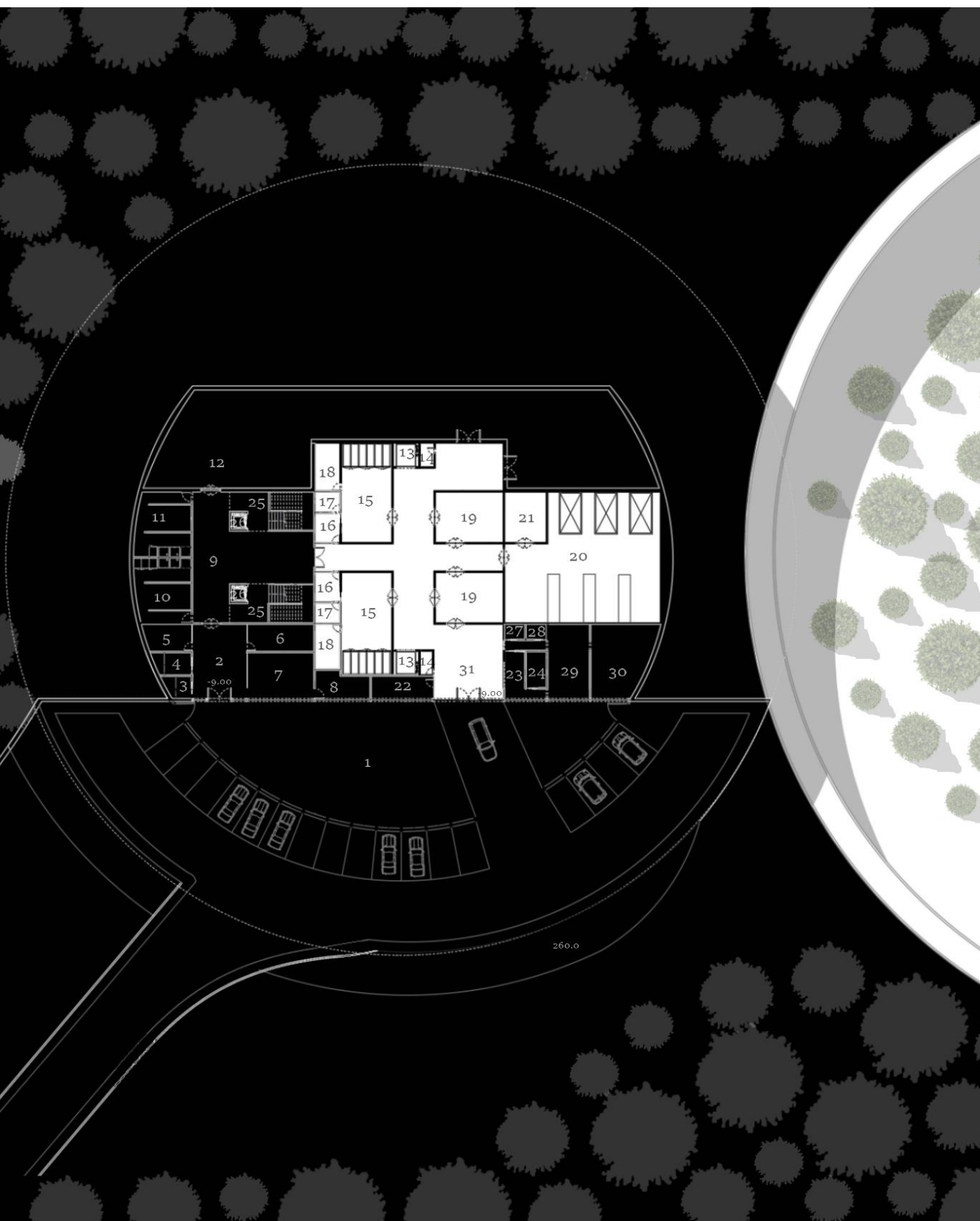


Fig. 53 Ilustração de Planta do piso -2. Fonte: autora.

Tabela 4 Legenda do programa do piso -2

Número	Designação	Área
1	Praça	415.84 m ²
2	Sala de Espera	41.85 m ²
3	Wc Feminino	5.83 m ²
4	Wc Masculino	85.90 m ²
5	Gabinete Gerente	12.80 m ²
6	Sala de Reuniões	18.30 m ²
7	Secretariado	31.00 m ²
8	Copa 1	13.90 m ²
9	Circulação	94.40 m ²
10	Balneário Feminino	38.20 m ²
11	Balneário Masculino	36.20 m ²
12	Sala das Máquinas	375.70 m ²
13	Elevador monta cargas	4.20 m ²
14	Acesso ao motor	3.00 m ²
15	Sala de Tanatopraxia	52.50 m ²
16	Espaço de Limpeza	7.25 m ²
17	Wc	4.35 m ²
18	Arrumos 1	6.20 m ²
19	Sala de repouso	34.90 m ²
20	Sala de Cremação	181.40 m ²
21	Arrumos 2	21.40 m ²
22	Sala de Segurança	14.20 m ²
23	Recepção	9.80 m ²
24	Quarto de Serviço	7.35 m ²
25	Núcleo de acesso vertical	33.00 m ²
26	Elevador	1.20 m ²
27	Wc Feminino	3.05 m ²
28	Wc Masculino	3.05 m ²
29	Sala de Convívio	31.00 m ²
30	Copa 2	43.30 m ²
31	Hall de Recepção do caixão	52.50 m ²

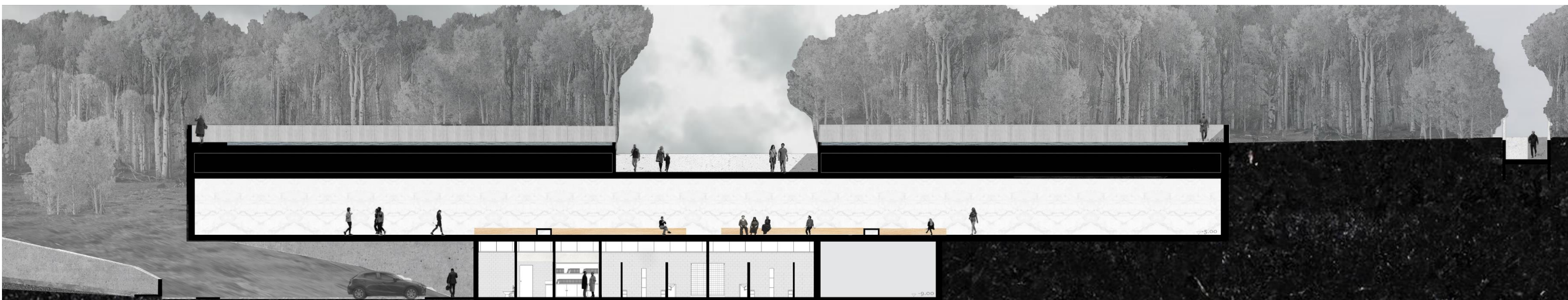


Fig. 54 Ilustração perfil transversal pela Sala de Celebração. Fonte: autora.



Fig. 55 Ilustração perfil longitudinal pelas Salas de Velação. Fonte: autora.

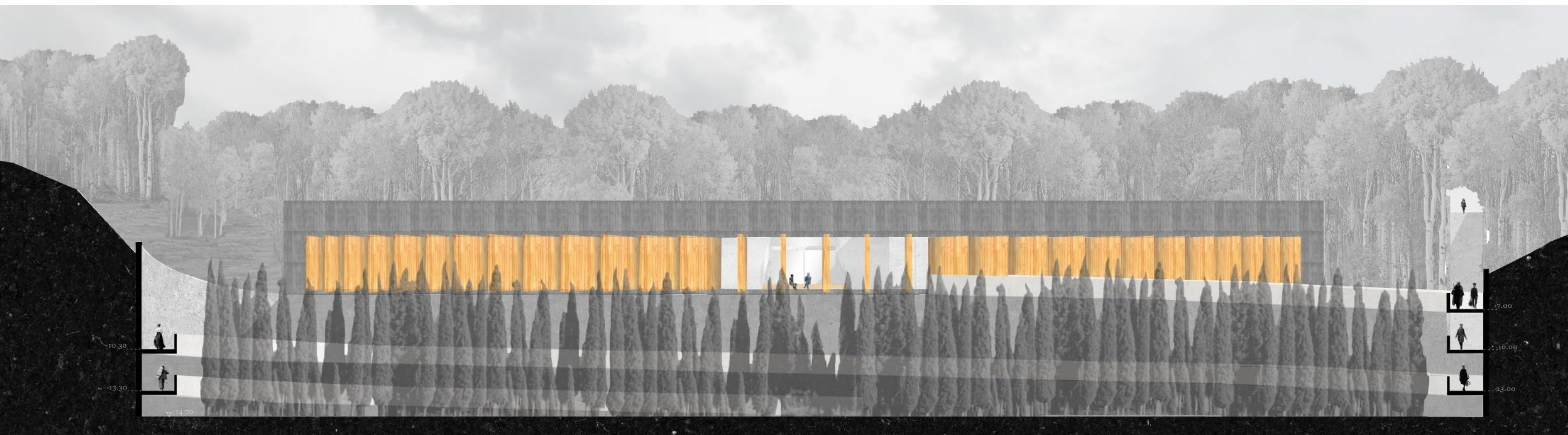


Fig. 56 Ilustração de perfil transversal pelo Columbário. Fonte: autora.



Fig. 57 Sequência de fotografias de maquete – evolução do bosque do columbário. Fonte: autora.

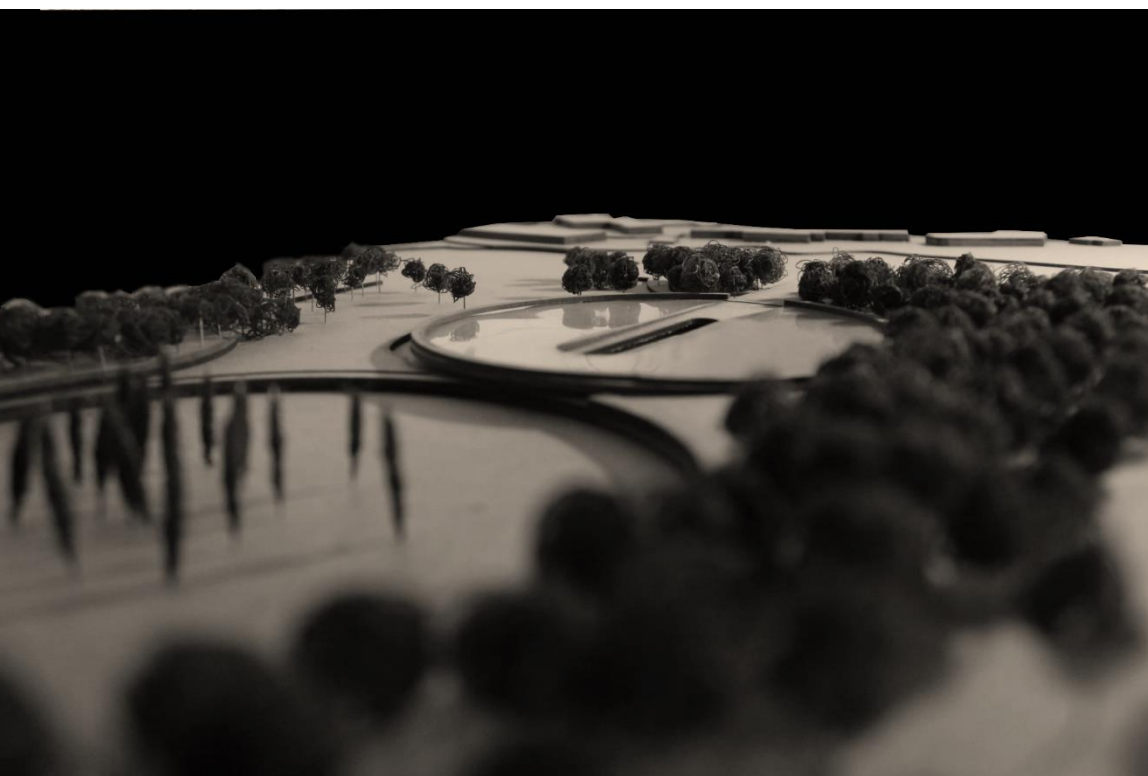


Fig. 58 Fotografias de maquete - tanatório. Fonte: autora.



Fig. 59 Fotografias de maquete - columbário e entrada para tanatório. Fonte: autora.

Prólogo

“Oh! minha terra, velho Tarrão

(...)

Ruas estreitas, casas velhinhas

E o pelourinho

Nichos com santos onde as andorinhas

Fazem o ninho!

Tu tens no timbre do nobre brazão

Da tua bandeira

Cachos doirados, espigas de pão

Da vinha e da eira

(...)

Rezas à sombra d’ogivas Romanas

Das tuas igrejas!

E nos dias de verão

Tu mostras, oh meu Tarrão

O colorido

Que ‘stá esculpido

No teu Brazão.”

António Castro Gorgel²²³

223 GORGEL, António Castro - *Lousada Na Ribalta*. Lousada: Tipografia “Heraldo”. 1948, p. 21-22.

Lousada caracteriza-se pelo seu passado histórico em comunidade rural, sem esquecer a sua marca espiritual.²²⁴ Assentada numa ampla colina, situada a trezentos metros de altitude, na parte superior do vale do rio Sousa, pertencente já a Sousões, Gascos, Vasques e Viegas, ilustres barões a quem se deve a criação e afirmação da nacionalidade portuguesa.²²⁵ Durante a sua história quanto às entidades donatárias, estas pertenciam essencialmente à coroa, sendo D. Fernando o primeiro rei a servir-se de Lousada para congratular os seus vassallos pelos bons serviços prestados. De mão em mão, passando por mãos de monarcas, condes, duques e duquesas, chegam, na Época Moderna, a senhorios laicos ou eclesiásticos – fortes presenças nas comunidades rurais em todo o país que consolidavam uma intervenção activa na organização do quotidiano das populações – que dominavam grande parte do território com mosteiros, igrejas, colegiadas, ordens militares, casas nobres – conjuntos de bens rústicos e urbanos e ainda, direitos jurisdicionais exercidos no território. No séc. XVI, estes bens senhoriais, foram desaparecendo uma vez que, por doações e mandas pela salvação das suas almas, as propriedades e bens ficariam na posse da Igreja que, por não poderem/quererem cultivar as terras doadas, acabam por entregar os bens a lavradores, nascendo assim a nova nobreza de Lousada.²²⁶

Lousada subsistia da agricultura e pecuária, a labora da terra de grandes senhores, maioritariamente por doações de membros eclesiásticos (os novos nobres), permitindo à população erguer as suas habitações e garantir o seu sustento. Solares como a Casa da Bouça, Casa de Ronfe e Casa de Alentém, são exemplos de casas senhoriais da era moderna.²²⁷

No séc. XVIII Lousada era vista como *huma pobre aldeya, sem forma de rua*²²⁸, no entanto, autores escrevem ainda que era a terra do *vinho verde e de latadas, do feijão e do milho, dos jugos trabalhados em madeira entalhada, semelhante às velhas arquibancadas conventuais com seus lindos boizinhos piscos de alta cornadura, de belo desenho em lira, e do carro de eixo móvel girando em admirável cântico vespeiral de louvor a Deus.*” E assim como entre Douro e Minho, Lousada também “*era um alfobre de solares, desde a torre medieval, ao pequeno solar de granito pardo com o portão ameado e brasonado, e a escada exterior, a capela setecentista, aos múltiplos exemplares de arquitectura fidalga e barroca do séc. XVIII.*”²²⁹

A inúmeras capelas e igrejas de Lousada, são materialidade da carga espiritual de um povo. Representam a *memória dos homens e o pulsar das comunidades*,²³⁰ fazendo parte também da sua identidade. As capelas, geralmente implantadas no alto de um monte ou num local isolado,

224 Magalhães, Pedro (2012). *Propriedade e Proprietários da Terra na freguesia de Nespereira (Lousada). Roturas ou continuidades – da Época Moderna ao Liberalismo*. Dissertação de Mestrado FLUP, p 7.

225 Arte & Património (2010). *Origem histórica do conselho de Lousada*. Disponível em: <https://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt/43808.html>

226 Magalhães, Pedro (2012). *Propriedade e Proprietários da Terra na freguesia de Nespereira (Lousada). Roturas ou continuidades – da Época Moderna ao Liberalismo*. FLUP.

227 Silva, José (2007). *A Casa Nobre no concelho de Lousada*. Dissertação de Mestrado em História de Arte em Portugal, FLUP, p. 13.

228 Arquivo Histórico Parlamentar. – Secção I-II, Cx. 101. Cf. SOEIRO, Teresa – História Local, Penafiel: Edição Museu Municipal de Penafiel, p.151, 2005.). Como citado em: Silva, José (2007). *A Casa Nobre no concelho de Lousada*. Dissertação de Mestrado em História de Arte em Portugal, FLUP, p. 17.

229 Silva, José (2007). *A Casa Nobre no concelho de Lousada*, p. 21.

230 Arte & Património (2009). *Origem histórica do conselho de Lousada*. Como citado em: In Seminário «Capelas Públicas de Lousada» 1997. Disponível em: <https://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt/1200.html>

revestiam-se de protecção e bênção ao território abrangente, antes mesmo de se instalarem as populações, sendo um dos polos sacralizadores, juntamente com a igreja, de toda a freguesia. Eram erguidas por devoção e promessa. Os lousadenses, devotos dos seus santos, construíam cruzeiros nos cruzamentos e entroncamentos, formavam procissões que partiam das igrejas ou capelas, que passavam por esses cruzeiros de maneira a afastar o mal e os demónios. A devoção aos santos da terra, ainda hoje é notória, ainda hoje se reza aos santos padroeiros destas capelas, murmuram-se apelos pelas saúdes da família, felicidade, entre outros. Hoje, as capelas que antes eram erguidas no cimo dos montes, rodeiam-se de tementes devotos: Capela Sr. Dos Aflitos, Sr^a da Aparecida, S. Gonçalo, etc, à excepção da capela de Santa Ana. Também as procissões são praticadas nos dias de hoje, aquando as festas da terra - as romarias, procissões que antes eram ocupadas por espingardeiros, foices e gadanhas: *o barulho, os morteiros e os tiros, e até o transporte de foices e gadanhas, eram essenciais para a sua eficiência - procuravam afugentar e assustar todos os males nocivos à freguesia, os das sementeiras e o da saúde,*²³¹ agora percorrem “anjinhos”, crianças vestidas de santos e anjos que levam consigo a sorte, homens que carregam andores com santos (geralmente em promessa também), no meio de foguetes, bandas de música, entre outros elementos festivos. *Temos que entender que as terras, território onde o homem viveu, e vive, é uma “dádiva de Deus e dos “seus santos” e por isso há que ser também generoso, reconhecido. Para “eles” se erguem capelas, onde se guardam imagens e relíquias. E aonde se levam dádivas no cumprimento de promessas, de “votos” alcançados.*²³²

Neste breve excerto da cultura, tradições e costumes do povo lousadense, que vão ao encontro do contraste com a ideologia pretendida na proposta projectual – relativamente ao catolicismo - capta-se a essência rural nas antigas fotografias e retratos das populações rurais para os cenários ilustrativos do projecto do Tanatório de Lousada. Um momento de confronto do rural e católico com a contemporaneidade inter-religiosa, mantendo ainda assim, uma harmonia com o sagrado e espiritual.

231 *Ibidem*,

232 *Ibidem*.



Fig. 60 Coleção de fotografias alusivas a Lousada e aos lousadenses de antigamente. Fonte: ReViver Lousada. Consultado a Junho de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/reviverlousada>



Fig. 61 Ilustração de cena 1 - Acesso. Fonte: autora.



Fig. 62 Ilustração de cena 2 - Percurso em volta do espelho d'água. Fonte: autora.



Fig. 63 Ilustração de cena 3 - Entrada para Tanatório. Fonte: autora.



Fig. 64 Ilustração de cena 4 – Percurso de reflexão. Fonte: autora.



Fig. 65 Ilustração de cena 5 - Cerimónia. Fonte: autora.



Fig. 66 Ilustração de cena 6 - Percorso de cortejo fúnebre + Percorso de visita. Fonte: autora.



Fig. 67 Ilustração de cena 7 - Bosque da Memória. Fonte: autora.



Fig. 68 Ilustração de cena 8 - Praça de acesso ao crematório. Fonte: autora.

MARU

Conclusão

"[O projecto mais invulgar que desenvolvi foi] Um crematório. Gostei especialmente porque não estou a desenhar apenas um crematório, estou a inventar um equipamento que ninguém sabe o que é. Não pode ser uma igreja. As cerimónias demoram duas a três horas, as pessoas têm que ter um sítio para tomar um café, mas não pode ser uma coisa festiva. É preciso encontrar um tom que não pode ser mundano, mas também não pode ser lúgubre, nem nada de religioso, nem um laboratório com uma chaminé, e tudo tem que ter nomes. É muito interessante o projecto por este aspecto, pela atmosfera que se quer" (Eduardo Souto de Moura, em entrevista à revista tabu, 1 de Dezembro de 2006, p.36).

Não foi previsível. Durante o percurso académico, por vezes longo, por vezes num ápice, sempre foi de conhecimento próprio o trabalho final, a dissertação de mestrado que fecharia mais um ciclo de estudos. O que parecia distante, rapidamente trouxe o momento do fim mas, também um momento do início, fim para o intervalo de estudo académico que confere este mestrado, mas nunca o fim para o estudo pelo(a) arquitecto(a). Durante estes anos, e sobretudo, durante o desenvolvimento desta dissertação, essa ideia enraizou-se, a ideia de pesquisa, estudo, conhecimento e saber ilimitado que nunca parece suficiente e ao mesmo tempo, semeia a ânsia de saber sempre mais. Esta necessidade de informar, estar consciente, questionar O quê? Onde? Porquê? Como? Para quem?, parece ser inerente à vida de um(a) arquitecto(a) e à *fome* de encontrar a afinação e saber colocar a questão certa para conseguir desenhar a melhor resposta. Só assim o papel do arquitecto será verdadeiramente útil a uma sociedade em constante mudança. Só assim encontraremos o novo do *novo*. Nas palavras da arquitecta, professora e orientadora Andreia Garcia:

*Ser arquitecto é uma forma de viver.*²³³

Não foi previsível este tema, a intensidade que trazia com ele, as múltiplas raízes que cresceram e que se tentaram conter, nem sequer o entusiasmo que veio com ele. Estudos que passaram pela história, antropologia, arqueologia, psicologia e, claro, arquitectura, obrigaram a devorar livros, artigos, notícias e dissertações, para agora chegar ao momento de escrever este capítulo final.

²³³ Algures no ano 2019 aquando as nossas reuniões no decorrer da proposta projectual Tanatório de Lousada.

Reconhece-se conhecimento adquirido mas também, muitas limitações que se esperam quebrar ao longo do futuro que é ansiado quanto arquitecta. Reconhece-se ainda, depois das incontáveis páginas lidas, uma necessidade de empatia no universo da arquitectura, nos conceitos, nas intenções na materialidade, na construção e também, uma necessidade de discussão do tema fúnebre e a concreta morte. Empatia de uma arquitectura fúnebre, que embora abrigue quem parte, destina-se à visita de quem permanece e à memória de quem já não está presente e, sendo esta arquitectura para os vivos, que se torne a mais aconchegante e libertadora para a emoção e que conduza a uma proximidade à terra, à Natureza, que nos deu vida e que nos fará parte dela.

Além de todo o estudo teórico que este trabalho envolveu, necessário para a compreensão do tema e subtemas e para responder às questões levantadas, o projecto final, resultado de uma devoção às emoções do Homem e à Natureza, conjuga a forma, percursos e espaços sempre no sentido da atenção ao próximo. Uma arquitectura para o outro, e eventualmente, para mim. Uma arquitectura transversal. Uma fonte do que parece ser vanguardista, pela flexibilidade de culto religioso e a introdução de uma outra prática fúnebre, num mundo rural e tradicional onde é importante manter o rito e a lembrança.

Neste trabalho que agora chega ao fim – ou a uma pausa sem data de recomeço – é esperado nele encontrar um abrir de horizonte do pensamento e exploração do fazer sentir, um abrir de um pensamento arquitectónico relativamente ao tema fúnebre e, sobretudo, um abrir da discussão da relação das construções fúnebres, sejam estas cemiteriais ou da esfera crematória, com a cidade e, finalmente projectar as cidades tendo a necrópole como um elemento inerente ao projecto.

Bibliografia

Arquivo Histórico Parlamentar. – Secção I-II, Cx. 101. Cf. SOEIRO, Teresa – História Local, Penafiel: Edição Museu Municipal de Penafiel, p.151, 2005.

Botelho, Maria (2010), *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal (1870-2010) volume ii*, Tese de Doutoramento no Ramo de Conhecimento em História da Arte. Porto, FLUP.

Célia Domingues e Cynthia Valente (2017, Setembro 26) Lousada: nascem 4 mil por ano no concelho mais jovem. *Diário de Notícias*. Portugal.

Couto & Rosas, 2007. *Um Novo Tempo da História. Parte 3. História A 10º ano*. Porto Editora

Cremation Society - International Statistic 2018. Consultado em Junho de 2020. Disponível em: <https://www.cremation.org.uk/International-cremation-statistics-2018>.

Davies & Mates (2005). *Encyclopedia of Cremation*, Ashgate Publishing Limited, England. *A chronology of cremation*. Ashgate Publishing Company, England.

DIAS, Marta Miriam Ramos. *Representações de luto e lamentação em fontes medievais peninsulares da Idade Média e início da Idade Moderna VS 23* (2016).

Eliade, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. Tradução por Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo, Martins Fontes 2008.

Epicuro, *Epístola de Epicuro a Meneceu*, 125, *Obras completas*, ed. e trad. J. Vara, Madrid, 1996.

Figueiredo, Jorge (2009/2010). *Arquitetura religiosa contemporânea/A essência do espaço sagrado no séc. XX*. Dissertação de mestrado integrado em Arquitectura, FAUP.

Garcia, Andreia. *Espaço Cénico, Arquitectura e Cidade. Guimarães, Um Modelo Conceptual*. Casal de Cambra: Caleidoscópico, Dezembro de 2016.

Garin, Eugenio, *O Renascimento. História de uma Revolução Cultural* (1964), Porto, 1972.

GORGEL, António Castro - *Lousada Na Ribalta*. Lousada: Tipografia “Heraldo”. 1948.

J. M. Simões Ferreira, *Arquitetura para a Morte. A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*. Dissertação de Doutoramento em Teorias e História das Ideias, FCSH/UNL, 2005.

Kavács, Maria, *Morte e o Desenvolvimento Humano*. São Paulo, Casa do Psicólogo, (1992).

Landa, C. Las ciudades y la memoria o la memoria de las ciudades. *Disquisiciones para olvidar el olvido. Urbania, Revista de arqueología e historia de las ciudades*, 4 (2015), ISSN 1853-7626, Arqueocoop Ltda. Buenos Aires.

Lopes, Emanuel (2011). *Projecto de Novo Crematório em Hietaniemi*. Tese para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, Universidade da Beira Interior, p. 5-6

Machado, Carlos. *Cuidar dos Mortos*. Instituto de Sintra (1999), Gráfica European, Lda.

Magalhães, Pedro (2012). *Propriedade e Proprietários da Terra na freguesia de Nespereira (Lousada). Roturas ou continuidades – da Época Moderna ao Liberalismo*. FLUP.

Metcalf & Huntigton, *Celebrations of Death: The Anthropology of Mortuary Ritual*. second edition. Cambridge University Press (1991).

Miranda, Nelson (2002/2003). *Espaços da morte. Reflexões e pontos de partida para uma investigação*. Prova final para licenciatura em arquitetura, FAUP, Porto.

Miranda & Sequeira (2012), *Incipit 1 Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009–10*, Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

Museu Britânico.

Oliveira, Maria (2007). *In memoriam, na cidade*, Tese de Doutoramento em Arquitectura, ramo do conhecimento Cultura Arquitectónica, Universidade do Minho, p.129-131.

Pallasmaa, *Los ojos de la piel: La arquitectura y los sentidos*. Edição espanhola. GG editora, 2006.

Prensas de la Universidad de Zaragoza (2015). *Materiales de Urbanismo* 2015.17, vol. 04.

Rodríguez Casal, Antón A. (1990). *O Megalitismo: A primeira arquitectura monumental de Galícia*. Santiago de Compostela: Universidade. Servicio de publicacións e Intercambio Científico.

Serro, Luís (2010). Arquitectura no período gótico em Portugal: influência mendicante e da Ordem de Cister, *Revista Arquitectura Lusíada.1*, p. 187-205.

Silva, José (2007). *A Casa Nobre no concelho de Lousada*. Dissertação de Mestrado em História de Arte em Portugal, FLUP.

Strongman, K.T (1996). *The psychology of emotion – Fourth Edition*. Traduzido por José Nunes de Almeida, 2ª edição (2004). Cimepsi Editores. Lisboa.

Torres, Marta (2014). *A última Cidade*, Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto em Arquitectura. FAUP, Porto, p. 115

XISTO, Brenda Orvalho de Oliveira. “Assunto encerrado?” *Atitudes contemporâneas perante a morte e a cremação em Lisboa*. Tese de Mestrado de Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2012.

Webgrafia

Agência Lusa, (2019, Julho) Portugal teve a quarta taxa de natalidade mais baixa da UE em 2018, Portugal: *Observador*. Disponível em: <https://observador.pt>

Alves, Jorge (2012) ArchDaily. Consultado em Junho de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-47516/ampliacao-e-conservacao-do-cemiterio-de-sendim-luisa-valente>

ArchDaily (2012). Crematorium / Architectural Bureau G.Natkevicius & Partners. Consultado em Junho de 2020. Disponível em: https://www.archdaily.com/216622/crematorium-architectural-bureau-g-natkevicius-partners?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects

ArchDaily (2018) *Crematório Siesegem / KAAAN architecten*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/908189/crematorio-siesegem-kaan-architecten>

ArchDaily (2008) *Tanatório de Léon / BAAS*. Disponível em: <https://www.archdaily.com/3891/tanatorio-municipal-de-leon-baas~>

Arquivo Nacional. Torre do Tombo (2019). *Bula "manifestis probatum" do papa alexandre iii pela qual confirmou o reino de portugal ao rei d. Afonso henriques e a seus herdeiros*. Consultado em: Abril de 2020. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=39>

Arte & Património (2009). *Origem histórica do conselho de Lousada*. Como citado em: In Seminário «Capelas Públicas de Lousada» 1997. Disponível em: <https://arteepatrimonio.blogs.sapo.pt/1200.html>

Barata, A. (2019, Novembro 1) Cremações aumentam à uma década. Portugal: *Jornal de Notícias*. Disponível em: <https://www.jn.pt/nacional/cremacoes-aumentam-ha-uma-decada--11469394.html>

Bencatel, Diana (2009). Sarcófagos e sepulturas medievais (Maia e Matosinhos): análise tipológica e cronológica, *Revista de Arqueologia, volume 12*, pp 209-238. http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/revistaportuguesadearqueologia/12_2/RP_A_12_2_209_238.pdf

Backlund, Daniel (2016, Novembro). Disponível em: <http://www.roomofpossibilities.com/index.php/2016/11/21/a-guide-for-death-in-search-of-the-narrative-proposal-for-larvik-crematorium-by-sverre-fehn-and-geir-grung/>

Câmara municipal do Porto. Consultado em: Fevereiro de 2020. Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/assets/misc/documentos/Ambiente/cemiterios/Cremat%2B%C2%A6rio do Porto.pdf>

Cimitero Monumentale (2019). Disponível em: <https://monumentale.comune.milano.it/cimitero-monumentale/tempio-crematorio>

DN (2018, Dezembro). Declínio da natalidade é bom e não há motivo para alarme, garante cientista, Portugal: *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/vida-e-futuro/declinio-da-natalidade-e-bom-e-nao-ha-motivo-para-alarme-garante-cientista-10364567.html>

Espaço de Arquitectura, (2018, Março). *Tanatório de Matosinhos – Ampliação e Conservação. Matosinhos*. Consultado a Maio de 2020. Disponível em: <https://espacodearquitetura.com/projetos/tanatorio-de-matosinhos-ampliacao-e-conservacao-do-cemiterio-de-sendim/>

Ferreira, L. (2011, Novembro 2) Número de cremações em Portugal continua a crescer. Portugal: *Público*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2001/11/02/jornal/numero-de-cremacoes-em-portugal-continua-a-crescer-163676>

Frank Lloyd Wright Foundation – Advancing the way we build and live. *Solomon R. Guggenheim Museum*. Disponível em: <https://franklloydwright.org/site/solomon-r-guggenheim-museum/>

indexMundi, (2019, Janeiro) *Taxa de Mortalidade no Mundo*. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/>

INE, PORDATA – Base de Dados Portugal Contemporâneo. *Óbitos de residentes em Portugal: total e no primeiro ano de vida*. Consultado em Março de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/%C3%93bitos+de+residentes+em+Portugal+total+e+no+primeiro+ano+de+vida-15>

Infopédia.pt, Dicionários Porto Editora, 2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/>

Lopes, Maria (2011). *As grandes datas da existência: momentos privados e rituais públicos*. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/46703/1/Lopes%2c%20M.A.%20As%20grandes%20datas%20da%20existencia.pdf>

Lusa. (2012, Maio 26) Nove em cada 100 funerais realizados em Portugal são cremações. Portugal: *Diário de Notícias*. Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/nove-em-cada-100-funerais-realizados-em-portugal-sao-cremacoes-2546820.html>

Maia, Ana (2019, Outubro 7). Os cemitérios densos, sobrelotados e verticais de Hong Kong. *Publico*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2019/10/07/p3/fotogaleria/cemiterios-densos-sobrelotados-verticais-hong-kong-397339>

Office Twenty Five Architects (2012). *Water Temple_Tadao Ando*. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: https://o25.gr/water-temple_tadao-ando/

Perez, Adelyn. *Clássicos da Arquitectura: Museu Guggenheim / Frank Lloyd Wright*. 2016. Archdaily. Consultado em Março de 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/798207/classicos-da-arquitetura-museu-guggenheim-frank-lloyd-wright>

Pinto,F. (2017, Julho) Lousada tem a taxa de natalidade mais alta da região, Portugal: *Verdadeiro Olhar*. Disponível em: <https://verdadeiroolhar.pt/2017/07/18/lousada-taxa-natalidade-elevada-da-regiao/>

PORDATA, Base de dados Portugal Contemporâneo. Consultado em Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-458>

SumProject+SumResearch. *Crematorium “Uitzicht”*. Consultado em: Junho de 2020. Disponível em: <https://www.sum.be/crematorium>